Reflexões sobre a Revolução em França
e sobre os
Procedimentos de Certas Sociedades em Londres
em Relação a esse Evento.

Em uma Carta
Tencionada para Ter Sido Enviada para um Cavalheiro
em Paris
pelo Muito Honorável
Edmund Burke.
A Oitava Edição.

Londres:
Impresso por J. Dodsley, em Pall-Mall.

M.DCC.XCI.

Tradução de língua Inglesa para língua Portuguesa
de
Herculano de Lima Einloft Neto.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2012.

Reflexões sobre a Revolução em França
e sobre os
Procedimentos de Certas Sociedades em Londres
em Relação a esse Evento.

Em uma Carta
Tencionada para Ter Sido Enviada para um Cavalheiro
em Paris
pelo Muito Honorável
Edmund Burke.
A Oitava Edição.

Londres:
Impresso por J. Dodsley, em Pall-Mall.

M.DCC.XCI.

Tradução de língua Inglesa para língua Portuguesa
de
Herculano de Lima Einloft Neto.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2012.

Vol. I de II desta tradução.
Utilizei-me nesta tradução de:
Houaiss, Antônio; Avery, Catherine B. (editores), Nôvo Dicionário Barsa das Línguas Inglesa e Portuguesa, Appleton-Century-Crofts, Division of Meredith Publishing Company, New York 1967.
The Collaborative International Dictionary of English v.0.48 [gcide]
WordNet (r) 3.0 (2006) [wn]
Moby Thesaurus II by Grady Ward, 1.0 [moby-thes]
Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, http://priberam.pt/dlpo/ .
Dicionário Houaiss da língua portuguesa.
Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira da língua portuguesa.

Título original : Reflections on the Revolution in France, and on the Proceedings in Certain Societies in London Relative to that Event. In a Letter Intended to Have Been Sent to a Gentleman in Paris.

Pode não ser desnecessário informar o Leitor, que as seguintes Reflexões tiveram sua origem em uma correspondência entre o Autor e um muito jovem cavalheiro em Paris, que lhe fez a honra de desejar sua opinião, sobre as importantes transações, que então, e desde então, têm tanto ocupado a atenção de todos os homens. Uma resposta foi escrita algum tempo no mês de Outubro de 1789; mas ela foi retida sobre considerações prudenciais. Essa carta é aludida no início das folhas seguintes. Ela foi desde então encaminhada à pessoa a que foi endereçada. As razões para a demora em enviá-la foram assinaladas em uma curta carta ao mesmo cavalheiro. Isso produziu de sua parte uma nova e pressionante aplicação pelos sentimentos do Autor.

O Autor começou uma segunda e mais completa discussão sobre o tema. Esta ele teve alguns pensamentos de publicar no começo da última primavera; mas com o avanço do assunto sobre ele, viu que a tarefa que empreendia não apenas em muito excedia a medida de uma carta, mas que sua importância requeria preferivelmente uma consideração mais detalhada do que àquele tempo ele tinha qualquer tempo livre para dedicar-lhe. Contudo, tendo colocado seus primeiros pensamentos na forma de uma carta, e de fato quando sentou para escrever, tencionando uma carta privada, achou difícil mudar a forma de endereçamento, quando seus sentimentos tinham crescido para um extento maior, e recebido outra direção. Um plano diferente, ele sente, pode ser mais favorável a uma divisão e distribuição convenientes desta matéria.

CARO SENHOR,

Voce pede com satisfação mais uma vez, e com algum ardor, meus pensamentos sobre os procedimentos recentes em França. Eu não lhe darei razão para imaginar, que eu considere meus sentimentos de tanto valor de forma a desejar ser solicitado por eles. Eles são por demais de pouca consequência para ser muito ansiosamente quer comunicados ou contidos. Foi por atenção a você, e a você apenas, que eu hesitei ao tempo, quando você primeiro desejou recebê-los. Na primeira carta que eu tive a honra de escrever-lhe, e que envio por inteiro, eu não escrevi de, nem para, qualquer descrição de homens, nem o farei, nesta. Meus erros, se os há, são meus próprios. Minha reputação somente deve responder por eles.

Você vê, Senhor, pela longa carta que lhe transmiti, que, embora eu deseje muito de coração que França possa ser animada por um espírito de liberdade racional, e que eu os pense vinculados, em toda política honesta, a prover um corpo permanente, no qual esse espírito possa residir, e um órgão efetivo, pelo qual possa agir, é meu infortúnio entreter grandes dúvidas concernindo vários pontos materiais de suas últimas transações.

Você imaginou, quando escreveu da última vez, que eu poderia talvez ser reconhecido entre os aprovadores de certos procedimentos em França, por conta do solene selo de sanção pública que eles receberam de dois clubes de cavalheiros de Londres, chamados a Sociedade Constitucional, e a Sociedade de Revolução.

Eu certamente tenho a honra de pertencer a mais clubes de que um, em que a constituição deste reino e os princípios da gloriosa Revolução, são tidos em grande reverência: e eu me vejo entre os mais dianteiros em meu zelo por manter essa constituição e esses princípios em sua maior pureza e vigor. É porque eu o faço, que penso necessário para mim, que não deva haver engano. Os que cultivam a memória de nossa revolução, e os que são vinculados à constituição deste reino, terão bom cuidado em como sejam envolvidos com pessoas que, sob o pretexto de zelo para a Revolução e a Constituição, frequentemente demais desviam de seus verdadeiros princípios; e são prontos em toda ocasião para divergir do firme mas cauteloso e deliberado espírito que produziu uma, e que preside na outra. Antes que eu proceda a responder os particulares mais materiais em sua carta, eu devo pedir licença para lhe dar tal informação como eu tenho sido capaz de obter dos dois clubes que pensaram próprio, como corpos, interferir nas concernências de França; primeiro lhe assegurando, que eu não sou, e que eu nunca fui, um membro de nenhuma dessas duas sociedades.

A primeira, chamando-se a Sociedade Constitucional, ou Sociedade para Informação Constitucional, ou por algum tal título, é, acredito, de seis ou sete anos de vida. A instituição dessa sociedade aparenta ser de uma caridosa, e até aqui louvável, natureza: ela destinava-se à circulação, ao custo dos membros, de vários livros, que poucas outras estariam dispostas a comprar; e que poderiam repousar nas mãos de livreiros, para a grande perda de um corpo útil de homens. Se os livros tão caridosamente circularam, foram tão caridosamente lidos, é mais do que sei. Possivelmente diversos deles têm sido exportados a França; e, como bens não requisitados aqui, podem ter encontrado um mercado em vocês. Eu tenho ouvido muita conversa das luzes a ser tiradas de livros que são mandados daqui. Que melhoramentos eles têm tido em sua passagem (como é dito que algumas bebidas são melhoradas por cruzar o mar) não posso dizer: Mas eu nunca ouvi um homem de julgamento comum, ou o menor grau de informação, falar uma palavra de apreço da maior parte das publicações circuladas por essa sociedade; nem têm seus procedimentos sido vistos, exceto por alguns deles mesmos, como de qualquer consequência séria.

Sua Assembleia Nacional parece entreter a mesma opinião que eu faço desse pobre clube de caridade. Como nação, vocês reservaram todo o estoque de seus eloquentes reconhecimentos para a Sociedade de Revolução; quando seus pares na Constitucional eram, em igualdade, dignos de certa parte. Desde que vocês selecionaram a Sociedade de Revolução como o grande objeto de seus nacionais agradecimentos e apreços, vocês me pensarão perdoável em fazer de sua conduta recente o sujeito de minhas observações. A Assembleia Nacional de França tem dado importância a esses cavalheiros adotando-os; e eles retornam o favor, agindo como um comitê em Inglaterra para estender os princípios da Assembleia Nacional. Daqui em diante nós devemos considerá-los como um tipo de pessoas privilegiadas; como nenhum membro inconsiderável do corpo diplomático. Essa é uma entre as revoluções que tem dado esplendor a obscuridade, e distinção a mérito indiscernido. Até muito recentemente eu não lembro de ter ouvido falar desse clube. Eu tenho bastante certeza que ele nunca ocupou um momento de meus pensamentos; nem, acredito, aqueles de quaisquer pessoas fora de seu próprio conjunto. Eu acho, sob enquirimento, que no aniversário da Revolução em 1688, um clube de dissidentes, mas de que denominação eu não sei, têm há tempo tido o costume de ouvir um sermão em uma de suas igrejas; e que depois eles gastavam o dia alegremente, como outros clubes fazem, na taverna. Mas eu nunca ouvi que qualquer medida pública, ou sistema político, muito menos que os méritos da constituição de qualquer nação estrangeira, tivessem sido o sujeito de um procedimento formal em seus festivais; até que, para minha inexprimível surpresa, eu os achei em uma sorte de capacidade pública, por um endereçamento congratulatório, dando uma sanção autoritativa aos procedimentos da Assembleia Nacional em França.

Nos antigos princípios e conduta do clube, tão longe ao menos como eles foram declarados, não vejo nada a que eu poderia tomar exceção. Eu penso muito provável, que por algum propósito, novos membros possam ter entrado entre eles; e que alguns políticos verdadeiramente cristãos, que amam dispensar benefícios, mas são cuidadosos em ocultar a mão que distribui a doação, podem tê-los feito instrumento de seus desígnios pios. O que quer que eu possa ter razão para suspeitar concernindo gerenciamento privado, eu devo falar de nada como de uma certeza, a não ser o que é público.

Em primeiro lugar, eu deveria lamentar ser pensado, direta- ou indiretamente, concernido em seus procedimentos. Eu certamente tomo minha porção completa, junto ao resto do mundo, em minha capacidade individual e privada, em especular sobre o que foi feito, ou é feito, no cenário público; em qualquer lugar antigo ou moderno; na república de Roma, ou a república de Paris; mas tendo nenhuma missão apostólica geral, sendo um cidadão de um estado particular, e sendo vinculado em um grau considerável por sua vontade pública, eu deveria pensá-lo, pelo menos impróprio e irregular, que eu abrisse uma correspondência pública formal com o real governo de uma nação estrangeira, sem a autoridade expressa do governo sob o qual eu vivo.

Eu deveria ser ainda mais indisposto a entrar nessa correspondência, sob qualquer coisa como uma descrição equívoca, que para muitos, não acostumados com nossos usos, pode fazer o endereçamento, em que eu juntei, aparecer como o ato de pessoas em certo tipo de capacidade corporativa, reconhecida pelas leis deste reino, e autorizada a falar o senso de certa parte dele. Por conta da ambiguidade e incerteza de descrições gerais não-autorizadas, e da decepção que pode ser praticada sob elas, e não por mera formalidade, a Câmara dos Comuns rejeitaria a petição mais sorrateira para o objeto mais trivial, sob esse modo de assinatura para o qual vocês jogaram abertas as porta-dobrantes de sua câmara de presença, e introduziram dentro de sua Assembleia Nacional, com tanta cerimônia e parada, e com tão grande salva de aplauso, como se vocês tivessem sido visitados pela completa majestade representativa da completa nação Inglesa. Se o que essa sociedade pensou próprio a mandar adiante tivesse sido um pedaço de argumentação, teria significado pouco de quem fosse o argumento. Seria nem mais nem menos convincente por conta da parte de que veio. Mas isso é apenas um voto e resolução. Isso baseia-

se somente em autoridade; e neste caso é a mera autoridade de indivíduos, poucos dos quais aparecem. Suas assinaturas deveriam, em minha opinião, ter sido anexadas a seu instrumento. O mundo então teria meios de saber quantos eles são; quem eles são; e de que valor suas opiniões podem ser, de suas habilidades pessoais, de seu conhecimento, sua experiência, ou sua liderança e autoridade neste estado. Para mim, que sou somente um homem plano, o procedimento parece um pouco refinado demais, e por demais engenhoso; tem por demais o ar de um estratagema político, adotado pelo propósito de dar, sob um nome de alta sonoridade, uma importância às declarações públicas desse clube, que, quando a matéria viesse a ser inspecionada de perto, eles em geral não merecem tão bem. Isso é uma política que tem muito a complexão de uma fraude.

Eu me lisonjeio de que eu amo uma liberdade máscula, moral, regulada tanto quanto os cavalheiros dessa sociedade, seja ele quem quiser; e talvez eu tenha dado tão boas provas de minha vinculação a essa causa, em todo o curso de minha conduta pública. Eu penso que invejo liberdade tão pouco quanto eles, a qualquer outra nação. Mas eu não posso vir à frente, e dar apreço ou culpa a qualquer coisa que se relaciona a ações humanas, e concernências humanas, em uma simples visão do objeto, como está desnudado de toda relação, em toda nudez e solidão de abstração metafísica. Circunstâncias (que com alguns cavalheiros passam por nada) dão na realidade a todo princípio político sua cor distintiva, e efeito discriminativo. As circunstâncias são o que rende todo esquema civil e político benéfico ou nocivo à humanidade. Falando abstratamente, governo, tanto quanto liberdade, é bom; no entanto poderia eu, em senso comum, dez anos atrás, haver felicitado França em seu desfrute de um governo (pois então ela tinha um governo) sem enquirimento de que era a natureza desse governo, ou como ele era administrado? Posso eu agora congratular a mesma nação sobre sua liberdade? É porque liberdade no abstrato pode ser classificada entre as bençãos da humanidade, que eu seriamente devo felicitar um louco, que escapou das restrições protetoras e total escuridão de sua cela, em sua restauração ao desfrute de luz e liberdade? Devo eu congratular um ladrão de estradas e assassino, que escapou da prisão, sobre a recuperação de seus direitos naturais? Isso seria reencenar as cenas de criminosos condenados às galés, e seu heróico libertador, o metafísico Cavaleiro do Triste Semblante.

Quando eu vejo o espírito de liberdade em ação, vejo um forte princípio em trabalho; e isso, por um tempo, é tudo o que posso saber dele. O *gas* selvagem, o ar fixo é claramente desprendido: mas nós devemos suspender nosso julgamento até que a primeira efervescência seja um pouco subsidiada, até que o liquido esteja límpido, e até que vejamos mais fundo que a agitação de uma problemática e espumosa superfície. Eu devo estar toleravelmente certo, antes de aventurar-me publicamente a congratular homens sobre uma benção, de que eles realmente receberam uma. Bajulação corrompe ambos o receptor e o doador; e adulação não é de mais serviço ao povo de que a reis. Eu deveria então suspender minhas congratulações sobre a nova liberdade de França, até que eu fosse informado de como ela foi combinada com governo; com força pública; com a disciplina e obediência de exércitos; com a coleção de uma efetiva e bem-distribuída renda; com moralidade e religião; com a solidez de propriedade; com paz e ordem; com maneiras civis e sociais. Todos esses (em seu modo) são coisas boas também; e sem eles, liberdade não é um benefício enquanto dura, e não é promissora de continuar por muito tempo. O efeito de liberdade para indivíduos é, que eles podem fazer o que querem: Nós deveríamos ver o que eles quererão fazer, antes de arriscar congratulações, que podem em breve tornar-se reclamações. Prudência iria ditar isso no caso de homens privados insulados separados; mas liberdade, quando homens agem em corpos, é *poder*. Pessoas que têm consideração, antes de declarar-se, irão observar o uso que é feito de *poder*; e particularmente de tão tentativa uma coisa como *novo* poder em *novas* pessoas, de cujos princípios, temperamentos, e disposições, eles têm pouca ou nenhuma experiência, e em situações onde os que parecem os mais agitantes no cenário podem talvez não ser os verdadeiros movimentadores.

Todas estas considerações no entanto estiveram abaixo da dignidade transcedental da Sociedade de Revolução. Enquanto eu continuei no país, de onde tive a honra de escrever a você, eu tive somente uma idéia imperfeita das transações deles. Em minha vinda à cidade, eu enviei um pedido de relato de seus procedimentos, que tinham sido publicados por sua autoridade, contendo um sermão do Dr. Price, com a letra do Duque de Rochefaucault e do Arcebispo de Aix, e diversos outros documentos anexados. O todo dessa publicação, com o desígnio manifesto de conectar os assuntos de França com aqueles de Inglaterra, enveredando-nos em uma imitação da conduta da Assembleia Nacional, deu-me um considerável grau de incômodo. O efeito dessa conduta sobre o poder, crédito, prosperidade, e tranquilidade de França, tornou-se mais evidente a cada dia. A forma de constituição a ser estabelecida, para sua futura política, tornou-se mais clara. Nós estamos agora em uma condição de discernir, com tolerável exatidão, a verdadeira natureza do objeto firmado para nossa imitação. Se a prudência de reserva e decoro dita silêncio em certas circunstâncias, em outras prudência de uma ordem maior pode nos justificar em falar nossos pensamentos. Os começos de confusão conosco em Inglaterra são em presente fracos o suficiente; mas com vocês, nós vimos uma infância ainda mais fraca, crescendo por momentos em uma força para ceifar montanhas sobre montanhas, e para fazer guerra com o Céu ele-mesmo. Sempre quando a casa de nosso vizinho está em chamas, não pode ser engano para os motores jogar um pouco por nós. Melhor ser desprezado por apreensões por demais ansiosas, de que arruinado por confidente demais uma segurança.

Solicitoso principalmente pela paz de meu próprio país, mas por nenhum meio inconcernido pela do seu, eu desejo comunicar mais largamente, o que de início era intencionado apenas para sua satisfação privada. Eu devo ainda manter seus assuntos em meu olho, e continuar a endereçar-me a você. Indulgindo-me na liberdade do intercurso epistolar, eu peço licença para jogar fora meus pensamentos, e expressar meus sentimentos, justo como eles surgem em minha mente, com muito pouca atenção a método formal. Eu principiei com os procedimentos da Sociedade Revolucionária; mas eu não devo me confinar a eles. É possível que eu devesse? Parece-me como se eu estivesse em uma grande crise, não dos assuntos de França só, mas de toda a Europa, talvez de mais que Europa. Todas as circunstâncias tomadas junto, a revolução Francesa é a mais espantosa que aconteceu até hoje no mundo. As coisas mais maravilhosas são trazidas em muitas instâncias por meios os mais absurdos e ridículos; nos modos mais ridículos; e aparentemente, pelos mais contemptíveis instrumentos. Tudo parece fora de natureza nesse estranho caos de frivolidade e ferocidade, e de todos os tipos de crime misturados junto com toda sorte de insensatezes. Em ver esse monstruoso cenário tragi-cômico, as paixões mais opostas necessariamente sucedem, e por vezes misturam-se umas com as outras na mente; contempto e indignação alternados; alternados riso e lágrimas; alternados desdém e horror.

Não pode ser negado, que para alguns esse cenário estranho apareceu em inteiramente outro ponto de vista. Neles ele inspirou não outros sentimentos que os de exultação e enlevo (NT: ou êxtase). Não viram nada no que foi feito em França, além de um firme e temperado exercício de liberdade; tão consistente, no todo, com moral e piedade, como a fazê-lo merecedor não só do secular aplauso de arrojados políticos Maquiavélicos, mas fazê-lo um tema ajustado para todas as efusões devotas de eloquência sagrada.

Na parte mais avançada da manhã do dia 4 de Novembro último, Doutor Richard Price, um ministro não-conformante de eminência, pregou na casa de encontros dissentiva da Velha Judiaria, para seu clube ou sociedade, um sermão miscelâneo muito extraordinário, no qual há alguns bons sentimentos morais e religiosos, e não mal expressados, misturados em um tipo de papa de várias opiniões políticas e reflexões: mas a revolução em França é o grande ingrediente no caldeirão. Eu considero o endereçamento transmitido pela Sociedade de Revolução à Assembleia Nacional, através de Conde (NT: Earl) Stanhope, como originando nos princípios do sermão, e como um corolário deles. Ele foi

movido pelo pregador desse discurso. Foi passado por aqueles que vieram exalando cheiro do efeito do sermão, sem qualquer censura ou qualificação, expressada ou implícita. Se, contudo, qualquer dos cavalheiros concernidos deva desejar separar o sermão da resolução, eles sabem como reconhecer o um, e repudiar o outro. Eles podem fazê-lo: eu não posso.

Por minha parte, eu vi o sermão como a declaração pública de um homem muito conectado com cabaladores literários, e filósofos intrigadores; com teólogos políticos, e políticos teológicos, tanto em casa como no exterior. Eu sei que eles o colocaram como uma espécie de oráculo; porque, com as melhores intenções no mundo, ele naturalmente *philippiza*, e entoa sua canção profética em exato uníssono com os desígnios deles.

Esse sermão é em uma espécie que eu acredito não foi ouvida nesse reino, em qualquer dos púlpitos que são tolerados ou encorajados nele, desde o ano 1648, quando um predecessor do Dr. Price, o Reverendo Hugh Peters, fez a abóboda da ṕropria capela do rei em St. James ressoar com a honra e o privilégio dos Santos, que, com os "altos louvores de Deus em suas bocas, e uma espada de *dois* gumes em suas mãos, executariam julgamentos sobre os pagãos, e punições sobre o *povo*; vinculariam seus *reis* com correntes, e seus *nobres* com penas de ferro *." (* Salmo cxlix) Poucos discursos populares do púlpito, exceto nos dias de sua liga em França, ou nos dias de nossa solene liga e convênio em Inglaterra, já respiraram menos do espírito de moderação que essa palestra na Velha Judiaria. Supondo, contudo, que algo como moderação fosse visível nesse sermão político; ainda política e púlpito são termos que têm pouco acordo. Nenhum som deve ser ouvido na igreja além da voz curadora da caridade Cristã. A causa de liberdade civil e governo civil ganha tão pouco quanto a de religião por essa confusão de deveres. Aqueles que desistem de seu caráter próprio, para assumir o que não lhes pertence, são, na maior parte, ignorantes tanto do caráter que deixam, quanto do caráter que assumem. Totalmente desfamiliarizados com o mundo em que são tão afeitos a se intrometer, e inexperientes em todos os seus assuntos, sobre os quais pronunciam com tanta confidência, eles não têm nada de política a não ser as paixões que eles excitam. Certamente a igreja é um lugar onde a trégua de um dia deveria ser permitida às dissenções e animosidades da humanidade.

Esse estilo de púlpito, revivido após tão longa descontinuação, tinha para mim o ar de novidade, e de uma novidade não de todo sem perigo. Eu não carrego esse perigo igualmente para toda parte do discurso. A dica dada para um nobre e reverendo secular-divino, que é suposto em alto ofício em uma de nossas universidades*, (* Discourse on the Love of our Country (Discurso sobre o Amor de nosso País), Nov. 4, 1789, por Dr. Richard Price, 3a edição, p. 17 e 18) e a outros secular-divinos "de *posto* e literatura," pode ser própria e oportuna, embora algo nova. Se os nobres *Seekers* devessem achar nada para satisfazer suas pias fantasias no velho empório da igreja nacional, ou em toda rica variedade a ser encontrada nos bem-sortidos armazéns das congregações dissidentes, Dr. Price os aconselha a melhorar a não-conformidade; e a organizar, cada um deles, uma casa de encontro separada sobre seus próprios princípios particulares*. (* "Os que desgostam do modo de culto que é prescrito por autoridade pública deveriam, se eles não podem encontrar culto fora da igreja que eles aprovam, estabelecer um culto separado para eles mesmos; e por fazendo isso, e dando um exemplo de culto racional e másculo, homens de *peso* de seu *posto* e literatura podem fazer o maior serviço a sociedade e o mundo." P. 18. Dr. Price's Sermon.) É de certa forma notável que esse reverendo divino devesse ser tão zeloso para configurar novas igrejas, e tão perfeitamente indiferente concernindo à doutrina que possa ser ensinada nelas. Seu zelo é de um caráter curioso. Ele não é para a propagação de suas próprias opiniões, mas de quaisquer opiniões. Ele não é para a difusão da verdade, mas para a disseminação da contradição. Deixe os nobres professores dissentirem, não importa de quem ou de que. Esse grande ponto uma vez assegurado, fica tomado por certo que sua religião será racional e máscula. Eu duvido que religião ceifasse todos os benefícios que o calculista divino computa dessa "grande companhia de grandes

pregadores." Seria certamente uma adição valiosa de não-descritos para a ampla coleção de classes conhecidas, gêneros e espécies, que de presente embelezam o *hortus siccus* da dissenção. Um sermão de um nobre duque, ou um nobre marquês, ou um nobre conde, ou barão corajoso, certamente aumentaria a diversificaria as diversões desta cidade, que começa a tornar-se saciada com o círculo uniforme de suas vápidas dissipações. Eu deveria apenas estipular que esses novos "Joãos de Missa" em mantos e coronetas devessem manter algum tipo de limites nos princípios democráticos e niveladores que se espera de seus púlpitos titulados. Os novos evangelistas irão, ouso dizer, desapontar as esperanças que são concebidas deles. Eles não irão tornar-se, literalmente tanto como figurativamente, divinos polêmicos, nem ser dispostos assim a escavar suas congregações para que eles possam, como em passados tempos abençoados, pregar suas doutrinas para regimentos de dragões, e corpos de infantaria e artilharia. Tais arranjos, embora favoráveis à causa de liberdade compulsória, civil e religiosa, pode não ser igualmente condutiva à tranquilidade nacional. Essas poucas restrições eu espero não sejam grandes esticamentos de intolerância, não muito violentas exerções de despotismo.

Mas eu posso dizer de nosso pregador, "*utinam nugis tota illa dedisset tempora saevitiae*." -- Todas as coisas nessa sua fulminante bula não são de tão inóxia uma tendência. Suas doutrinas afetam nossa constituição em suas partes vitais. Ele diz à Sociedade de Revolução, nesse sermão político, que sua majestade "é quase o *único* rei legítimo no mundo, porque o *único* que deve sua coroa à *escolha de seu povo*." No que concerne aos reis d*o mundo,* todos os quais (exceto um) esse arcepontífice dos *direitos de homens,* com toda a plenitude, e com mais do que a coragem do poder de deposição papal em seu fervor meridiano do décimo-segundo século, põe em uma cláusula varredora de banição e anatema, e proclama usurpadores por círculos de longitude e latitude, sobre todo o globo, torna-se necessário para eles considerar como eles admitem em seus territórios esses missionários apostólicos, que pretendem dizer aos seus súditos que eles não são reis legítimos. Essa é a concernência deles. É a nossa, como um interesse doméstico de certo momento, considerar seriamente a solidez do *único* princípio sobre o qual esses cavalheiros reconhecem um rei de Grã-Bretanha a ser entitulado a sua lealdade.

Essa doutrina, como aplicada ao principe agora no trono Britânico, é ou insensatez, e portanto nem verdadeira nem falsa, ou ela afirma uma mais infundada, perigosa, ilegal, e inconstitucional posição. De acordo com esse doutor espiritual de política, se sua majestade não deve sua coroa à escolha de seu povo, ele não é rei *legítimo*. Agora nada pode ser mais falso do que que a coroa deste reino é então tida por sua majestade. Portanto se você seguir sua regra, o rei de Grã-Bretanha, que mais certamente não deve seu alto ofício a qualquer forma de eleição popular, não é em nenhum respeito melhor que o resto da gangue de usurpadores, que reinam, ou melhor roubam, sobre toda a face desse nosso miserável mundo, sem qualquer tipo de direito ou título para essa lealdade de seu povo. A política dessa doutrina geral, então qualificada, é evidente o suficiente. Os propagadores desse gospel político estão na esperança que seu princípio abstrato (seu princípio de que uma escolha popular é necessária para a existência legal da magistratura soberana) seria negligenciado enquanto o rei de Grã-Bretanha não fosse afetado por ele. No meio-tempo os ouvidos de suas congregações seriam gradualmente habituados a ele, como se fosse um primeiro princípio admitido sem disputa. Para o presente ele iria apenas operar como uma teoria, conservada nos sucos preservadores da eloquência púlpita, e deitada de lado para uso futuro. *Condo et compondo quae mox depromere possim*. Por essa política, enquanto nosso governo é amansado com uma reserva a seu favor, para a qual ele não tem direito, a segurança, que ele tem em comum com todos os governos, tanto quanto opinião é segurança, é levada embora.

Assim esses políticos procedem, enquanto pouca nota é tomada de suas doutrinas; mas quando vêm a ser examinados sobre o sentido plano de suas palavras e a tendência direta de suas doutrinas, então equívocos e construções escorregadias entram em jogo. Quando dizem que o rei deve sua coroa à escolha de seu povo, e é portanto o único soberano legítimo do mundo, eles querem talvez dizer-nos

que pretendem dizer não mais que que alguns dos predecessores do rei foram chamados ao trono por certa sorte de escolha; e portanto ele deve sua coroa à escolha de seu povo. Assim, por um miserável subterfúgio, eles esperam tornar sua proposição segura, por tornando-a nugatória. Eles são benvindos ao asilo que procuram por sua ofensa, já que tomam refúgio em sua insensatez. Pois, se você admite essa interpretação, como difere a ideia de eleição deles de nossa ideia de herança? E como é que o estabelecimento da coroa na linha de Brunswick derivada de James o primeiro, vem a legalizar nossa monarquia, ao invés de aquela de qualquer dos países vizinhos? Em algum ou outro momento, para ser certo, todos os principiantes de dinastias foram escolhidos por aqueles que os chamaram a governar. Há base suficiente para a opinião de que todos os reinos de Europa foram, em um momento remoto, eletivos, com mais ou menos limitações nos objetos de escolha; mas quaisquer reis possa ter havido aqui ou em outro lugar, mil anos atrás, ou em qualquer maneira que as dinastias governantes possam ter principiado, o Rei de Grã-Bretanha é neste dia rei por uma lei fixa de sucessão, de acordo com as leis de seu país; e enquanto as condições legais do compacto de soberania são desempenhadas por ele (como elas são desempenhadas) ele mantém sua coroa em contempto à escolha da Sociedade de Revolução, que não possuem um único voto para um rei entre eles, seja individual- ou coletivamente; embora eu não faça dúvida de que eles em breve ergueriam-se em um colégio eleitoral, se as coisas fossem maduras para dar efeito a seu clamor. Os herdeiros e sucessores de sua majestade, cada um em seu tempo e ordem, virão à coroa com o mesmo contempto de sua escolha com que sua majestade sucedeu ao que veste.

Qualquer que possa ser o sucesso de evasão em explicar o tosco erro de *fato*, que supõe que sua majestade (embora ele a mantenha em concorrência com os desejos) deve sua coroa à escolha de seu povo, ainda nada pode evadir a total declaração explícita, concernindo o princípio de um direito no povo de escolher, o qual direito é diretamente mantido, e a que é tenazmente aderido. Todas as insinuações oblíquas concernindo eleições baseiam-se nessa proposição, e são referenciáveis a ela. A não ser que o fundamento do título legal exclusivo do rei devesse passar por uma mera declamação extravagante de liberdade adulatória, o divino político procede dogmaticamente a assertar*, (* P. 34, Discourse on the Love of our Country, by Dr. Price.) que pelos princípios da Revolução o povo de Inglaterra adquiriu três direitos fundamentais, todos os quais, para ele, compõem um sistema, e estão juntos em uma curta sentença; nomeadamente, que nós adquirimos um direito
1. "De escolher nossos governantes."
2. "De demiti-los por má conduta."
3. "De estruturar um governo por nós mesmos."
Essa nova, e até aqui inaudita carta de direitos, embora feita em nome de todo o povo, pertence apenas a esses cavalheiros e sua facção! O corpo do povo de Inglaterra não tem parte nela. Eles, o povo, terminantemente a desclamam. Eles resistirão a asserção prática dela com suas vidas e fortunas. Eles estão vinculados a fazê-lo pelas leis de seu país, feitas ao tempo da mesma Revolução, à qual se apela em favor dos direitos fictícios clamados pela sociedade que abusa de seu nome.

Esses cavalheiros da Velha Judiaria, em todos os seus raciocínios sobre a Revolução de 1688, têm uma revolução que ocorreu em Inglaterra cerca de quarenta anos antes, e a última revolução Francesa, tanto ante seus olhos, e em seus corações, que eles estão constantemente confundindo todas as três junto. É necessário que nós devessemos separar o que eles confundem. Nós precisamos rechamar suas fantasias erráticas aos *atos* da Revolução que reverenciamos, para a descoberta de seus verdadeiros *princípios*. Se os *princípios* da Revolução de 1688 estão em qualquer lugar para ser encontrados, este é no estatuto chamado a *Declaração de Direito*. Nessa mais sábia, sóbria e de consideração declaração, feita por grandes advogados e grandes homens de estado, e não por mornos e inexperientes entusiastas, nem uma palavra é dita, nem uma sugestão feita, de um direito geral "de escolher nossos próprios *governantes*; de demiti-los por má conduta; e de *formar* um governo para nós mesmos."

Essa Declaração de Direito (o ato do 1.o de William e Mary, sess. 2. cap. 2.) é a pedra fundamental de nossa constituição, e em seus princípios fundamentais para sempre estabelecida. É chamada "Um ato para declarar os direitos e liberdades do sujeito, e para *estabelecer* a *sucessão* da coroa." Você irá observar, que esses direitos e essa sucessão são declarados em um corpo, e vinculados junto indissociavelmente.

Alguns anos após esse período, uma segunda oportunidade se ofereceu para assertar um direito a eleição na coroa. No prospecto de uma falha total de geração de Rei William, e da Princesa, depois Rainha Anne, a consideração dos estabelecimentos da coroa, e de uma ulterior segurança para as liberdades do povo, veio novamente diante da legislatura. Será que eles nessa segunda vez fizeram qualquer provisão para legalizar a coroa nos espúrios princípios de Revolução da Velha Judiaria? Não. Eles seguiram os princípios que prevaleceram na Declaração de Direito; indicando com mais precisão as pessoas que deveriam herdar na linha Protestante. Esse ato também incorporou, pela mesma política, nossas liberdades, e uma sucessão hereditária no mesmo ato. Ao invés de um direito de escolher nossos próprios governantes, eles declararam que a *sucessão* nessa linha (a linha protestante principiada em James o Primeiro) era absolutamente necessária "para a paz, tranquilidade, e segurança do reino," e que era igualmente urgente para eles "manter uma *certeza na sucessão* de então, para a qual os sujeitos podem seguramente ter recurso para sua proteção." Ambos esses atos, em que são ouvidos os inerráticos, inambíguos oráculos de política de Revolução, em vez de sustentar as delusivas, ciganas predições de um "direito de escolher nossos governantes", provam para uma demonstração como totalmente adversa a sabedoria da nação foi a tornar um caso de necessidade em uma regra de lei.

Inquestionavelmente houve na Revolução, na pessoa de Rei William, um pequeno e temporário desvio da ordem estrita de uma sucessão hereditária regular; mas é contra todos os princípios genuínos de jurisprudência extrair um princípio de uma lei feita em um caso especial, e referente a uma pessoa individual. *Privilegium non transit in exemplum*. Se já houve um tempo favorável para estabelecer o princípio, de que um rei de escolha popular fosse o único rei legal, sem qualquer dúvida foi na Revolução. O não tê-lo sido feito nesse tempo é a prova de que a nação era de opinião de que não deveria ser feito em tempo nenhum. Não existe pessoa tão completamente ignorante de nossa história, a ponto de não saber, que a maioria em parlamento de ambos partidos estavam tão pouco dispostas a qualquer coisa semelhante a esse princípio, que de início eles estavam determinados a colocar a coroa vaga, não na cabeça do príncipe de Orange, mas naquela de sua esposa Mary, filha de Rei James, a mais velha nascida da geração desse rei, que eles reconheciam como indubitavelmente sua. Seria repetir uma estória muito desgastada, relembrar a sua memória todas aquelas circunstâncias que demonstraram que a aceitação por eles de Rei William não foi propriamente uma *escolha*; mas, para todos aqueles que não desejaram, em efeito rechamar Rei James, ou inundar o país em sangue, e novamente trazer sua religião, leis e liberdades para dentro do perigo de que tinham havia pouco escapado, era um ato de *necessidade*, no senso moral mais estrito em que necessidade pode ser tomado.

No ato mesmo, em que por um tempo, e em um caso singular, parlamento divergiu da ordem estrita de herança, em favor de um príncipe, que, embora não o consecutivo, era entretanto muito próximo na linha de sucessão, é curioso observar como Lorde Somers, que fez a carta chamada a Declaração de Direito, comportou-se naquela delicada ocasião. É curioso observar com que endereçamento essa solução temporária de continuidade é mantida do olho; enquanto tudo que poderia ser encontrado nesse ato de necessidade para sustentar a ideia de uma sucessão hereditária é trazido adiante, e fomentado, e utilizado ao máximo, por esse grande homem, e pela legislatura que o seguiu. Deixando o seco, imperativo estilo de um ato de parlamento, ele faz os lordes e comuns caírem em uma pia, legislativa ejaculação, e declarar, que eles consideram "como uma maravilhosa providência, e piedosa bondade de

Deus a esta nação, preservar suas ditas majestades pessoas *reais*, mais felizmente a reinar sobre nós *no trono de seus antepassados*, pelo que, do fundo de seus corações, eles retornam seus mais humildes agradecimentos e louvores."---A legislatura claramente tinha em vista o ato de reconhecimento do primeiro de Rainha Elizabeth, Cap. 3.o, e daquele de James o Primeiro, Cap. 1.o, ambos atos fortemente declaratórios da natureza herdável da coroa; e em muitas partes eles seguem, com uma quase literal precisão, as palavras e até a forma de agradecimento, que se encontra nesses velhos estatutos declaratórios.

As duas casas, no ato de rei William, não agradeceram a Deus que eles tinham encontrado uma oportunidade justa de assertar um direito de escolher seus próprios governantes, muito menos fazer de uma eleição o *único* título *legítimo* à coroa. O fato de terem estado em uma condição de evitar a aparência mesma disso, tanto quanto possível, foi por eles considerado um escape providencial. Eles jogaram um véu político, bem forjado sobre qualquer circunstância tendendo a enfraquecer os direitos, que na ordem de sucessão melhorada eles pretendiam perpetuar; ou que pudesse guarnecer um precedente para qualquer divergência futura do que eles tinham então estabelecido para sempre. De acordo, que eles não pudessem relaxar os nervos de sua monarquia, e que eles pudessem preservar uma conformidade próxima à prática de seus ancestrais, como apareceu nos estatutos declaratórios de rainha Mary * (* 1.o Mary, Sess. 3. cap. I.) e rainha Elizabeth, na cláusula seguinte eles investem, por reconhecimento, em suas majestades, *todas* as prerrogativas legais da coroa, declarando, "que nelas elas estão mais *completamente*, corretamente, e *inteiramente* investidas, encorporadas, unidas e anexadas." Na cláusula que segue, para prevenir questões, por razão de quaisquer títulos pretendidos para a coroa, eles declaram (observando também nisso a linguagem tradicional, juntamente com a política tradicional da nação, e repetindo como de uma rubrica a linguagem dos atos precedentes de Elizabeth e James) que na preservação de "uma *certeza* na SUCESSÃO de então, a unidade, paz, e tranquilidade desta nação, sob Deus, depende totalmente."

Eles sabiam que um título duvidoso de sucessão apenas lembraria demais uma eleição; e que uma eleição seria inteiramente destrutiva da "unidade, paz e tranquilidade desta nação," que eles pensaram ser considerações de algum momento. Para prover para esses objetos, e portanto excluir para sempre a doutrina de Velha Judiaria de "um direito de escolher nossos próprios governantes", eles seguem com uma cláusula, contendo uma mais solene promessa, tomada do ato precedente de Rainha Elizabeth, tão solene uma promessa quanto jamais houve ou pode haver em favor de uma sucessão hereditária, e tão solene uma renúncia como poderia ser feita dos princípios imputados a eles por essa sociedade. "Os lordes espiritual e temporal, e comuns, em nome de todas as pessoas anteditas, mais humildemente e fielmente submetem *eles mesmos, seus herdeiros e posteridades para sempre*; e fielmente prometem, que eles irão posicionar-se para, manter, e defender suas ditas majestades, e também a *limitação da coroa*, aqui especificada e contida, com a totalidade de seus poderes," &c. &c.

Tão longe está de ser verdade, que nós adquirimos um direito pela Revolução de eleger nossos reis, que caso nós o tivéssemos possuído anteriormente, a nação Inglesa a esse tempo mais solenemente renunciou e abdicou dele, para eles mesmos e para toda sua posteridade para sempre. Esses cavalheiros podem valorar a si mesmos tanto quanto quiserem em seus princípios whig; mas eu nunca desejo ser pensado um whig melhor que Lorde Somers; ou entender os princípios da Revolução melhor que aqueles pelos quais ela foi trazida; ou ler na declaração de direito quaisquer mistérios desconhecidos àqueles cujo estilo penetrante gravou em nossas ordenanças, e em nossos corações, as palavras e espírito dessa lei imortal.

É verdade que, auxiliados com os poderes derivados de força e oportunidade, a nação foi nesse tempo, em certo sentido, livre para tomar o curso que quisesse para preencher o trono; mas apenas livre para

fazê-lo sob as mesmas bases sobre as quais eles podiam ter abolido totalmente sua monarquia, e toda outra parte de sua constituição. Contudo eles não pensaram em tão intrépidas mudanças em sua comissão. É de fato difícil, talvez impossível, dar limites à mera competência *abstrata* do poder supremo, assim como era exercido pelo parlamento àquele tempo; mas os limites de uma competência *moral*, sujeitando, mesmo em poderes mais indisputavelmente soberanos, vontade ocasional a razão permanente, e às máximas estáveis de fé, justiça, e política fundamental fixa, são perfeitamente inteligíveis, e perfeitamente vinculantes sobre aqueles que exercem qualquer autoridade, sob qualquer nome, ou sob qualquer título, no estado. A casa de lordes, por exemplo, não é moralmente competente para dissolver a casa de comuns; não, nem mesmo para dissolver a si mesma, nem abdicar, se quisesse, de sua porção na legislatura do reino. Embora um rei possa abdicar para sua própria pessoa, ele não pode abdicar pela monarquia. Por uma tão forte, ou mais forte razão, a casa de comuns não pode renunciar sua parte de autoridade. O compromisso e pacto de sociedade, que geralmente vai pelo nome de constituição, proíbe tal invasão e tal rendição. As partes constituintes de um estado são obrigadas a manter sua fé pública umas com as outras, e com todos aqueles que derivam qualquer interesse sério sob seus compromissos, tanto quanto o estado todo é vinculado a manter sua fé com comunidades separadas. De outro modo competência e poder logo seriam confundidos, e nenhuma lei restaria a não ser a vontade de uma força prevalescente. Nesse princípio a sucessão da coroa tem sempre sido o que é agora, uma sucessão hereditária por lei; na linha velha era uma sucessão por lei comum; na nova por lei de estatuto, operando nos princípios da lei comum, não mudando a substância, mas regulando o modo, e descrevendo as pessoas. Ambas essas descrições de lei são de mesma força, e derivadas de uma autoridade igual, emanando do comum acordo e compacto original do estado, *communi sponsione reipublicae*, e como tal são igualmente vinculantes sobre rei, e povo também, enquanto os termos sejam observados, e continue a mesma política de corpo.

Está longe de ser impossível reconciliar, em caso nós não soframos de estar enredados nos labirintos da sofistria metafísica, o uso tanto de uma regra fixa como de um desvio ocasional; o caráter sagrado de um princípio hereditário de sucessão em nosso governo, com um poder de mudança em sua aplicação em casos de extrema emergência. Mesmo nessa extremidade (caso nós tomemos a medida de nossos direitos pelo exercício deles na Revolução) a mudança é para ser confinada à parte pecadora somente; à parte que produziu o desvio necessário; e mesmo então ela é para ser efetivada sem uma decomposição de toda a massa civil e política, para o propósito de originar uma nova ordem civil fora dos primeiros elementos de sociedade.

Um estado sem os meios para certas mudanças é sem os meios para sua conservação. Sem tais meios pode mesmo arriscar a perda dessa parte da constituição que desejou mais religiosamente preservar. Os dois princípios de conservação e correção operaram fortemente nos dois períodos críticos da Restauração e Revolução, quando Inglaterra achou-se sem um rei. Em ambos esses períodos a nação tinha perdido o vínculo de união com seu antigo edifício; eles não dissolveram, contudo, toda a fábrica. Pelo contrário, em ambos os casos eles regeneraram a parte deficiente da velha constituição através das partes que não estavam debilitadas. Eles mantiveram essas partes velhas exatamente onde estavam, que a parte recuperada podia servir a eles. Eles agiram pelos antigos estados organizados na forma de sua velha organização, e não pela *molécula* orgânica de um povo debandado. Em nenhum momento, talvez, manifestou a legislatura soberana mais tenro respeito em relação a esse princípio fundamental da política constitucional Britanica, que no tempo da Revolução, quando ele desviou da linha de sucessão hereditária. A coroa foi carregada de certa forma para fora da linha em que ela tinha anteriormente se movido; mas a linha nova foi derivada do mesmo estoque. Ela era ainda uma linha de descendência hereditária; ainda uma descendência hereditária no mesmo sangue, embora uma descendência hereditária qualificada com protestantismo. Quando a legislatura alterou a direção, mas manteve o princípio, eles mostraram que o tinham inviolável.

Nesse princípio, a lei de herança tinha admitido algum amendamento no velho tempo, e muito antes da era da Revolução. Algum tempo depois da conquista grandes questões surgiram sobre os princípios legais de descendência hereditária. Tornou-se uma matéria de dúvida, se o herdeiro *per capita* ou o herdeiro *per stirpes* deveria suceder; mas seja que o herdeiro *per capita* desse lugar quando a herança *per stirpes* tomasse lugar, ou o herdeiro Católico quando o Protestante fosse preferido, o princípio herdável sobreviveu com uma espécie de imortalidade através de todas transmigrações---*multosque per annos stat fortuna domus et avi numerantur avorum*. Esse é o espírito de nossa constituição, não apenas em seu curso estabelecido, mas em todas as suas revoluções. Quem quer que viesse, ou da forma que viesse, quer tivesse obtido a coroa por lei, ou por força, a sucessão hereditária foi ou continuada ou adotada.

Os cavalheiros da Sociedade para Revoluções não vêem na de 1688 nada a não ser o desvio da constituição; e eles tomam o desvio do princípio pelo princípio. Eles têm pouca consideração pelas óbvias consequências de sua doutrina, embora eles precisam ver, que ela deixa autoridade positiva em muito poucas das instituições positivas deste país. Quando uma tal máxima não-garantível é uma vez estabelecida, que nenhum trono é legítimo a não ser o eletivo, nenhum ato dos príncipes que precederam sua era de eleição fictícia pode ser válido. Será que esses teoristas tencionam imitar alguns de seus predecessores, que dragaram os corpos de nossos antigos soberanos para fora da quietude de suas tumbas? Tencionam eles manchar e desabilitar retroativamente todos os reis que reinaram antes da Revolução, e consequentemente manchar o trono de Inglaterra com o borrão de uma usurpação contínua? Tencionam eles invalidar, anular, ou chamar em questão, junto com os títulos de toda a linha de nossos reis, esse grande corpo de nossa lei de estatuto que passou sob esses a quem eles tratam como usurpadores? anular leis de valor inestimável para nossas liberdades--de tão grande valor ao menos como qualquer uma que passou em ou desde o período da Revolução? Se reis, que não deveram sua coroa à escolha de seu povo, não tivessem título para fazer leis, o que será feito do estatuto *de tallagio non concedendo ?* -- da *petição de direito ?* -- do ato de *habeas corpus ?* Será que esses novos doutores dos direitos de homens presumem assertar, que Rei James o Segundo, que veio à coroa como próximo de sangue, de acordo com as regras de uma então desqualificada sucessão, não foi para todos intentos e propósitos um rei legítimo de Inglaterra, antes que tivesse feito qualquer dos atos que foram justamente construídos em uma abdicação de sua coroa? Se ele não foi, muito problema em parlamento poderia ter sido evitado no período que esses cavalheiros comemoram. Mas Rei James foi um rei ruim com um título bom, e não um usurpador. Os príncipes que sucederam de acordo com o ato de parlamento que estabeleceu a coroa na eleitora Sophia e em seus descendentes, sendo Protestantes, vieram tanto por um título de herança como Rei James o fez. Ele veio de acordo com a lei, como ela se posicionava em sua ascenção à coroa; e os príncipes da Casa de Brunswick vieram à herança da coroa, não por eleição, mas pela lei, como se posicionava em suas diversas ascenções de descendência e herança Protestante, como eu espero ter mostrado suficientemente.

A lei pela qual essa família real é especificamente destinada à sucessão, é o ato do 12.o e 13.o de Rei William. Os termos desse ato vinculam "a nós e nossos *herdeiros*, e nossa *posteridade*, a eles, seus *herdeiros*, e sua *posteridade*," sendo Protestantes, até o fim dos tempos, nas mesmas palavras como a declaração de direito tinha nos vinculado aos herdeiros de Rei William e Rainha Mary. Essa lei portanto assegura tanto uma coroa hereditária e uma aliança hereditária. Sobre que base, exceto a política constitucional de formar um estabelecimento para assegurar esse tipo de sucessão que é precluir uma escolha do povo para sempre, podia a legislatura ter fastidiosamente rejeitado a justa e abundante escolha que nosso próprio país lhes apresentava, e procurado em terras estranhas por uma princesa estrangeira, de cujo ventre a linha de nossos futuros governantes deveria derivar seu título para governar milhões de homens através de uma série de eras?

A Princesa Sophia foi nomeada no ato de estabelecimento do 12.o e 13.o de Rei William, por um *estoque* e raiz de *herança* para nossos reis, e não por seus méritos como uma administradora temporária de um poder, que ela não poderia, e de fato não o fez, jamais exercer ela mesma. Ela foi adotada por uma razão, e por uma somente, porque, diz o ato, "a mais excelente Princesa Sophia, Eleitora e Duquesa Dowager de Hanover, é *filha* da mais excelente Princesa Elizabeth, tardia Rainha de Bohemia, *filha* de nosso tardio *lorde soberano* Rei James o Primeiro, de feliz memória, e é por este declarada para ser a seguinte em *sucessão* na linha Protestante," &c. &c.; "e a coroa deve continuar para os *herdeiros* de seu corpo, sendo Protestantes." Essa limitação foi feita por parlamento, que através de Princesa Sophia uma linha herdável, não apenas era para ser continuada no futuro mas (o que eles pensaram muito material) que através dela era para ser conectada com o velho estoque de herança em Rei James o Primeiro; de forma que a monarquia pudesse preservar uma unidade intacta através de todas as eras, e pudesse ser preservada (com segurança para nossa religião) nos velhos modos aprovados por descendência, em que, se nossas liberdades tinham sido uma vez ameaçadas, elas tinham frequentemente, através de todas as tempestades e lutas de prerrogativa e privilégio, sido preservadas. Eles fizeram bem. Nenhuma experiência tem nos ensinado, que em qualquer outro curso de método que o de uma *coroa hereditária*, nossas liberdades podem ser regularmente perpetuadas e preservadas sagradas como nosso *direito hereditário*. Um movimento irregular, convulsivo pode ser necessário para jogar fora uma doença irregular, convulsiva. Mas o curso de sucessão é o hábito saudável da constituição Britânica. Foi que faltasse à legislatura, no ato para a limitação da coroa na linha Hanoveriana, extraída através dos descendentes femininos de James o Primeiro, um devido senso das inconveniências de ter dois ou três, ou possivelmente mais, estrangeiros em sucessão para o trono Britânico? Não! -- eles tinham um devido senso dos males que poderiam acontecer de tal governo estrangeiro, e mais que um devido senso deles. Mas uma prova mais decisiva não pode ser dada da completa convicção da nação Britânica, de que os princípios da Revolução não os autorizavam a eleger reis ao seu prazer, e sem qualquer atenção aos antigos princípios fundamentais de nosso governo, que a sua continuação em adotar um plano de sucessão Protestante hereditária na velha linha, com todos os perigos e todas as inconveniências de ser ela uma linha estrangeira cheios diante de seus olhos, e operando com a maior força sobre suas mentes.

Alguns anos atrás eu deveria me envergonhar de sobrecarregar uma matéria, tão capaz de suportar a si mesma, pelo então desnecessário suporte de qualquer argumento; mas essa sediciosa, inconstitucional doutrina é agora publicamente ensinada, admitida, e impressa. O desgosto que eu sinto por revoluções, os sinais para as quais têm tão frequentemente sido dados de púlpitos; o espírito de mudança que foi para o exterior; o total contempto que prevalece com vocês, de todas instituições antigas, quando colocadas em oposição a um senso presente de conveniência, ou ao entorte de uma inclinação presente: todas essas considerações fazem-no não desaconselhável, em minha opinião, chamar de volta nossa atenção aos verdadeiros princípios de nossas próprias leis domésticas; que você, meu amigo Francês, deveria começar a conhecer, e que nós deveríamos continuar a nutri-los. Nós não devíamos, em qualquer lado da água, sofrer sermos sobreimpostos pelas mercadorias contraventivas que algumas pessoas, por uma dupla fraude, exportam para vocês em fundos ilícitos, como cruas comodidades de crescimento Britânico embora totalmente alienígenas para nosso solo, para depois contrabandeá-las novamente para dentro deste país, manufaturadas na mais nova moda de Paris de uma liberdade melhorada.

O povo de Inglaterra não irá macaquear as modas que eles nunca experimentaram; nem voltar àquelas que eles consideraram nocivas em julgamento. Eles vêem a sucessão hereditária legal de sua coroa como entre seus direitos, não entre seus erros; como um benefício, não como um agravo; como uma segurança para sua liberdade, não um distintivo de servitude. Eles vêem a estrutura de seu país, *assim*

como ele se posiciona, como de um valor inestimável; e eles concebem a imperturbada sucessão da coroa como uma promessa da estabilidade e perpetuidade de todos os outros membros de nossa constituição.

Eu devo pedir licença, antes de prosseguir, para tomar nota de alguns artifícios miseráveis, que os instigadores de eleição como o único título legítimo à coroa, são prontos a empregar, de forma a tornar o suporte dos justos princípios de nossa constituição uma conversa algo odiosa. Esses sofistas substituem uma causa fictícia, e personagens fingidos, em cujo favor eles o supõem comprometido, quando quer que você defenda a natureza herdável da coroa. É comum para eles disputar como se estivessem em um conflito com alguns dos explodidos fanáticos de escravidão, que antes mantinham, o que eu acredito que nenhuma criatura agora mantém, "que a coroa é tida por direito divino, hereditário e inderrotável."---Esses velhos fanáticos de poder arbitrário singular dogmatizavam como se realeza hereditária fosse o único governo legítimo no mundo, justo como nossos novos fanáticos de poder popular arbitrário, mantêm que uma eleição popular é a única fonte legítima de autoridade. Os entusiastas da velha prorrogativa, é verdade, especulavam tolamente, e talvez impiamente também, como se monarquia tivesse mais de uma sanção divina que qualquer outro modo de governo; e como se um direito de governar por herança fosse estritamente *inderrotável* em toda pessoa, que devesse se encontrar na successão para um trono, e sob toda circunstância, o que nenhum direito civil ou político pode ser. Mas uma opinião absurda concernindo o direito hereditário do rei à coroa não prejudica outra que é racional, e fundamentada em princípios sólidos de lei e política. Se todas as teorias absurdas de advogados e divinos fossem viciar os objetos em que são conversantes, nós deveríamos não ter nenhuma lei, e nenhuma religião, restante no mundo. Mas uma teoria absurda em um lado de uma questão não forma justificação para alegar um fato falso, ou promulgar máximas nocivas no outro.

O segundo clamor da Sociedade de Revolução é "um direito de demitir seus governantes por *má-conduta*." Talvez as apreensões que nossos antepassados entretinham de formar um tal precedente como o "de demitir por má-conduta," tenha sido a causa de a declaração do ato que implicou a abdicação de rei James, ser, se teve qualquer falta, preferencialmente muito guardada, e muito circunstancial*. (*"Que Rei James o segundo, tendo se empenhado para *subverter a constituição* do reino, por quebrando o *contrato original* entre rei e povo, e pelo conselho de jesuítas, e outras pessoas vis, tendo violado as leis *fundamentais*, e *tendo retirado-se fora do reino*, *abdicou* do governo, e o trono está por isso *vago*.") Mas toda essa guarda, e toda essa acumulação de circunstâncias, serve para mostrar o espírito de cautela que predominou nos conselhos nacionais, em uma situação na qual homens irritados por opressão, e elevados por um triunfo sobre ela, estão aptos a abandonar-se a cursos extremos e violentos; mostra a ansiedade dos grandes homens que influenciaram a conduta de assuntos naquele grande evento, para fazer a Revolução um pai de estabelecimento, e não uma fomentação de futuras revoluções.

Nenhum governo poderia resistir um momento, se pudesse ser posto abaixo com qualquer coisa tão frouxa e indefinida como uma opinião de "má-conduta." Aqueles que lideraram na Revolução, basearam a abdicação virtual de Rei James sobre nenhum tal leviano e incerto princípio. Eles acusaram-no com nada menos que um desígnio, confirmado por uma multitude de atos abertos ilegais, para *subverter a igreja e o estado Protestantes*, e suas *fundamentais*, inquestionáveis leis e liberdades: eles acusaram-no de ter quebrado o *contrato original* entre rei e povo. Isso foi mais que "má-conduta". Uma necessidade grave e indeferente obrigou-os a tomar o passo que tomaram, e tomaram com infinita relutância, como sob a mais rigorosa de todas as leis. Sua confiança para a preservação futura da constituição não estava em revoluções futuras. A grande política de todas suas regulações foi tornar quase impraticável para qualquer futuro soberano compelir os estados do reino a ter novamente recurso a esses violentos remédios. Eles deixaram a coroa como, no olho e estimação da lei, ela tinha sempre

estado, perfeitamente irresponsável. Para aliviar a coroa ainda mais, eles agravaram responsabilidade em ministros de estado. Pelo estatuto do 1.o de rei William, sess. 2.a, chamado "*o ato para declarar os direitos e liberdades do sujeito, e para estabelecer a sucessão da coroa*," eles decretaram, que os ministros deveriam servir à coroa nos termos dessa declaração. Eles asseguraram logo depois os *frequentes encontros de parlamento*, pelos quais o governo todo estaria sob a constante inspeção e controle ativo do representativo popular e dos magnatas do reino. No próximo grande ato constitucional, o do 12.o e 13.o de Rei William, para a ulterior limitação da coroa, e *melhor* segurança dos direitos e liberdades do sujeito, eles providenciaram, "que nenhum perdão sob o grande selo de Inglaterra deveria ser requerível para um impeachment pelos comuns em parlamento." A regra estabelecida para governo na Declaração de Direito, a constante inspeção de parlamento, o clamor prático de impugnação, eles pensaram uma segurança infinitamente melhor não apenas para sua liberdade constitucional, mas contra os vícios de administração, que a reserva de um direito para dificultar na prática, tão incerto no assunto, e frequentemente são nocivo nas consequências, como o de "demitir seus governantes."

Dr. Price, nesse sermão*, (*P. 22, 23, 24) condena muito propriamente a prática de endereçamentos toscos, adulatórios a reis. Em vez desse estilo excessivo, ele propõe que deveria ser dito a sua majestade, em ocasiões de congratulação, que "ele deve considerar-se como mais propriamente o servente que o soberano de seu povo." Para um elogio, essa nova forma de endereçamento não parece muito calmante. Aqueles que são serventes, em nome, tanto quanto em efeito, não gostam de ouvir de sua situação, seu dever, e suas obrigações. O escravo, na velha peça, diz a seu mestre, "*Haec commemoratio est quasi exprobratio*." Não é agradável como elogio; não é completo como instrução. Depois de tudo, se o rei fosse trazer-se a ecoar essa nova forma de endereçamento, a adotá-la em termos, e mesmo tomar a apelação de Servente do Povo como seu título real, como deveriamos ele ou nós ser muito emendados por ela, eu não posso imaginar. Eu tenho visto cartas muito assunçosas, assinadas, Seu mais obediente, humilde servente. A denominação mais orgulhosa que já foi suportada na terra tomou um título de ainda mais humildade do que o que é agora proposto para soberanos pelo Apostolo de Liberdade. Reis e nações foram pisoteados pelo pé de um chamando-se "o Servente de Serventes;" e mandados para deposição de soberanos foram selados com o sinête de "o Pescador."

Eu deveria ter considerado tudo isso como não mais que uma sorte de discurso vão impertinente, em que, como em um fumo desagradável, diversas pessoas suportam a evaporação do espírito de liberdade, se não fosse claramente em suporte da ideia, e uma parte do esquema de "demitir reis por má-conduta." Nessa luz é válido de certa observação.

Reis, em um sentido, são indubitavelmente os serventes do povo, porque seu poder não tem outro fim racional que o da vantagem geral; mas não é verdade que eles sejam, no sentido ordinário (por nossa constituição, ao menos) qualquer coisa como serventes; a essência de cuja situação é obedecer os comandos de certo outro, e ser removível arbitrariamente. Mas o rei de Grã-Bretanha não obedece a nenhuma outra pessoa; todas as outras pessoas são individualmente, e coletivamente também, sob ele, e devem a ele a obediência legal. A lei, que não sabe nem adular nem insultar, chama esse alto magistrado, não nosso servente, como esse humilde Divino o chama, mas "*nosso soberano Lorde o Rei*;" e nós, de nossas partes, temos aprendido a falar somente a língua primitiva da lei, e não o jargão confuso de seus púlpitos Babilonianos.

Como ele não nos deve obedecer, mas como nós devemos obedecer a lei nele, nossa constituição não fez nenhum tipo de provisão no sentido de torná-lo, como um servente, em grau algum responsável. Nossa constituição não sabe nada de um magistrado como o *Justicia* de Arragon; nem de qualquer corte legalmente apontada, nem de qualquer processo legalmente estabelecido para submeter o rei à

responsabilidade pertencente a todos os serventes. Nisso ele não é distinguível dos comuns e dos lordes; que, em suas diversas capacidades públicas, não podem jamais ser chamados a uma prestação de contas pela conduta deles; embora a Sociedade de Revolução escolha assertar, em direta oposição a uma das mais sábias e mais belas partes de nossa constituição, que "um rei não é mais do que o primeiro servente do público, criado por ele, *e responsável a ele*."

Doentemente teriam nossos antepassados na Revolução merecido sua fama de sabedoria, caso eles não tivessem encontrado segurança para sua liberdade, a não ser por tornando seu governo fraco em suas operações, e precário em sua posse; se eles não tivessem podido idear melhor remédio contra poder arbitrário do que confusão civil. Deixe esses cavalheiros declararem quem esse público *representativo* é, para quem eles afirmam que o rei, como servente, é responsável. Será então tempo suficiente para eu produzir a eles a lei de estatuto positiva que afirma que ele não é.

A cerimônia de demitir reis, da qual esses cavalheiros falam tanto à sua vontade, pode raramente, se não jamais, ser realizada sem força. Ela torna-se então um caso de guerra, e não de constituição. Leis são comandadas a segurar suas línguas entre armas; e tribunais caem ao chão com a paz que eles não mais podem sustentar. A Revolução de 1688 foi obtida por uma guerra justa, no único caso em que qualquer guerra, e muito mais uma guerra civil, pode ser justa. "Justa bella quibus *necessaria*." A questão do destroneamento, ou, se esses cavalheiros gostam mais da frase, "demitir reis, será sempre, como sempre foi, uma questão extraordinária de estado, e totalmente fora da lei; uma questão (como todas outras questões de estado) de disposições, e de meios, e de prováveis consequências, preferivelmente a de direitos positivos. Como ela não foi feita para abusos comuns, também ela não é para ser agitada por mentes comuns. A linha especulativa de demarcação, onde obediência deveria acabar, e resistência precisa começar, é fraca, obscura, e não facilmente definível. Não é um ato singular, ou um evento singular, que a determina. Governos precisam ser abusados e desarranjados de fato, antes que se possa pensar nela; e o prospecto do futuro precisa ser tão ruim como a experiência do passado. Quando as coisas estão nessa lamentável condição, a natureza da doença é para indicar o remédio para aqueles a quem a natureza qualificou a administrar em extremidades essa crítica, ambígua, amarga porção para um estado destemperado. Tempos e ocasiões, e provocações, ensinarão suas próprias lições. Os sábios irão determinar da gravidade do caso; os irritáveis, da sensibilidade a opressão; os de alta mente, do desdém e indignação por poder abusivo em mãos indignas; os bravos e corajosos do amor por perigo honorável em uma causa generosa: mas, com ou sem direito, uma revolução será o mais último recurso dos pensantes e bons.

A terceira cabeça de direito, assertada pelo púlpito da Velha Judiaria, nomeadamente, o "direito de formar um governo por nós mesmos", tem, ao menos, tão pouca sustentação de qualquer coisa feita na Revolução, seja em precedente ou princípio, como os dois primeiros de seus clamores. A Revolução foi feita para preservar nossas *antigas* leis e liberdades indisputáveis, e essa *antiga* constituição de governo que é nossa única segurança para lei e liberdade. Se você tem desejo de conhecer o espírito de nossa constituição, e a política que predominou nesse grande período que a assegurou até esta hora, peça procurar por ambos em nossas histórias, em nossos registros, em nossos atos de parlamento, e não nos sermões da Velha Judiaria, nem nas torradas de depois do jantar da Sociedade de Revolução.-- Nos primeiros você encontrará outras ideias e outra linguagem. Um tal clamor é tão mal-adequado a nosso temperamento e desejos como é sem suporte de qualquer aparência de autoridade. A ideia mesma da fabricação de um novo governo, é suficiente para nos encher de desgosto e horror. Nós desejamos ao período da Revolução, e desejamos agora, derivar tudo que possuímos como *uma herança de nossos antepassados*. Sobre esse corpo e estoque de herança nós temos tomado cuidado para não inocular qualquer broto alienígena à natureza da planta original. Todas as reformas que fizemos até hoje, têm procedido sobre o princípio de referência a antiguidade; e eu espero, não eu sou persuadido, que todas

as que possivelmente sejam feitas doravante, serão cuidadosamente formadas sobre precedente, autoridade e exemplo analógicos.

Nossa mais velha reforma é a da Magna Charta. Voce verá que Sir Edward Coke, esse grande oráculo de nossa lei, e de fato todos os grandes homens que o seguem, indo até Blackstone*, (*Ver a Magna Charta de Blackstone, impressa em Oxford, 1759.) são industriais para provar o pedigree de nossas liberdades. Eles empenham-se em provar, que a carta antiga, a Magna Charta de Rei John, foi conectada com outra carta positiva de Henry I. e que ambas uma e outra não foram nada mais que uma re-afirmação da ainda mais antiga lei posicionada do reino. Na matéria de fato, na maior parte, esses autores parecem estar em direito; talvez não sempre: mas se os advogados se enganam em alguns particulares, isso prova minha posição ainda mais fortemente; porque demonstra a poderosa prepossessão no sentido de antiguidade, com que as mentes de nossos advogados e legisladores, e de todas as pessoas a quem eles desejam influenciar, sempre estiveram cheias; e a política estacionária deste reino em considerando seus direitos e franquias mais sagrados como uma *herança*.

Na famosa lei do 3.o de Charles I. chamada a *Petição de Direito*, o parlamento diz ao rei, "Seus sujeitos *herdaram* essa liberdade," clamando as franquias deles não em princípios abstratos "como os direitos de homens", mas como os direitos de Ingleses, e como um patrimônio derivado de seus antepassados. Selden, e os outros profundamente cultos homens, que fizeram essa petição de direito, estavam tão bem familiarizados, ao menos, com todas as teorias gerais concernindo os "direitos de homens," como qualquer dos discursadores em nossos púlpitos, ou em sua tribuna; tão bem como Dr. Price, ou como o Abbé Seyes. Mas, por razões dignas dessa sabedoria prática que suplantou sua ciência teorética, eles preferiram esse título positivo, registado, *hereditário* a todos os que possam ser caros ao homem e ao cidadão, a esse vago direito especulativo, que expôs sua certa herança a ser disputada e rasgada em pedaços por todo selvagem espírito litigioso.

Essa mesma política pervade todas as leis que desde então foram feitas para a preservação de nossas liberdades. No 1.o de William e Mary, no famoso estatuto, chamado a Declaração de Direito, as duas casas não pronunciam uma sílaba de "um direito de estruturar um governo por eles mesmos." Você verá, que todo o cuidado deles foi assegurar a religião, leis, e liberdades, que tinham sido há muito possuídas, e ultimamente ameaçadas. "Tomando * (*I W. e M.) em sua mais séria consideração os *melhores* meios para fazer um tal estabelecimento, que sua religião, leis e liberdades, não pudessem estar em perigo de ser novamente subvertidas," eles auspiciam todos os seus procedimentos, por declarando como certos daqueles *melhores* meios, "no *primeiro lugar*" fazer "como seus *ancestrais em casos semelhantes têm usualmente* feito para vindicar seus *antigos* direitos e liberdades, *declarar*;"---e depois eles rogam ao rei e rainha, "que possa ser *declarado* e decretado, que *todos e singulares* os direitos e liberdades *assertados e declarados* são os verdadeiros *antigos* e indubitáveis direitos e liberdades do povo deste reino."

Você irá observar, que da Magna Charta à Declaração de Direito, tem sido a política uniforme de nossa constituição clamar e assertar nossas liberdades, como uma *herança vinculada* derivada a nós de nossos antepassados, e para ser transmitida a nossa posteridade; como um estado especialmente pertencendo ao povo deste reino sem nenhuma referência qualquer a qualquer outro direito mais geral ou anterior. Por esse meio nossa constituição preserva uma unidade em tão grande uma diversidade de suas partes. Nós temos uma coroa herdável; um pariato herdável; e uma casa de comuns e um povo herdando privilégios, franquias, e liberdades, de uma longa linha de ancestrais.

Essa política parece-me ser o resultado de profunda reflexão; ou preferivelmente o feliz efeito de seguir a natureza, que é sabedoria sem reflexão, e superior a esta. Um espírito de inovação é geralmente o

resultado de um temperamento egoísta e visões confinadas. Pessoas não irão olhar adiante para a posteridade, as quais nunca olham para trás para seus ancestrais. Além disso, o povo de Inglaterra bem sabe, que a ideia de herança fornece um certo princípio de conservação, e um certo princípio de transmissão; sem excluir de modo algum um princípio de melhora. Ela deixa a aquisição livre; mas assegura aquilo que adquire. Quaisquer vantagens sejam obtidas por um estado procedendo sobre estas máximas, são trancadas rapidamente como em um tipo de estabelecimento familiar; agarradas como em um tipo de mão morta para sempre. Por uma política constitucional, trabalhando à maneira do padrão de natureza, nós recebemos, nós seguramos, nós transmitimos nosso governo e nossos privilégios, na mesma maneira em que nós desfrutamos e transmitimos nossa propriedade e nossas vidas. As instituições de política, os bens de fortuna, as dádivas da Providência, são passados, para nós e de nós, no mesmo curso e ordem. Nosso sistema político é colocado em uma justa correspondência e simetria com a ordem do mundo, e com o modo de existência decretado a um corpo permanente composto de partes transitórias; onde, pela disposição de uma estupenda sabedoria, moldando junta a grande incorporação misteriosa da raça humana, o todo, em um tempo, não é nunca velho, ou de meia-idade, ou jovem, mas em uma condição de constância imutável, move-se através do variado tenor da perpétua decadência, queda, renovação e progressão. Assim, por preservando o método de natureza na conduta do estado, naquilo que melhoramos nós não somos nunca totalmente novos; no que retemos não somos nunca totalmente obsoletos. Por aderindo nesta maneira e nesses princípios a nossos antepassados, nós somos guiados não pela superstição de antiquários, mas pelo espírito de analogia filosófica. nessa escolha de herança nós temos dado a nossa estrutura de política a imagem de uma relação em sangue; vinculando a constituição de nosso país com nossos mais caros laços domésticos; adotando nossas leis fundamentais para dentro do peito de nossas afeições familiares; mantendo inseparáveis, e nutrindo com o calor de todas as suas combinadas e mutualmente refletidas caridades, nosso estado, nossos corações, nossos sepulcros, e nossos altares.

Através do mesmo plano de uma conformidade a natureza em nossas instituições artificiais, e por chamando para dentro o auxílio de seus inerráticos e poderosos instintos, para fortalecer as falíveis e fracas maquinações de nossa razão, nós derivamos diversos outros, e os não pequenos benefícios, de considerar nossas liberdades à luz de uma herança. Sempre agindo como se na presença de canonizados antepassados, o espírito de liberdade, levando em si mesmo para mal-governo e excesso, é temperado com uma tremenda gravidade. Essa ideia de uma descendência liberal inspira-nos com um senso de habitual dignidade nativa, que previne aquela insolência adventícia quase inevitavelmente aderente a e desgraçando aqueles que são os primeiros aquisidores de qualquer distinção. Por esse meio nossa liberdade torna-se uma nobre liberdade. Ela carrega um aspecto imponente e majestoso. Ela tem um pedigree e ancestrais ilustrantes. Ela tem seus comportamentos e suas insígnias armoriais. Ela tem sua galeria de retratos; suas inscrições monumentais; seus registros, evidências e títulos. Nós procuramos reverência para nossas instituições civis baseados no princípio sobre o qual a natureza nos ensina a reverenciar homens individuais; por causa de sua idade; e por causa daqueles de quem eles são descendentes. Todos os seus sofistas não podem produzir qualquer coisa melhor adaptada a preservar uma liberdade racional e máscula que o curso que nós temos perseguido, que escolhemos nossa natureza em vez de nossas especulações, nossos peitos em vez de nossas invenções, para os grandes conservatórios e magazines de nossos direitos e privilégios.

Vocês poderiam, se quisessem, ter lucrado de nosso exemplo, e ter dado a sua liberdade uma dignidade correspondente. Seus privilégios, embora descontinuados, não se perderam na memória. Sua constituição, é verdade, enquanto vocês estavam sem posse, sofreu gasto e dilapidação; mas vocês possuiam em algumas partes as paredes, e em geral as fundações de um nobre e venerável castelo. Sua constituição foi suspensa antes de ser aperfeiçoada; mas vocês tinham os elementos de uma constituição muito próxima de tão boa quanto se pode desejar. Em seus velhos estados vocês possuíram

essa variedade de partes correspondendo com as várias descrições da qual sua comunidade era felizmente composta; vocês tinham toda essa combinação, e toda essa oposição de interesses, vocês tinham essa ação e contra-ação que, no mundo natural e político, da luta recíproca de poderes discordantes, extrai a harmonia do universo. Esses interesses opostos e conflitantes, que vocês consideraram tão grande um defeito em sua velha e em nossa presente constituição, interpõem uma checagem salutar para todas as resoluções precipitadas; Eles tornam deliberação uma matéria não de escolha, mas de necessidade; eles fazem toda mudança um sujeito de *compromisso*, que naturalmente gera moderação; eles produzem *temperamentos*, prevenindo o dolorido mal de ásperas, cruas, desqualificadas reformas; e tornando todas as exerções impetuosas de poder arbitrário, no pouco ou no muito, para sempre impraticáveis. Através dessa diversidade de membros e interesses, liberdade geral teve tantas seguranças como houve visões separadas nas várias ordens; enquanto por pressionando abaixo o todo pelo peso de uma monarquia real, as partes separadas teriam sido prevenidas de entortar e começar de seus lugares loteados.

Vocês tiveram todas as vantagens em seus estados antigos; mas vocês escolheram agir como se vocês nunca tivessem sido moldados em sociedade civil, e tivessem tudo para começar de novo. Vocês começaram doentemente, porque começaram por desprezando toda coisa que pertenceu a vocês. Vocês organizaram seu comércio sem um capital. Se as últimas gerações de seu país pareceram sem muito lustro em seus olhos, vocês poderiam tê-los passado ao largo, e derivado seus clamores de uma mais anterior raça de ancestrais. Sob uma pia predileção por esses ancestrais, sua imaginação teria realizado neles um padrão de virtude e beleza, além da prática vulgar da hora: e vocês teriam ascendido com o exemplo a cuja imitação aspirassem. Respeitando seus antepassados, vocês teriam sido ensinados a respeitar-se a si mesmos. Vocês não teriam escolhido considerar os Franceses como um povo de ontem, como uma nação de baixo-nascidos miseráveis servis até o ano emancipador de 1789. Para fornecer, ao preço de sua honra, uma desculpa para seus apologistas aqui por diversas enormidades de vocês, vocês não teriam se contentado de ser representados como uma gangue de escravos granadinos, subitamente soltos da casa de detenção, e portanto de ser perdoados pelo seu abuso da liberdade à qual vocês estavam não-acostumados e doentemente ajustados. Não teria sido, meu valoroso amigo, mais sábio ter vocês serem pensados, o que eu, por um, sempre pensei vocês, uma nação generosa e galante, há muito mal guiada para sua desvantagem pelos seus altos e românticos sentimentos de fidelidade, honra e lealdade; que eventos foram desfavoráveis a vocês, mas que vocês não foram escravizados através de iliberais ou servis disposições; que em sua mais devota submissão, vocês foram movidos por um princípio de espírito público, e que era seu país que vocês cultuavam, na pessoa de seu rei? Tivessem vocês feito ser entendido, que na delusão desse amável erro vocês tinham ido mais longe que seus sábios ancestrais; que vocês estavam resolvidos a resumir seus antigos privilégios, enquanto vocês preservavam o espírito de recentes lealdade e honra; ou, se dissidentes de vocês mesmos, e não discernindo claramente a quase obliterada constituição de seus ancestrais, vocês tivessem olhado para seus vizinhos nesta terra, que tinham mantido vivos os princípios antigos e modelos da velha lei comum de Europa melhorados e adaptados a seu estado presente---por seguindo sábios exemplos vocês teriam dado novos exemplos de sabedoria ao mundo. Vocês teriam tornado a causa de liberdade venerável nos olhos de toda mente valorosa em toda nação. Vocês teriam envergonhado despotismo da terra, por mostrando que liberdade não era apenas reconciliável, mas como, quando bem disciplinada ela é, auxiliar à lei. Vocês teriam tido uma não-opressiva mas uma produtiva renda. Vocês teriam tido um florescente comércio para alimentá-la. Vocês teriam tido uma constituição livre; uma potente monarquia; um exército disciplinado; um clero reformado e venerado; uma nobreza mitigada mas inspirada, para liderar sua virtude, não para cobri-la; vocês teriam tido uma ordem de comuns liberal, para emular e recrutar essa nobreza; vocês teriam tido um povo protegido, satisfeito, laborioso, e obediente, ensinado a reconhecer que a felicidade é para se encontrar por virtude em todas as condições; no que consiste a verdadeira equalidade moral da humanidade, e não na monstruosa ficção,

que, por inspirando ideia falsas e expectativas vãs nos homens destinados a viajar no obscuro caminho de uma vida laboriosa, serve apenas para agravar e amargar a verdadeira desigualdade, que ela não pode nunca remover; e que a ordem de vida civil estabelece tanto para o benefício dos que precisa deixar em um estado humilde, quanto dos que é capaz de exaltar a uma condição mais esplêndida, mas não mais feliz. Vocês tinham uma suave e fácil carreira de felicidade e glória deitada aberta para vocês, além de qualquer coisa gravada na história do mundo; mas vocês mostraram que dificuldade é bom para o homem.

Computem seus ganhos: vejam o que é obtido por essas extravagantes e presunçosas especulações que ensinaram seus líderes a desprezar todos os seus predecessores, e todos os seus contemporâneos, e mesmo desprezar-se a si mesmos, até o momento em que eles tornaram-se verdadeiramente desprezíveis. Por seguindo essas falsas luzes, França comprou calamidades indisfarçadas a um preço mais alto que qualquer nação adquiriu as mais inequívocas bençãos! França comprou pobreza por crime! França não sacrificou sua virtude a seu interesse; mas ela abandonou seu interesse, que ela pudesse prostituir sua virtude. Todas outras nações começaram a fábrica de um novo governo, ou a reforma de um velho, por estabelecendo originalmente, ou por pondo em vigor com maior exatidão certos ritos ou outros de religião. Todas outras pessoas deitaram as fundações de liberdade civil em maneiras mais severas, e um sistema de uma moralidade mais austera e masculina. França, quando ela deixou soltas as rédeas de autoridade régia, dobrou a licença, de uma dissolução feroz em maneiras, e de uma insolente irreligião em opiniões e práticas; e estendeu através de todos os postos de vida, como se ela estivesse comunicando algum privilégio, ou deitando aberto algum benefício recluso, todas as infelizes corrupções que geralmente eram a doença de riqueza e poder. Esse é um dos novos princípios de equalidade em França.

França, pela perfídia de seus líderes, desgraçou inteiramente o tom de conselho leniente nos cabinetes de príncipes, e desarmou-o de seus tópicos mais potentes. Ela santificou as escuras máximas suspeitas de desconfiança tirana; e ensinou reis a tremer às (que serão doravante chamadas) plausibilidades delusivas, de políticos morais. Soberanos irão considerar os que os aconselham a colocar uma confiança ilimitada em seu povo, como subversores de seus tronos; como traidores que miram à sua destruição, por guiando suas fáceis boas-naturezas, sob pretenções especiosas, a admitir combinações de homens corajosos e sem fé em uma participação de seu poder. Isso somente (se não houvesse mais nada) é uma calamidade irreparável a vocês e a humanidade. Lembrem que seu parlamento em Paris disse a seu rei, que em chamando os estados junto, ele não tinha nada a temer a não ser o excesso pródigo do zelo deles em providenciar para o suporte do trono. É certo que esses homens deveriam esconder suas cabeças. É certo que eles deveriam levar sua parte na ruina que seu conselho trouxe sobre seu soberano e seu país. Tais declarações sanguíneas tendem a sossegar autoridade em sono; a encorajá-la asperamente a envolver-se em perigosas aventuras de política não-testada; a negligenciar aquelas provisões, preparações, e precauções, que distinguem benevolência de imbecilidade; e sem as quais nenhum homem pode responder pelos efeitos salutares de qualquer plano abstrato de governo ou de liberdade. Por falta desses, eles têm visto o remédio do estado corrompido dentro de seu veneno. Eles viram os Franceses rebelarem-se contra um brando e legítimo monarca, com mais fúria, ultraje, e insulto, que já se soube qualquer pessoa levantar-se contra o mais ilegal usurpador, ou o mais sanguinário tirano. A resistência deles foi feita à concessão; sua revolta da proteção; seu golpe foi mirado em uma mão oferecendo graças, favores e imunidades.

Isso foi não-natural. O resto é em ordem. Eles encontraram sua punição em seu sucesso. Leis reviradas; tribunais subvertidos; industria sem vigor; comércio expirando; a renda não-paga, ainda o povo empobrecido; uma igreja pilhada, e um estado não aliviado; anarquia civil e militar fez a constituição do reino; toda coisa humana e divina sacrificada ao ídolo de crédito público, e falência nacional a

consequência; e para coroar tudo, as seguranças de papel do novo, precário, vacilante poder, as desacreditadas seguranças de papel de fraude empobrecida, e rapina mendigada, mostradas como uma moeda para o suporte de um império, em lugar das duas espécies reconhecidas que representam o crédito convencional duradouro da humanidade, que desapareceram e se esconderam na terra de onde elas vieram, quando o princípio de propriedade, cuja criação e representativos eles são, foi sustematicamente subvertido.

Eram todas essas coisas horrorosas necessárias? foram elas os resultados inevitáveis da luta desesperada de determinados patriotas, compelidos a avançar com dificuldade através de sangue e tumulto, para a quieta margem de uma tranquila e próspera liberdade? Não! nada como isso. As ruinas frescas de França, que chocam nossos sentimentos onde quer que possamos direcionar nossos olhos, não são a devastação de guerra civil; elas são os tristes mas instrutivos monumentos de conselho áspero e ignorante em tempo de profunda paz. Elas são a exibição de desconsiderante e presunçosa, porque não-resistida e irresistível autoridade. As pessoas que têm assim deperdiçado para fora o precioso tesouro de seus crimes, as pessoas que fizeram esse pródigo e selvagem desperdício de maus públicos (a último estaca reservada para o derradeiro resgate do estado) encontraram em seu progresso com pouca, ou preferivelmente nenhuma oposição em nada. Toda sua marcha foi mais como uma triunfal procissão que o progresso de uma guerra. Seus pioneiros foram antes deles, e demoliram e deitaram toda coisa ao nível de seus pés. Nem uma gota do sangue *deles* eles derramaram na causa do país que eles arruinaram. Eles não fizeram nenhum sacrifício a seus projetos de consequência maior que seus ornamentos de calçados (NT: shoebuckles), enquanto eles estavam aprisionando seu rei, assassinando seus co-cidadãos, e banhando em lágrimas, e mergulhando em pobreza e sofrimento, milhares de homens valorosos e familias valorosas. Sua crueldade não foi nem mesmo o resultado base de medo. Ela foi o efeito de seu senso de perfeita segurança, em autorizando traições, roubos, estupros, assassinatos, matanças, e queimadas através de sua terra importunada. Mas a causa de tudo foi plana do princípio.

Essa escolha não-forçada, essa afetuosa eleição do mal, pareceria perfeitamente irrespondível, se nós não considerássemos a composição da Assembleia Nacional; eu não quero dizer sua constituição formal, que, como está agora, é suficientemente excepcionável, mas os materiais de que em grande medida ela é composta, que é de dez mil vezes maior consequência que todas as formalidades no mundo. Se nós fossemos para não saber nada dessa Assembleia a não ser por seus título e função, cores nenhumas poderiam pintar à imaginação qualquer coisa mais venerável. Nessa luz a mente de um inquisidor, subjugada por uma tal apavorante imagem como aquela da virtude e sabedoria de um povo todo coletadas em um foco, iriam pausar e hesitar em condenando coisas mesmo do mais pior aspecto. Em vez de culpável, eles pareceriam apenas misteriosos. Mas nenhum nome, nenhum poder, nenhuma função, nenhuma instituição artificial qualquer, pode fazer os homens de que qualquer sistema de autoridade é composto, quaisquer outros que Deus, e natureza, e educação, e seus hábitos de vida os fizeram. Capacidades além dessas o povo não tem para dar. Virtude e sabedoria podem ser os objetos de sua escolha, mas sua escolha não confere nem uma nem outra àqueles sobre os quais deitam suas mãos ordenantes. Eles não têm o compromisso de natureza, eles não têm a promessa de revelação para quaisquer tais poderes.

Depois de eu ter lido por sobre a lista das pessoas e descrições eleitas para dentro do *Tiers Etat*, nada que eles depois fizeram poderia parecer surpreendente. Entre eles, de fato, eu vi alguns de posto conhecido; alguns de talentos brilhantes; mas de qualquer experiência prática no estado, nenhum principal estava para ser achado. Os melhores eram apenas homens de teoria. Mas quaisquer possam ter sido os poucos distinguidos, é a substância e massa do corpo que constitui seu caráter, e precisa finalmente determinar sua direção. Em todos corpos, aqueles que irão liderar, precisam também, em um

grau considerável, seguir. Eles precisam conformar suas proposições ao gosto, talento, e disposição dos que eles desejam conduzir: portanto, se uma Assembleia é viciosamente ou fracamente composta em grande parte dela, nada a não ser um tal supremo grau de virtude como muito raramente aparece no mundo, e por essa razão não pode entrar em cálculo, irá prevenir os homens de talentos disseminados através dela de tornar-se apenas os intrumentos expertos de projetos absurdos! Se o que é o evento mais provável, em vez de esse incomum grau de virtude, eles devessem ser acionados por sinistra ambição e uma luxúria de meretrícia glória, então a parte fraca da Assembleia, a quem de início eles conformam, torna-se por sua vez o bobo e instrumento de seus desígnios. Nesse tráfego político os líderes serão obrigados a curvar-se à ignorância de seus seguidores, e os seguidores tornar-se subservientes aos piores desígnios de seus líderes.

Para assegurar qualquer grau de sobriedade nas proposições feitas pelos líderes em qualquer assembleia pública, eles deveriam respeitar, em certos graus talvez temer, aqueles a quem eles conduzem. Para ser guiados de qualquer outra forma que não cegamente, os seguidores precisam ser qualificados, se não para atores, ao menos para juízes; eles precisam também ser juízes de peso e autoridade naturais. Nada pode assegurar uma conduta estável e moderada em tais assembleias, a não ser que o corpo delas deveria ser respeitosamente composto, em ponto de condição em vida, de propriedade permanente, de educação, e de tais hábitos como alargar e liberalizar o entendimento.

Na chamada dos estados geral de França, a primeira coisa que me atingiu, foi um grande apartamento do curso antigo. Eu achei a representação para o Terceiro Estado composta de seiscentas pessoas. Elas eram iguais em número aos representativos de ambas as outras ordens. Se as ordens fossem para agir separadamente, o número não iria, além da consideração do custo, ser de muito momento. Mas quando tornou-se aparente que as três ordens eram para ser derretidas abaixo para dentro de uma, a política e necessário efeito dessa representação numerosa tornou-se óbvia. Uma muito pequena deserção de qualquer das outras duas ordens precisa jogar o poder de ambas nas mãos da terceira. De fato, todo o poder do estado foi logo resolvido para dentro desse corpo. Sua devida composição tornou-se portanto de infinitamente a maior importância.

Julgue, Senhor, de minha surpresa, quando eu percebi que uma muito grande proporção da Assembleia (uma maioria, eu creio, dos membros que atenderam) era composta de praticantes na lei. Ela era composta não de magistrados distinguidos, que tinham dado promessas a seu país de sua ciência, prudência e integridade; não de advogados liderantes, a glória da barra; não de renomados professores em universidades;--mas na bem maior parte, como precisa em um tal número, dos inferiores, incultos, mecânicos, meramente instrumentais membros da profissão. Havia exceções distinguidas; mas a composição geral era de obscuros advogados provinciais, de intendentes de pequenas jurisdições locais, procuradores do interior, notários, e o trem completo de ministros de litigação municipal, os fomentadores e condutores da pequena guerra de vexação de vila. A partir do momento em que eu li a lista eu vi distintamente, e muito próximo como isso aconteceu, tudo o que era para seguir.

O grau de estimação em que qualquer profissão é tida torna-se o padrão da estimação em que os professores têm a si mesmos. Quaisquer que os méritos pessoais de muitos advogados individuais pudessem ter sido, e em muitos era sem dúvida muito considerável, nesse reino militar, nenhuma parte da profissão tinha sido muito considerada, exceto a mais alta de todas, que frequentemente uniam a seus ofícios profissionais grande esplendor de família, e eram investidos de grande poder e autoridade. Esses certamente eram altamente respeitados, e mesmo com não pequeno grau de reverência. O próximo posto não era muito estimado; a parte mecânica estava em um grau muito baixo de reputação.

Quando quer que a autoridade suprema seja investida em um corpo assim composto, ela precisa

evidentemente produzir as consequências de autoridade suprema colocada nas mãos de homens não ensinados habitualmente a respeitar-se a si mesmos; que não tinham fortuna anterior de caráter em risco; que não poderiam ser esperados a carregar com moderação, ou a conduzir com discrição, um poder que eles mesmos, mais que quaisquer outros, precisam estar surpresos de encontrar em suas mãos. Quem poderia se lisonjear de que esses homens, subitamente, e, como se fosse, por encantamento, arrebatados do posto mais humilde de subordinação, não iriam ser intoxicados com sua grandeza despreparada? Quem poderia conceber, que homens que são habitualmente intrometidos, audaciosos, sutis, ativos, de disposições litigiosas e mentes inquietas, iriam facilmente cair de volta para dentro de sua velha condição de contenção obscura, e laboriosa, baixa, não-lucrativa chicana? Quem poderia duvidar a não ser que, a qualquer custo para o estado, de que eles nada entendiam, eles precisam perseguir seus interesses privados, que eles entendiam mas bem demais? Não foi um evento dependendo de chance ou contingência. Ele foi inevitável; ele foi necessário, ele foi plantado na natureza das coisas. Eles precisam *juntar* (se sua capacidade não os permitia a *liderar*) em qualquer projeto que pudesse procurar para eles uma *constituição litigiosa*; que pudesse deitar abertos a eles aqueles inumeráveis empregos lucrativos que seguem no trem de todas as grandes convulsões e revoluções no estado,e particularmente em todas as grande e violentas permutações de propriedade. Era para se esperar que eles iriam atender à estabilidade de propriedade, cuja existência tinha sempre dependido sobre o que quer que tornasse propriedade questionável, ambígua, e insegura? Seus objetivos seriam alargados com sua elevação, mas sua disposição e hábitos, e modo de executar seus desígnios, precisam permanecer os mesmos.

Bem! mas esses homens eram para ser temperados e restringidos por outras descrições, de mais sóbrias mentes, e mais alargados entendimentos. Eram eles então para ser reverenciados pela autoridade super-eminente e aterradora dignidade de um punhado de palhaços do interior que têm cadeiras nessa Assembleia, alguns dos quais diz-se não ser capazes de ler e escrever? e por um não maior número de comerciantes, que, embora algo mais instruídos, e mais conspícuos na ordem de sociedade, nunca tinham sabido qualquer coisa além de sua casa-de-contar? Não! ambas estas descrições foram mais formadas para ser sobrecarregadas e guiadas pelas intrigas e artifícios de advogados, do que para tornar-se seu contrapeso. Com uma tal perigosa desproporção, todo o mosto precisa ser governado por eles. À faculdade da lei foi juntada uma bastante considerável proporção da faculdade de medicina. Essa faculdade não tinha, nada mais que a da lei, possuído em França sua justa estimação. Seus professores portanto precisam ter as qualidades de homens não habituados a sentimentos de dignidade. Mas supondo que eles tivessem o posto que devessem ter, e como conosco eles realmente têm, os lados de camas doentes não são as academias para formar homens de estado e legisladores. Então vieram os negociadores em estoques e fundos, que precisam estar ansiosos, a qualquer custo, a mudar sua riqueza de papel ideal pela mais sólida substância de terra. A esses juntaram-se homens de outras descrições, de quem tão pouco conhecimento de ou atenção aos interesses do grande estado eram de se esperar, e tão pouca consideração à estabilidade de qualquer instituição; homens formados para ser instrumentos, não controles. Tal em geral era a composição do *Tiers Etat* na Assembleia Nacional; na qual era escassamente de perceber os menores traços do que nós chamamos o interesse natural proprietário de terra do país.

Nós sabemos que a casa de comuns Inglesa, sem fechar suas portas a qualquer mérito em qualquer classe, é, pela certa operação de causas adequadas, enchida com toda coisa ilustre em posto, em descendência, em opulência hereditária e em adquirida, em talentos cultivados, em distinção militar, civil, naval e política, que o país pode fornecer. Mas supondo, o que dificilmente pode ser suposto como um caso, que a casa de comuns devesse ser composta na mesma maneira que o Tiers Etat em França, iria esse domínio de chicana ser carregado com paciência, ou mesmo concebido sem horror? Deus proíba que eu devesse insinuar qualquer coisa derrogatória a essa profissão, que é outro

sacerdócio, administrando os ritos de justiça sagrada. Mas enquanto eu reverencio homens nas funções que pertencem a eles, e iria fazê-lo, tanto quanto um homem pode fazê-lo, para prevenir sua exclusão de qualquer uma, eu não posso, para lisonjeá-los, dar a mentira a natureza. Eles são bons e úteis na composição; eles precisam ser nocivos se eles preponderarem de forma a tornar-se virtualmente o todo. Sua excelência mesma em suas funções peculiares pode estar longe de uma qualificação para outras. Não pode escapar à observação, que quando homens são muito confinados a hábitos profissionais e de faculdade, e, como se fosse, inveterados no emprego recorrente desse estreito círculo, eles estão preferivelmente desabilidatos do que qualificados para o que quer que dependa no conhecimento de humanidade, em experiência de assuntos mistos, em uma visão compreensiva conectada dos vários e complicados interesses internos e externos que vão para a formação dessa coisa multivariada chamada um estado.

Depois de tudo, se a casa de comuns fosse para ter uma composição completamente profissional e de faculdade, qual é o poder da casa de comuns, circunscrita e fechada pelas imovíveis barreiras de leis, usos, regras positivas de doutrina e prática, contrabalanceada pela casa de lordes, e todo momento de sua existência à discrição da coroa para continuar, prorrogar, ou dissolver-nos? O poder da casa de comuns, direto ou indireto, é de fato grande; e longamente pode ela ser capaz de preservar sua grandeza, e o espírito pertencente a verdadeira grandeza, por inteiro; e ela o fará, tanto quanto ela pode manter os quebradores de lei em India de tornar-se os fazedores de lei para Inglaterra. O poder, entretanto, da casa de comuns, quando menos diminuído, é como uma gota de água no oceano, comparado àquele residindo em uma maioria estabelecida de sua Assembleia Nacional. Essa Assembleia, desde a destruição das ordens, não tem lei fundamental, nem convenção estrita, nem uso respeitado para restringí-la. Em vez de encontrar-se obrigados a conformarem-se a uma constituição fixa, eles têm um poder para fazer uma constituição que deve conformar-se a seus desígnios. Nada no céu ou sobre a terra pode servir como um controle sobre eles. Quais deveriam ser as cabeças, os corações, as disposições, que são qualificadas, ou que ousam, não somente fazer leis sob uma constituição fixa, mas em um calor encaminhar uma constituição totalmente nova para um grande reino, e em toda parte dele, desde o monarca no trono à assembleia de uma paróquia? Mas---" tolos entram correndo onde anjos temem trilhar." Em um tal estado de poder não-vinculado, por propósitos indefinidos e indefiníveis, o mal de uma inaptidão moral e quase física do homem para a função precisa ser o maior que podemos conceber de acontecer no gerenciamento de assuntos humanos.

Tendo considerado a composição do terceiro estado como ela estava em sua estrutura original, eu tomei uma visão dos representativos do clero. Ali também parecia, que tão pouca consideração era tida para a segurança geral de propriedade, ou para a aptidão dos deputados para suas propostas públicas, nos princípios de sua eleição. Essa eleição era tão ideada de forma a enviar uma muito larga proporção de meros curadores do campo ao grande e ardoroso trabalho de novo-modelar um estado; homens que nunca tinham visto o estado tanto quanto em um quadro; homens que não sabiam nada do mundo além das fronteiras de uma vila obscura; que, imersos em desesperada pobreza, podiam considerar toda propriedade, seja secular ou eclesiástica, com não outro olho que aquele de inveja; entre eles precisam estar muitos, que, pela menor esperança da mais mesquinha divisão em pilhagem, iriam prontamente juntar em quaisquer atentados sobre um corpo de riqueza, no qual eles dificilmente poderiam procurar ter qualquer quinhão; exceto em um engalfinhamento geral. Ao invés de balancear o poder dos chicanários ativos na outra assembleia, esses curadores precisam necessariamente tornar-se os coadjutores ativos, ou na melhor hipótese os intrumentos passivos daqueles pelos quais eles tinham sido habitualmente guiados em suas pequenas concernências de vila. Eles também dificilmente poderiam ser os mais conscienciosos de seu tipo, que, presumindo sobre seu entendimento incompetente, poderiam intrigar por uma confiança que os guiasse de sua relação natural aos seus rebanhos, e suas esferas naturais de ação, a empreender a regeneração de reinos. Esse peso

preponderante sendo adicionado à força do corpo de chicana no Tiers Etat, completou o momentum de ignorância, temeridade, presunção, e luxúria de pilhagem, que nada tem sido capaz de resistir.

Para homens observadores precisa ter parecido desde o início, que a maioria do Terceiro Estado, em conjunção com uma tal deputação do clero como eu tenho descrito, enquanto ela perseguia a destruição da nobreza, iria inevitavelmente tornar-se subserviente aos piores desígnios de indivíduos nessa classe. No espólio e humilhação de sua própria ordem esses indivíduos possuiriam um certo fundo para o pagamento de seus novos seguidores. Desperdiçar os objetos que fizeram a felicidade de seus seguidores, não seria para eles nenhum sacrifício. Homens de qualidade turbulentos, descontinuados, em proporção como eles são inflados com orgulho pessoal e arrogância, geralmente desprezam sua própria ordem. Um dos primeiros sintomas que eles descobrem de uma ambição egoísta e nociva, é uma corrupta desconsideração de uma dignidade que eles partilham com outros. Ser atado à subdivisão, amar o pequeno pelotão ao que pertencemos em sociedade, é o primeiro princípio (o germe como seria) de afeições públicas. É a primeira ligação na série pela qual nós procedemos no sentido de um amor a nosso país e a humanidade. Os interesses dessa porção de arranjamento social são uma confiança nas mãos de todos os que a compõem; e como nenhum a não ser homens ruins poderiam justificá-los em abuso, nenhum a não ser traidores iriam barganhá-la para sua própria vantagem pessoal.

Houve, no tempo de nossos problemas civis em Inglaterra (eu não sei se vocês têm quaisquer tais em sua Assembleia em França) várias pessoas, como o então Earl de Holanda, que por eles mesmos ou suas famílias tinham trazido um ódio sobre o trono, pela pródiga dispensação de suas recompensas a eles, que depois juntaram-se nas rebeliões emergindo dos descontentamentos de que eles mesmos eram a causa; homens que ajudaram a subverter esse trono a que eles deviam, alguns deles, sua existência, outros todo esse poder que eles empregaram para arruinar seu benfeitor. Se quaisquer limites sejam estabelecidos às vorazes demandas desse tipo de pessoas, ou que outras sejam permitidas a partilhar nos objetos que iriam engrossar, vingança e inveja logo enchem o ansioso vazio que é deixado em sua avareza. Confundidos pela complicação de paixões destemperadas, sua razão é incomodada; suas visões tornam-se vastas e perplexadas; para outros inexplicáveis; para eles incertas. Eles encontram, em todos os lados, limites a sua ambição sem-princípios em qualquer ordem fixa de coisas. Mas no nevoeiro e bruma de confusão tudo é alargado, e parece sem qualquer limite.

Quando homens de posto sacrificam todas ideias de dignidade a uma ambição sem um objeto distinto; e trabalham com instrumentos baixos e para fins baixos, toda a composição torna-se baixa e base. Não aparece algo como isso agora em França? Não produz algo ignóbil e inglório? um tipo de maldade em toda a política prevalente? uma tendência em tudo que é feito a baixar junto com indivíduos toda a dignidade e importância do estado? Outras revoluções foram conduzidas por pessoas, que enquanto elas tentavam ou efetivavam mudanças no estado, santificavam sua ambição por avançando a dignidade das pessoas cuja paz elas importunavam. Elas tinham visões longas. Elas miravam na regra, não na destruição de seu país. Eles eram homens de grandes talentos civis, e grandes talentos militares, e se o terror, o ornamento de sua era. Eles não eram como corretores Judeus contendendo um com o outro quem poderia melhor remediar com circulação fraudulenta e papel depreciado a desgraça e ruina trazidas sobre seu país pelos conselhos degenerados. O elogio feito a um dos grandes homens ruins da velha estampa (Cromwell) por seu parente, um poeta favorito daquele tempo, mostra o que é que ele propôs, e o que de fato a um grande grau ele executou no sucesso de sua ambição:

"Ainda como *você* surge, o *estado*, exaltado também,
"Não encontra destempero enquanto é mudado por *você*;
"Mudado como a grande cena do mundo, quando sem ruído
"O sol nascente as luzes *vulgares* da noite destrói."

Esses perturbadores não eram tanto como homens usurpando poder, quanto assertando seu lugar natural em sociedade. Seu surgimento foi para iluminar e embelezar o mundo. Sua conquista sobre seus competidores foi por ofuscá-los. A mão que, como um anjo destruidor, golpeou o país, comunicou a ele a força e energia sob as quais ela sofreu. Eu não digo (Deus proíba) Eu não digo, que as virtudes de tais homens fossem para ser tomadas como uma balança para seus crimes; mas elas eram algumas corretivas a seus efeitos. Tal foi, como eu disse, nosso Cromwell. Tais foram suas raças inteiras de Guises, Condés, e Colignis. Tais os Richlieus, que em tempos mais quietos agiram no espírito de uma guerra civil. Tais, como homens melhores, e em uma causa menos dúbia, foram seus Henry o 4.to e seu Sully, embora tratados em confusões civis, e não de todo sem algo de sua mancha. É algo para se maravilhar, ver como muito cedo França, quando ela teve um momento para respirar, recuperou e emergiu da mais longa e mais horrorosa guerra civil que já se conheceu em qualquer nação. Por quê? Porque, entre todos os seus massacres, eles não tinham assassinado a *mente* de seu país. Uma dignidade conscienciosa, um orgulho nobre, um generoso senso de glória e emulação, não foi extinguido. Pelo contrário, ela foi excitada e inflamada. Os órgãos também do estado, conquanto despedaçados, existiam. Todos os prêmios de honra e virtude, todas as recompensas, todas as distinções, permaneceram. Mas sua presente confusão, como uma paralisia, tem atacado a fonte mesma de vida. Toda pessoa em seu país, em uma situação de ser acionada por um princípio de honra, é desgraçada e degradada, e não pode entreter nenhuma sensação de vida, exceto em uma indignação mortificada e humilhada. Mas essa geração irá rapidamente passar embora. A próxima geração da nobreza irá lembrar os artífices e palhaços, e empregados de dinheiro, usurários, e Judeus, que irão sempre ser seus seguidores, por vezes seus mestres. Creia em mim, Senhor, aqueles que tentam nivelar, nunca equalizam. Em todas sociedades, consistindo de várias descrições de cidadãos, algumas descrições precisam ser predominantes. Os niveladores portanto somente mudam e pervertem a ordem natural de coisas; eles carregam o edifício de sociedade, por estabelecendo no ar o que a solidez da estrutura requer que esteja no chão. As associações de alfaiates e carpinteiros, de que a república (de Paris, por exemplo) é composta, não podem ser iguais à situação, para dentro da qual, pela pior das usurpações, uma usurpação das prerrogativas de natureza, vocês tentam forçá-las.

O chanceler de França na abertura dos estados, disse, em um tom de florescer oratório, que todas ocupações eram honoráveis. Se ele quisesse dizer apenas, que nenhum emprego honesto era desgraçoso, ele não teria ido além da verdade. Mas em assertando, que qualquer coisa é honorável, nós implicamos algumas distinções em seu favor. A ocupação de um cabeleireiro de senhoras, ou de um veleiro de sebo trabalhador, não pode ser uma matéria de honra para qualquer pessoa -- para não dizer nada de um número de outros empregos mais servis. Tais descrições de homens não deveriam sofrer opressão do estado; mas o estado sofre opressão, se tais como eles, seja individualmente ou coletivamente, sejam permitidos de governar. Nisso vocês pensam que estão combatendo preconceito, mas vocês estão em guerra com natureza *.

* Ecclesiasticus, cap. xxxviii. verso 24, 25. "A sabedoria de um homem versado vem por oportunidade de lazer: e ele que tem pouco negócio deve tornar-se sábio."--"Como pode ele obter sabedoria que segura o arado, e que se glorifica na aguilhada; que dirige bois; e é ocupado em seus labores; e cuja conversa é de bois?"
Ver. 27. "Então todo carpinteiro e mestre-de-trabalho que labora dia e noite." &c.
Ver. 33. "Eles não devem ser procurados em conselho público, nem colocar-se altos na congregação: Eles não devem sentar no assento de juízes, nem entender a sentença de julgamento: eles não podem declarar justiça e julgamento, e eles não devem ser encontrados onde parábolas são ditas."
Ver. 34. "Mas eles irão manter o estado do mundo."
Eu não determino se esse livro seja canônico, como a igreja Gallicana (até recentemente) o tem

considerado, ou apócrifo, como aqui ele é tomado. Eu tenho certeza que ele contém uma grande quantidade de senso, e verdade.

Eu não, meu caro Senhor, concebo você de ser desse sofístico capcioso espírito, ou dessa incândida estupidez, como a requerer, para toda geral observação ou sentimento, um detalhe explícito dos corretivos e exceções, que a razão irá presumir ser incluídos em todas as proposições gerais que vêm de homens razoáveis. Você não imagina, que eu deseje confinar poder, autoridade, e distinção a sangue, e nomes, e títulos. Não, Senhor. Não há qualificação para governo, a não ser virtude e sabedoria, real ou presuntiva. Onde quer que sejam realmente encontradas, elas têm, em qualquer estado, condição, profissão ou comércio, o passaporte do Céu para lugar e honra humanas. Desgraça para o país que iria louca e impiamente rejeitar o serviço dos talentos e virtudes, civis, militares, ou religiosos, que são dados a graça e a servi-la; e iriam condenar a obscuridade toda coisa formada para difundir lustro e glória em volta de um estado. Desgraça para o país, também, que passando para o extremo oposto, considera uma baixa educação, uma visão contraída mesquinha das coisas, uma sórdida ocupação mercenária, como um título preferível para comandar. Toda coisa deveria ser aberta; mas não indiferentemente para todo homem. Nenhuma rotação; nenhum apontamento por lote; nenhum modo de eleição operando no espírito de sorteio ou rotação, pode ser geralmente bom em um governo versado em objetos extensivos. Porque eles não têm tendência, direta ou indireta, a selecionar o homem com uma visão para o dever, ou para acomodar o um ao outro. Eu não hesito em dizer, que o caminho para eminência e poder, desde condição obscura, não deveria ser feito muito fácil, nem uma coisa muito de curso. Se mérito raro seja a mais rara de todas as coisas raras, ele deveria passar através de algum tipo de provação. O templo de honra deveria ser baseado em uma eminência. Se seja aberto através de virtude, deixe-se ser lembrado também, que virtude nunca é testada a não ser por alguma dificuldade, e alguma luta.

Nada é uma representação devida e adequada de um estado, que não representa sua habilidade, tão bem como sua propriedade. Mas como habilidade é um princípio vigoroso e ativo, e como propriedade é vagarosa, inerte e tímida, não pode nunca ser segura de invasões de habilidade, a não ser que seja, fora de toda proporção, predominante nessa representação. Ela precisa ser representada também em grandes massas de acumulação, ou ela não é corretamente protegida. A essência característica de propriedade, formada dos princípios combinados de sua aquisição e conservação, é ser *desigual*. As grandes massas portanto que excitam inveja, e tentam rapacidade, precisam ser postas fora da possibilidade de perigo. Então elas formam um baluarte natural acerca das propriedades menores em todas as suas graduações. A mesma quantidade de propriedade, que é pelo curso natural de coisas dividida entre muitos, não tem a mesma operação. Seu poder defensivo é enfraquecido enquanto ela é difundida. Nessa difusão a porção de cada homem é menor que o que, na avidez de seus desejos, ele pode lisonjear-se de obter por dissipando as acumulações de outros. A pilhagem dos poucos não iria de fato dar nada a não ser uma porção inconcebivelmente pequena na distribuição aos muitos. Mas os muitos não são capazes de fazer esse cálculo; e os que os guiam a rapina, nunca tencionam essa distribuição.

O poder de perpetuar nossa propriedade em nossas famílias é uma das mais valiosas e interessantes circunstâncias pertencendo a, e a que tende mais à perpetuação de sociedade ela mesma. Ele faz nossa fraqueza subserviente a nossa virtude; ele enxerta benevolência mesmo sobre avareza. Os possuidores de riqueza de família, e da distinção que atende a possessão hereditária (como mais concernida nela) são as seguranças naturais para essa transmissão. Conosco, a casa de pares é formada sobre esse princípio. Ela é totalmente composta de propriedade hereditária e distinção hereditária; e feita portanto a terceira da legislatura; e em último caso, o único juiz de toda propriedade em todas suas subdivisões. A casa de comuns também, embora não necessariamente, contudo de fato, é sempre assim composta em de longe a maior parte. Deixe-se esses grandes proprietários ser o que quiserem, e eles têm sua chance

de estar entre os melhores, eles são na mais pior das hipóteses, o lastro na embarcação do país. Pois embora riqueza hereditária, e o posto que vai com ela, sejam idolatrados demais por parasitas rastejantes, e os cegos e abjetos admiradores de poder, eles são precipitadamente demais desconsiderados em especulações rasas dos vaidosos de filosofia petulantes, assumidores, e de visão-curta. Certa preeminência decente regulada, certa preferência (não exclusivamente apropriação) dada a nascimento, não é nem não-natural, nem injusta, nem impolítica.

É dito, que vinte e quatro milhões deveriam prevalecer sobre duzentos mil. Verdade; se a constituição de um reino seja um problema de aritmética. Esse tipo de discurso se dá bem o suficiente com o poste luminário por seu segundo; para homens que *podem* raciocinar calmamente, ele é ridículo. A vontade dos muitos, e seu interesse, precisa muito frequentemente diferenciar-se; e grande será a diferença quando eles fazem uma escolha má. Um governo de quinhentos advogados e obscuros curadores não é bom para vinte e quatro milhões de homens, embora fosse escolhido por quarenta e oito milhões; nem é melhor por ser guiado por uma dúzia de pessoas de qualidade, que traíram sua confiança para obter esse poder. No presente, vocês parecem em toda coisa ter desviado da alta rua de natureza. A propriedade de França não a governa. De curso propriedade é destruída, e liberdade racional não tem existência. Tudo que vocês têm para o presente é uma circulação de papel, e uma constituição de corretores de estoque inescrupulosos (NT:stock-jobbers): quanto ao futuro, pensam vocês seriamente que o território de França, sobre o sistema republicano de oitenta e três municipalidades independentes (para não dizer nada das partes que as compõem) pode ser governado como um corpo, ou pode ser posto em movimentado pelo impulso de uma mente? Quando a Assembleia Nacional completar seu trabalho, ela terá realizado sua ruína. Esses países não irão por longo tempo carregar um estado de sujeição à república de Paris. Eles não irão suportar que esse um corpo deveria monopolizar a catividade do rei, e o domínio sobre a assembleia chamando a si mesma Nacional. Cada irá manter sua própria porção do espólio da igreja para si; e não irá aceitar que nem esse espólio, nem os mais justos frutos de sua industria, nem o produto natural de seu solo, seja enviado para inchar a insolência, ou mimar o luxo dos mecânicos de Paris. Nisso eles não irão ver nada da igualdade, sob cuja pretensão eles foram tentados a jogar fora sua lealdade a seu soberano, assim como a antiga constituição de seu país. Não pode haver cidade capital em uma tal constituição como eles têm ultimamente feito. Eles esqueceram, que quando eles armaram governos democráticos, eles tinham virtualmente desmembrado seu país. A pessoa a quem eles perseveram em chamar rei, não tem poder deixado a ele pela centésima parte suficiente para segurar junta essa coleção de repúblicas. A república de Paris irá empreender de fato completar o deboche do exército, e ilegalmente perpetuar a assembleia, sem recurso a seus constituintes, como os meios de continuar seu despotismo. Ela irá fazer esforços, por tornando-se o coração de uma desvinculada circulação de papel, para atrair tudo para si; mas em vão. Toda esta política no fim parecerá tão fraca como é agora violenta.

Se essa seja sua real situação, comparada à situação à qual vocês foram chamados, como se fosse pela voz de Deus e homem, eu não posso achar em meu coração para congratular vocês na escolha que fizeram, ou no sucesso que tem atendido seus empreendimentos. Eu nem tampouco posso recomendar a qualquer outra nação uma conduta baseada em tais princípios, e produtiva de tais efeitos. Isso eu preciso deixar àqueles que podem ver mais além nos assuntos de vocês do que eu sou capaz de fazer, e que melhor conheçam quão longe as ações de vocês são favoráveis aos desígnios deles. Os cavalheiros da Sociedade de Revolução, que foram tão adiantados em suas congratulações, parecem ser fortemente de opinião de que há algum esquema de política relativo a este país, no qual os procedimentos de vocês podem, de algum jeito, ser úteis. Pois seu (de vocês) Dr. Price, que parece ter se especulado para dentro de não pequeno grau de fervor sobre este assunto, endereça o auditório dele nas seguintes muito notáveis palavras: "Eu não posso concluir sem rechamar *particularmente* a sua lembrança uma consideração a que eu tenho *mais de uma vez aludido*, e que provavelmente seus pensamentos têm

estado todo o tempo antecipando; uma consideração com a qual minha *mente é mais impressionada de que eu posso expressar*. Eu quero dizer a consideração da *favorabilidade dos tempos presentes para todas exerções na causa de liberdade*."

É claro que a mente desse Pregador *político* era ao tempo grande com algum desígnio extraordinário; e é muito provável, que os pensamentos de sua audiência, que entenderam-no melhor que eu faço, correram diante dele todo o tempo em sua reflexão, e no trem completo de consequências às quais ela levou.

Antes de ler esse sermão, eu realmente pensava que eu tinha vivido em um país livre; e era um erro que eu acalentava, porque me dava um gosto maior do país em que eu vivia. Eu estava de fato ciente, que uma ciumenta, sempre-desperta vigilância, para guardar o tesouro de nossa liberdade, não apenas de invasão, mas de deterioração e corrupção, era nossa melhor sabedoria e nosso primeiro dever. Contudo, eu considerei esse tesouro preferivelmente como uma possessão a ser assegurada do que como um prêmio a ser contendido. Eu não discerni como o tempo presente veio a ser tão muito favorável a todas as *exerções* na causa de liberdade. O tempo presente difere de qualquer outro apenas pela circunstância do que é feito em França. Se o exemplo dessa nação é para ter uma influência nisso, eu posso facilmente conceber por que alguns de seus procedimentos que têm um aspecto desagradável, e não são inteiramente reconciliáveis com humanidade, generosidade, boa fé, e justiça, são paliados com tanta boa-natureza leitosa no sentido dos atores, e carregada com tanta fortitude heróica no sentido dos sofredores. Certamente que não é prudente desacreditar a autoridade de um exemplo que tencionamos seguir. Mas permitindo isto, nós somos guiados para uma pergunta muito natural; --O que é essa causa de liberdade, e quais são essas exerções em seu favor, para as quais o exemplo de França é tão singularmente auspicioso? É nossa monarquia para ser aniquilada, com todas as leis, todos os tribunais, e todas as antigas corporações do reino? É todo ponto-de-referência do país para ser desfeito em favor de uma constituição geométrica e aritmética? É a casa de lordes para ser votada inútil? É o episcopado para ser abolido? São as terras de igreja para ser vendidas a Judeus e corretores; ou dadas para subornar novo-inventadas repúblicas municipais para dentro de uma participação em sacrilégio? São todas as taxas para ser votadas agravos, e o lucro reduzido a uma patriótica contribuição, ou presentes patrióticos? São ornamentos de calçados, de prata, para ser substituídos no lugar da taxa de terra e da taxa de malte, para o suporte da força naval deste reino? São todas ordens, postos, e distinções para ser confundidos, que fora de anarquia universal, juntada à falência nacional, três ou quatro mil democracias devessem ser formadas em oitenta e três, e que elas possam todas, por algum tipo de desconhecido poder atrativo, ser organizadas em uma? Para este grande fim, é o exército para ser reduzido de sua disciplina e sua fidelidade, primeiro, por todo tipo de deboche, e depois pelo terrível precedente de um donativo no aumento do pagamento? São os curados para ser seduzidos de seus bispos, por mostrando a eles a esperança delusiva de uma doação advinda dos espólios de sua própria ordem? São os cidadãos de Londres para ser tirados de sua lealdade, por alimentando-os às custas de seus co-sujeitos? É uma moeda de papel compulsória para ser substituída no lugar da moeda legal deste reino? É o que resta do estoque pilhado de renda pública para ser empregado no selvagem projeto de manter dois exércitos para vigiar e lutar um com o outro?-- Se esses são os fins e meios da Sociedade de Revolução, eu admito que eles são bem sortidos; e França pode fornecê-los para ambos com precedentes em ponto.

Eu vejo que seu exemplo é ostentado para nos envergonhar. Eu sei que nós somos supostamente uma raça estúpida e lenta, tornada passiva por achar nossa situação tolerável; e prevenida por uma mediocridade de liberdade de jamais atingir a perfeição completa dela. Seus líderes em França começaram por afetando admirar, quase adorar, a constituição Britânica; mas à medida que avançavam eles chegaram a olhar sobre ela com um contempto soberano. Os amigos de sua Assembleia Nacional

entre nós têm tão mesquinha uma opinião do que era anteriormente pensado a glória do país deles. A Sociedade de Revolução descobriu que a nação Inglesa não é livre. Eles estão convencidos que a desigualdade em nossa representação é um "defeito em nossa constituição tão *grosso e palpável*, de modo a fazê-la excelente principalmente em *forma* e *teoria**." (* Discourse on the Love of our Country, 3.a ed. p. 39.) Que uma representação na legislatura de um reino é não apenas a base de toda liberdade constitucional nele, mas de "*todos governos legítimos*; que sem ela um *governo* não é nada a não ser uma *usurpação*;"-- que "quando a representação é *parcial*, o reino possui liberdade apenas *parcialmente*; e se extremamente parcial ele dá apenas uma *semelhança*; e se não apenas extremamente parcial, mas escolhido corruptamente, ele torna-se um *incômodo*." Dr. Price considera essa inadequação de representação como nosso *agravo fundamental*; e contudo, quanto à corrupção desse semblante de representação, ele espera que não tenha ainda chegado à sua completa perfeição de depravação; ele teme que "nada irá ser feito no sentido de ganhar para nós essa *benção essencial*, até que algum *grande abuso de poder* novamente provoque nosso ressentimento, ou alguma *grande calamidade* novamente alarme nossos medos, ou talvez até que a aquisição de uma *representação pura e igual por outros países*, enquanto somos *zombados* com a *sombra*, inflame nossa vergonha." A isso ele subjunta uma nota nessas palavras. "Uma representação, escolhida principalmente pela Tesouraria, e uns *poucos* milhares da *escória* do povo, que são geralmente pagos por seus votos."

Você irá sorrir aqui à consistência desses democratistas, que, quando não estão na guarda deles, tratam a parte mais humilde da comunidade com o maior contempto, enquanto, ao mesmo tempo, eles fingem fazê-los os depositórios de todo poder. Requeriria um longo discurso para apontar a você as muitas falácias que movem-se furtivamente na generalidade e natureza equívoca dos termos "representação inadequada." Eu devo apenas dizer aqui, em justiça àquela constituição à-moda-antiga, sob a qual nós temos por longo tempo prosperado, que nossa representação tem sido achada perfeitamente adequada a todas as propostas para as quais uma representação do povo pode ser desejada ou planejada. Eu desafio os inimigos de nossa constituição a mostrar o contrário. Para detalhar os particulares nos quais se encontra ela tão bem para promover seus fins, iria demandar um tratado sobre nossa constituição prática. Eu declaro aqui a doutrina dos Revolucionistas, somente para que você e outros possam ver, que tipo de opinião esses cavalheiros entretêm da constituição do país deles, e por que eles parecem achar que algum grande abuso de poder, ou alguma grande calamidade, como dando a chance para a benção de uma constituição de acordo com as ideias deles, seria muito paliada para seus sentimentos; você vê *por que eles* são tão muito enamorados da justa e igual representação de vocês, que uma vez sendo obtida, os mesmos efeitos poderiam seguir. Você vê que eles consideram nossa casa de comuns como apenas "uma semelhança," "uma forma," "uma teoria," "uma sombra," "uma zombaria," talvez "um incômodo."

Esses cavalheiros valorizam-se sobre ser sistemáticos; e não sem razão. Eles precisam portanto ver esse grosso e palpável defeito de representação, esse agravo fundamental (assim eles o chamam) como uma coisa não apenas viciosa em si, mas como tornando todo nosso governo absolutamente *ilegítimo*, e não de forma alguma melhor que uma completa *usurpação*. Uma outra revolução, para livrar-se desse governo ilegítimo e usurpado, seria de curso perfeitamente justificável, se não absolutamente necessária. De fato o princípio deles, se você o observa com qualquer atenção, vai muito além do que para uma alteração na eleição da casa de comuns; pois, se representação popular, ou escolha, é necessária para a *legitimidade* de todo governo, a casa de lordes é, em um golpe, bastardizada e corrompida em sangue. Essa casa não é representativa do povo de forma alguma, nem em "semelhança ou em forma". O caso da coroa é totalmente tão ruim. Em vão a coroa pode empreender encobrir-se contra esses cavalheiros pela autoridade do estabelecimento feito na Revolução. A Revolução a que se recorre para um título, no sistema deles, quer um título ela mesma. A Revolução é construída, de acordo com as teorias deles, sobre uma base não mais sólida que nossas presentes formalidades, como

ela foi feita pela casa de lordes não representando ninguém além deles mesmos; e por uma casa de comuns exatamente como o presente, isto é, no termo deles, por uma mera "sombra e zombaria" de representação.

Alguma coisa eles precisam destruir, ou eles parecem a si mesmos existir sem propósito. Um conjunto é por destruir o poder civil através do eclesiástico; outro por demolir o eclesiástico através do civil. Eles estão cientes que as piores consequências poderiam acontecer ao público em realizar essa ruina dupla de igreja e estado; mas eles estão tão acalorados com suas teorias, que eles dão mais que dicas, que essa ruina, com todas as maldades que precisam guiar a ela e atendê-la, e que a eles parecem inteiramente certas, não seriam inaceitáveis para eles, ou muito distantes de seus desejos. Um homem entre eles de grande autoridade, e certamente de grandes talentos, falando de uma suposta aliança entre igreja e estado, diz, "talvez *nós precisemos esperar pela queda dos poderes civis* antes que essa mais não-natural aliança seja quebrada. Calamitoso não há dúvida que esse tempo será. Mas que convulsão no mundo político deveria ser um sujeito de lamentação, se for atendida com tão desejável um efeito?" Você vê com que olho firme esses cavalheiros estão preparados para ver as maiores calamidades que podem cair sobre seu país!

Não é de se admirar portanto, que com estas ideias de toda coisa em sua constituição e governo em casa, seja em igreja ou estado, como iletígimas e usurpadas, ou, na melhor como uma vã zombaria, eles olhem para o exterior com um ansioso e apaixonado entusiasmo. Enquanto eles são possuídos por estas noções, é vão falar a eles da prática de seus ancestrais, as leis fundamentais de seu país, a forma fixa de uma constituição, cujos méritos são confirmados pelo sólido teste de longa experiência, e uma crescente força pública e prosperidade nacional. Eles desprezam experiência como a sabedoria de homens iletrados; e quanto ao resto, eles têm trabalhado no subterrâneo uma mina que explodirá em uma grande explosão todos os exemplos de antiguidade, todos precedentes, cartas, e atos de parlamento. Eles têm "os direitos de homens". Contra estes não pode haver prescrição; contra estes nenhum acordo é vinculante: estes não admitem temperamento, nem compromisso: qualquer coisa retida de sua total demanda é tanto de fraude e injustiça. Contra estes deles direitos de homens não deixe-se nenhum governo procurar segurança na extensão de sua continuidade, ou na justiça e leniência de sua administração. As objeções destes especulatistas, se suas formas não se enquadrem com suas teorias, são tão válidas contra um tal velho e benevolente governo como contra a mais violenta tirania, ou a mais verde usurpação. Eles estão sempre em questão com governos, não em uma questão de abuso, mas uma questão de competência, e uma questão de título. Eu não tenho nada a dizer para a desastrada sutileza de sua metafísica política. Deixe-se eles serem seu entretenimento nas escolas.---"Illa *se jactet in aula --- AEolus, et clauso ventorum carcere regnet*."---Mas não deixe-se eles escaparem prisão para romper como um *Levantador*, para varrer a terra com seu furacão, e quebrar as montanhas do grande profundo para nos esmagar.

Longe eu estou de negar em teoria; tão longe está meu coração de reter em prática (se eu fosse de poder para dar ou reter) os *reais* direitos de homens. Em negando seus falsos clamores de direito, eu não pretendo, injuriar aqueles que são reais, e são tais como seus direitos pretendidos iriam totalmente destruir. Se sociedade civil seja feita para a vantagem do homem, todas as vantagens para as quais ela é feita tornam-se seu direito. Ela é uma instituição de beneficência; e a lei mesma só é beneficente agindo por uma regra. Homens têm um direito a viver por essa regra; eles têm um direito a justiça; como entre seus companheiros, quer seus companheiros estejam em função política ou em ocupação ordinária. Eles têm um direito aos frutos de sua indústria; e aos meios de fazer sua indústria frutífera. Eles têm um direito às aquisições de seus pais; à nutrição e melhoramento de sua prole; a instrução em vida, e a consolação em morte. O que quer que cada homem possa separadamente fazer, sem atravessar sobre outros, ele tem um direito de fazer para ele mesmo; e ele tem um direito de uma porção justa de tudo

que sociedade, com todas suas combinações de habilidade e força, pode fazer em seu favor. Nessa parceria todos homens têm direitos iguais; mas não a coisas iguais. Aquele que tem apenas cinco xelins na parceria, tem tão bom um direito a ela, quanto aquele que tem quinhentas libras tem a sua maior proporção. Mas ele não tem um direito a um dividendo igual no produdo do estoque juntado; e quanto à porção de poder, autoridade, e direção que cada indivíduo deveria ter no gerenciamento do estado, que eu preciso negar estar entre os direitos originais de homem em sociedade civil; pois eu tenho em minha contemplação o homem civil social, e nenhum outro. É uma coisa a ser estabelecida por convenção.

Se sociedade civil seja a prole de convenção, essa convenção precisa ser sua lei. Essa convenção precisa limitar e modificar todas as descrições de constituição que são formadas sob ela. Toda sorte de poder legislativo, judicial ou executivo são suas criaturas. Eles não podem ter ser em qualquer outro estado de coisas; e como pode qualquer homem clamar, sob as convenções de sociedade civil, direitos que não fazem tanto quanto supôr sua existência? Direitos que são absolutamente repugnantes a ela? Um dos primeiros motivos para sociedade civil, e que se torna uma de suas regras fundamentais, é, *que nenhum homem deveria ser juiz em sua própria causa*. Por isto cada pessoa tem instantaneamente desapossado-se do primeiro direito fundamental do homem despactuado, isto é, julgar por ele mesmo, e assertar sua própria causa. Ele abdica todo direito de ser seu próprio governador. Ele inclusivamente, em uma grande medida, abandona o direito de auto-defesa, a primeira lei de natureza. Homens não podem desfrutar os direitos de um estado incivil e de um civil juntos. Para que possa obter justiça ele cede seu direito de determinar o que é em pontos o mais essencial para ele. Para que possa assegurar certa liberdade, ele faz uma rendição em confiança ao todo dela.

Governo não é feito em virtude de direitos naturais, que podem e sim existem em total independência dele; e existem em um muito maior grau de perfeição abstrata; mas sua perfeição abstrata é um defeito prático. Por tendo um direito a toda coisa eles querem toda coisa. Governo é uma maquinação de sabedoria humana para prover para os *quereres* humanos. Homens têm um direito que esses quereres deveriam ser providos por essa sabedoria. Entre estes quereres está para ser reconhecido o querer, fora de sociedade civil, de uma restrição suficiente sobre suas paixões. Sociedade requer não apenas que as paixões de indivíduos deveriam ser sujeitas, mas que mesmo na massa e corpo tão bem quanto nos indivíduos, as inclinações de homens deveriam frequentemente ser impedidas, sua vontade controlada, e suas paixões trazidas em sujeição. Isto pode apenas ser feito *por um poder fora deles mesmos*; e não, no exercício de sua função, sujeito àquela vontade e àquelas paixões as quais é seu ofício embridar e subjugar. Neste sentido as restrições sobre homens, assim como suas liberdades, são para ser reconhecidas entre seus direitos. Mas como as liberdades e as restrições variam com tempos e circunstâncias, e admitem de infinitas modificações, elas não podem ser estabelecidas sobre qualquer regra abstrata; e nada é tão tolo como a discuti-las sobre esse princípio.

O momento em que você abate qualquer coisa dos completos direitos de homens, cada para governar a si próprio, e sofre qualquer limitação positiva artificial sobre esses direitos, a partir desse momento toda a organização de governo torna-se uma consideração de conveniência. Isto é que faz a constituição de um estado, e a devida distribuição de seus poderes, uma matéria da mais delicada e complicada habilidade. Ela requer um profundo conhecimento de natureza humana e necessidades humanas, e das coisas que facilitam ou obstruem os vários fins que são para ser perseguidos pelo mecanismo de instituições civis. O estado é para ter recrutas para sua força, e remédios para seus destemperos. Qual é o uso de discutir o direito abstrato de um homem a comida ou a medicina? A questão está sobre o método de procurar e administrá-los. Nessa deliberação eu devo sempre aconselhar a chamar o auxílio do fazendeiro e do médico, preferivelmente que o professor de metafísica.

A ciência de construir um país, ou renová-lo, ou reformá-lo, é, como toda outra ciência experimental,

não para ser ensinada *à priori*. Nem é uma curta experiência que pode nos instruir nessa ciência prática; porque os efeitos reais de causas morais não são sempre imediatos; mas aquela que na primeira instância é prejudicial pode ser excelente em sua operação mais remota; e sua excelência pode surgir mesmo dos efeitos doentes que produz no começo. O reverso também ocorre; e esquemas muito plausíveis, com começos muito agradáveis, têm frequentemente conclusões vergonhosas e lamentáveis. Em estados há frequentemente certas obscuras e quase latentes causas, coisas que parecem à primeira vista de pouco momento, em que uma muito grande parte de sua propriedade e adversidade pode mais essencialmente depender. A ciência de governo sendo portanto tão prática em si mesma, e tencionada para tais propósitos práticos, uma matéria que requer experiência, e mesmo mais experiência que qualquer pessoa pode ganhar em toda sua vida, tão sagaz e observadora quanto ela possa ser, é com cautela infinita que qualquer homem deveria aventurar-se sobre puxar abaixo um edifício que tem respondido em qualquer grau tolerável por eras às propostas comuns de sociedade, ou sobre construi-lo acima novamente, sem ter modelos e padrões de utilidade aprovada diante de seus olhos.

Estes direitos metafísicos entrando para dentro de vida comum, como raios de luz que penetram em um denso meio, são, pelas leis de natureza, refratados de sua linha reta. De fato na grossa e complicada massa de paixões e concernências humanas, os direitos primitivos de homens passam por uma tal variedade de refrações e reflexões, que torna-se absurdo falar deles como se eles continuassem na simplicidade de sua direção original. A natureza de homem é intricada; os objetos de sociedade são da maior complexidade possível; e portanto nenhuma disposição ou direção simples de poder pode ser adequada seja para natureza do homem, ou para a qualidade de seus assuntos. Quando eu ouço a simplicidade de maquinação mirada em e gabada de em quaisquer novas constituições políticas, eu não estou em perda para decidir que os artífices são grosseiramente ignorantes de seu comércio, ou totalmente negligentes de seu dever. Os governos simples são fundamentalmente defeituosos, para não dizer pior deles. Se você fosse contemplar sociedade em apenas um ponto de vista, todos estes simples modos de política são infinitamente cativantes. Em efeito cada iria responder seu fim singular muito mais perfeitamente que o mais complexo é capaz de atingir todos seus propósitos complexos. Mas é melhor que o todo devesse ser imperfeitamente e anomalamente respondido, que que, enquanto algumas partes são providas com maior exatidão, outras poderiam ser totalmente negligenciadas, ou talvez materialmente injuriadas, pelo excesso de zelo de um membro favorito.

Os direitos pretendidos destes teoristas são todos extremos; e em proporção como eles são metafisicamente verdadeiros, eles são moralmente e politicamente falsos. Os direitos de homens são em um tipo de *média*, incapaz de definição, mas não impossível de ser discernida. Os direitos de homens em governos são suas vantagens; e estas estão frequentemente em balanças entre diferenças de bem; em compromissos por vezes entre bem e mal, e por vezes, entre mal e mal. Razão política é um princípio de computação; adicionando, subtraindo, multiplicando, e dividindo, moralmente e não metafisicamente ou matematicamente, verdadeiras denominações morais.

Por estes teoristas o direito do povo é quase sempre sofisticamente confundido com seu poder. O corpo da comunidade, quando quer que possa vir a agir, não pode encontrar-se com nenhuma resistência efetiva; mas até que poder e direito sejam o mesmo, o corpo todo deles não tem direito inconsistente com virtude, e a primeira de todas virtudes, prudência. Homens não têm direito ao que não é razoável, e ao que não é para seu benefício; por embora um agradável escritor tenha dito, *Liceat perire poetis*, quando um deles, em sangue frio, é dito de ter saltado para dentro das chamas de uma revolução vulcânica, *Ardentem frigidus AEtnam insiluit*, eu considero uma tal brincadeira preferivelmente como uma injustificável licença poética, do que como uma das franquias de Parnassus; e quer ele fosse poeta ou divino, ou político que escolheu exercer este tipo de direito, eu penso que mais sábios, porque mais caridosos pensamentos iriam urgir-me preferivelmente a salvar o homem, que a preservar seus

brônzeos chinelos como os monumentos de sua tolice.

O tipo de sermões de aniversário, ao que uma grande parte do que eu escrevo se refere, se homens não forem envergonhados para fora de seu curso presente, em comemorando o fato, irá trapacear muitos para fora dos princípios, e privá-los dos benefícios da Revolução que eles comemoram. Eu confesso a você, Senhor, que eu nunca gostei desta conversa contínua de resistência e revolução, ou da prática de fazer da medicina extrema da constituição seu pão diário. Ela torna o hábito de sociedade perigosamente valetudinário: ela está tomando doses periódicas de sublimato de mercúrio, e engolindo abaixo repetidos provocativos de cantáridas para nosso amor de liberdade.

Esse destempero de remédio, crescido habitual, relaxa e desgasta, por um uso vulgar e prostituído, a primavera desse espírito que é para ser exercido em grandes ocasiões. Foi no mais paciente período de servitude Romana que temas de tiranicídio fizeram o exercício ordinário de garotos na escola---*cum perimit savos classis numerosa tyrannos*. No estado de coisas ordinário, ele produz em um país como o nosso os piores efeitos, mesmo na causa dessa liberdade da qual abusa com a dissolubilidade de uma especulação extravagante. Quase todos os republicanos alto-procriados de meu tempo têm, depois de um curto espaço, tornado-se os mais decididos, de passos meticulosos cortesãos; eles logo deixaram o negócio de uma tediosa, moderada, mas prática resistência àqueles de nós que, no orgulho e intoxicação de suas teorias, eles têm desdenhado, como não muito melhor que tories (NT:de tory). Hipocrisia, é claro, deleita-se nas mais sublimes especulações; pois, nunca tencionando ir além de especulação, não custa nada a ter magnífica. Mas mesmo em casos onde preferivelmente veleidade que fraude seria de suspeitar nessas especulações arengantes, a questão tem sido muito a mesma. Esses professores, encontrando seus princípios extremos não aplicáveis a casos que somente podem chamar por uma qualificada, ou, como eu posso dizer, civil e legal resistência, em tais casos não empregam nenhuma resistência qualquer. É com eles uma guerra ou uma revolução, ou não é nada. Encontrando seus esquemas de política não adaptados ao estado do mundo no qual eles vivem, eles frequentemente vêm a pensar levemente de todo princípio público; e estão prontos, de sua parte, para abandonar por um interesse muito trivial o que eles acham de valor muito trivial. Alguns de fato são de mais firmes e perseverantes naturezas; mas estes são políticos ansiosos fora de parlamento, que têm pouco a tentá-los a abandonar seus projetos favoritos. Eles têm alguma mudança na igreja ou estado, ou ambos, constantemente em sua visão. Quando esse não é o caso, eles são sempre cidadãos ruins, e conexões perfeitamente incertas. Pois, considerando seus desígnios especulativos como de valor infinito, e o real arranjamento do estado como de nenhuma estimação, eles são na melhor indiferentes sobre ele. Eles não vêem nenhum mérito no bom, e nenhuma falta no vicioso gerenciamento de assuntos públicos; eles preferivelmente regozijam-se deste último, como mais propício a revolução. Eles não vêem nenhum mérito ou demérito em qualquer homem, ou qualquer ação, ou qualquer princípio político, qualquer coisa além de como eles podem encaminhar ou retardar seu desígnio de mudança: eles portanto levantam, um dia, a mais violenta e esticada prerrogativa, e outro tempo as mais selvagens ideias democráticas de liberdade, e passam de uma às outras sem qualquer tipo de consideração a causa, a pessoa ou a partido.

Em França vocês estão agora na crise de uma revolução, e no trânsito de uma forma de governo para outra -- vocês não podem ver esse caráter de homens exatamente na mesma situação na qual nós o vemos neste país. Conosco ele é militante; com vocês ele é triunfante; e vocês sabem como ele pode agir quando seu poder é comensurado a sua vontade. Eu não iria ser suposto de confinar essas observações a qualquer descrição de homens, ou compreender todos homens de qualquer descrição dentro delas---Não! longe disso. Eu sou tão incapaz dessa injustiça, como eu sou de manter termos com aqueles que professam princípios de extremos; e que sob o nome de religião ensinam pouco que não selvagem e perigosa política. O pior destas políticas de revolução é isto; elas temperam e endurecem o

seio, para prepará-lo para os golpes desesperados que são por vezes usados em ocasiões extremas. Mas como estas ocasiões podem nunca chegar, a mente recebe uma mancha gratuita; e os sentimentos morais sofrem não pouco, quando nenhum propósito político é servido pela depravação. Esse tipo de pessoas são tão tomadas com suas teorias sobre os direitos de homem, que elas esqueceram totalmente a natureza dele. Sem abrir uma nova avenida para o entendimento, eles sucederam em interromper aquelas que guiam ao coração. Eles perverteram em si mesmos, e naqueles que atendem a eles, todas as bem-colocadas simpatias do seio humano.

Este famoso sermão da Velha Judiaria não respira nada além deste espírito através de todas as partes políticas. Tramas, massacres, assassinatos, parecem a algumas pessoas um preço trivial para obter uma revolução. Uma reforma barata, sem sangue, uma liberdade sem culpa, parecem rasas e vápidas a seu gosto. Deve haver uma grande mudança de cena; deve haver um magnífico efeito de palco; deve haver um grande espetáculo para excitar a imaginação, crescido tórpido com o preguiçoso desfrute de segurança de sessenta anos, e o ainda não-animador repouso de prosperidade pública. O Pregador achou-os todos na revolução Francesa. Isto inspira um calor juvenil através de toda sua estrutura. Seu entusiasmo inflama-se à medida que ele avança; e quando ele chega em sua peroração, este está em uma flama completa. Então vendo, a partir do Pisgah de seu púlpito, o livre, moral, feliz, florescente, e glorioso estado de França, como em um panorama de olho-de-pássaro de uma terra prometida, ele rebenta para dentro do seguinte enlevo:

"Que período cheio de acontecimentos é este! Eu sou *grato* que eu tenho vivido até ele; eu poderia quase dizer, *Senhor, agora deixe você seu servente partir em paz, pois meus olhos têm visto sua salvação*.---Eu tenho vivido para ver uma *difusão* de conhecimento, que tem minado superstição e erro.---Eu tenho vivido para ver *os direitos de homens* melhor entendidos que nunca; e nações suspirando por liberdade que pareciam ter perdido a ideia dela.---Eu tenho vivido para ver *Trinta Milhões de Pessoas*, indignadas e resolutas, repulsando escravidão, e demandando liberdade com uma voz irresistível. *Seu Rei liderado em triunfo, e um monarca arbitrário rendendo-se a seus sujeitos**." (* Um outro destes reverendos cavalheiros, que foi testemunha a alguns dos espetáculos que Paris tem ultimamente exibido -- se expressa assim, "*Um rei dragado em triunfo submissivo por seus sujeitos conquistadores* é uma daquelas aparições de grandeza que raramente surgem no prospecto de assuntos humanos, e que, durante o restante de minha vida, eu devo pensar com maravilha e gratificação." Estes cavalheiros concordam maravilhosamente em seus sentimentos.)

Antes de proceder adiante, eu devo reparar, que Dr. Price parece preferivelmente sobre-valorizar as grandes aquisições de luz que ele tem obtido e difundido nesta era. O último século parece-me ter sido inteiramente tão iluminado. Ele teve, embora em um lugar diferente, um triunfo tão memorável quanto o de Dr. Price; e alguns dos grandes pregadores daquele período tomaram parte dele tão ansiosamente como ele tem feito no triunfo de França. No julgamento do Rev. Hugh Peters por alta traição, foi deposto, que quando Rei Charles foi trazido a Londres para seu julgamento, o Apóstolo de Liberdade naquele dia conduziu o *triunfo*. "Eu vi," diz a testemunha, "sua majestade no côche com seis cavalos, e Peters dirigindo diante do rei *triunfando*." Dr. Price, quando ele fala como se ele tivesse feito uma descoberta, apenas segue um precedente; pois, depois do começo do julgamento do rei, esse precursor, o mesmo Dr. Peters, concluindo uma longa oração na capela real de Whitehall, (ele tinha muito triunfantemente escolhido seu lugar) disse, "Eu tenho rezado e pregado estes vinte anos; e agora eu posso dizer com velho Simeon, *Senhor, agora deixe você seu servente partir em paz, pois meus olhos têm visto sua salvação* *." (* State Trials, vol. ii. p. 360, p. 363.) Peters tinha não apenas os frutos de sua oração; pois ele nem partiu tão cedo como desejava, nem em paz. Ele tornou-se (o que eu espero de coração que nenhum de seus seguidores possa ser neste país) ele mesmo um sacrifício ao triunfo que ele liderou como Pontífice. Eles lidaram na Revolução, talvez, duramente demais com este pobre

homem bom. Mas nós devemos a sua memória e seus sofrimentos, que ele teve tanta iluminação, e tanto zelo, e tinha tão efetivamente minado toda *a superstição e erro* que poderia impedir o grande negócio no qual estava empenhado, quanto qualquer que segue e repete depois dele, nesta era, que iria assumir a si própria um título exclusivo ao conhecimento dos direitos de homens, e todas as gloriosas consequências desse conhecimento.

Depois desta investida do pregador da Velha Judiaria, que difere apenas em lugar e tempo, mas concorda perfeitamente com o espírito e letra do êxtase de 1648, a Sociedade de Revolução, os fabricantes de governos, o bando heróico de *demissores* de *monarcas*, eleitores de soberanos, e líderes de reis em triunfo, pavoneando-se com uma orgulhosa consciência da difusão de conhecimento, de que todo membro tinha obtido tão grande uma porção no donativo, estavam com pressa para fazer uma generosa difusão do conhecimento que eles tinham assim gratuitamente recebido. Para fazer essa farta comunicação, eles transferiram da igreja na Velha Judiaria, para a Taverna de Londres; onde o mesmo Dr. Price, em quem os fumos de sua trípode oracular estavam não inteiramente evaporados, moveu e carregou a resolução, ou endereçamento de congratulação, transmitido por Lorde Stanhope à Assembleia Nacional de França.

Eu encontro um pregador do gospel profanando a bela e profética ejaculação, comummente chamada "*nunc dimittis*," feita na primeira apresentação de nosso Salvador no Templo, e aplicando-a, com um inumano e não-natural êxtase, ao mais hórrido, atroz, e aflitivo espetáculo, que talvez jamais foi exibido à pena e indignação de humanidade. Esta "*liderança em triunfo*," uma coisa em sua melhor forma não-máscula e irreligiosa, que enche nosso Pregador com tais não-benditos transportes, precisa chocar, eu creio, o gosto moral de toda mente bem-nascida. Vários Ingleses foram os estupefatos e indignados espectadores desse triunfo. Ele foi (a não ser que nós tenhamos sido estranhamente enganados) um espetáculo mais semelhante a uma procissão de selvagens Americanos, entrando para dentro de Onondaga, depois de alguns de seus assassinatos chamados vitórias, e guiando para dentro de alpendres cercados com escalpos, seus cativos, sobrepujados com os escárnios e bofetadas de mulheres tão ferozes como eles mesmos, muito mais que assemelhava-se à pompa triunfal de uma nação marcial civilizada; -- se uma nação civilizada, ou quaisquer homens que tivessem um senso de generosidade, fossem capazes de um triunfo pessoal sobre os caídos e aflitos.

Isto, meu caro Senhor, não foi o triunfo de França. Eu preciso acreditar que, como uma nação, isto sobrepujou-os com vergonha e horror. Eu preciso acreditar que a Assembleia Nacional se encontram em um estado da maior humilhação, em não sendo capazes de punir os autores deste triunfo, ou os atores nele; e que eles estão em uma situação em que qualquer enquirimento que eles possam fazer sobre o assunto, precisa ser destituído mesmo da aparência de liberdade ou imparcialidade. A apologia dessa Assembleia é encontrada em sua situação; mas quando nós aprovamos o que eles *precisam* carregar, está em nós a escolha degenerada de uma mente viciada.

Com uma compelida aparência de deliberação, eles votam sob o domínio de uma severa necessidade. Eles sentam no coração, como se fosse, de uma república estrangeira: eles têm sua residência em uma cidade cuja constituição tem emanado nem da carta de seu rei, nem do poder legislativo deles. Aí eles estão cercados por um exército não levantado nem pela autoridade de sua coroa, nem pelo comando deles; e que, se eles devessem ordenar para dissolver-se, iria instantaneamente dissolvê-los. Aí eles sentam, depois que uma gangue de assassinos tinha expulso algumas centenas dos membros; enquanto aqueles que tinham os mesmos princípios moderados, com mais paciência ou melhor esperança, continuavam todo dia expostos a ultrajantes insultos e mortíferas ameaças. Aí uma maioria, por vezes real, por vezes pretendida, cativa ela mesma, compele um rei cativo a emitir como editos reais, em terceira mão, a insensatez poluída das mais licenciosas e vertiginosas casas-de-café. É notório, que

todas suas medidas são decididas antes de ser debatidas. Está fora de dúvida, que sob o terror da baioneta, e do lampião, e da tocha a suas casas, eles são obrigados a adotar todas as cruas e desesperadas medidas sugeridas pelos clubes compostos de uma monstruosa mistura de todas condições, línguas, e nações. Entre estes se encontram pessoas, em comparação das quais Catilina seria pensado escrupuloso, e Cethegus um homem de sobriedade e moderação. Nem é nestes clubes somente que as medidas públicas são deformadas em monstros. Elas passam por uma distorção prévia em academias, tencionadas como tantos seminários para estes clubes, que são estabelecidos em todos os lugares de estância pública. Nestas reuniões de todos tipos, todo conselho, em proporção como é audacioso, e violento, e perfidioso, é tomado pela marca de um gênio superior. Humanidade e compaixão são ridicularizadas como os frutos de superstição e ignorância. Compaixão a indivíduos é considerada uma traição ao público. Liberdade é sempre para ser estimada perfeita enquanto propriedade é tornada insegura. Entre assassinato, massacre, e confisco, perpetrados ou meditados, eles estão formando planos para a boa ordem de sua boa sociedade. Abraçando as carcaças de criminosos base, e promovendo suas relações sobre o título de suas ofensas, eles dirigem centenas de pessoas virtuosas ao mesmo fim, por forçando-as a subsistir por mendigagem ou por crime.

A Assembleia, órgão deles, atua diante deles a farsa de deliberação com tão pouca decência quanto liberdade. Eles agem como comediantes de uma feira diante de uma audiência tumultuosa; eles agem entre os gritos tumultuosos de uma turba mista de homens ferozes, e de mulheres perdidas à vergonha, que, de acordo com suas fantasias insolentes, dirigem, controlam, aplaudem, explodem-nos; e por vezes misturam e tomam suas proezas entre eles; dominando sobre eles com uma estranha mistura de petulância servil e orgulhosa autoridade presunçosa. Como eles inverteram ordem em todas coisas, a galeria está no lugar da casa. Esta Assembleia, que derrubam reis e reinos, não tem nem a fisionomia e aspecto de um grave corpo legislativo--*nec color imperii, nec frons erat ulla senatus*. Eles têm um poder dado a eles, como aquele de um princípio mau, para subverter e destruir; mas nenhum para construir, exceto tais máquinas como podem ser encaixadas para ulterior subversão e ulterior destruição.

Quem é que admira, e do coração é atado a assembleias representativas nacionais, mas precisa virar com horror e desgosto de uma tal profana paródia, e abominável perversão desse sagrado instituto? Amantes de monarquia, amantes de repúblicas, precisam da mesma forma abominá-la. Os membros de sua Assembleia precisam eles mesmos gemer sob a tirania de que eles têm toda a vergonha, nenhuma da direção, e pouco do lucro. Eu estou certo que muitos dos membros que compõem mesmo a maioria desse corpo, precisam sentir-se como eu faço, apesar dos aplausos da Sociedade de Revolução. ---Miserável rei! miserável Assembleia! Como deve essa assembleia ser silenciosamente escandalizada com aqueles de seus membros, que puderam chamar um dia que parecia borrar o sol fora de Céu, "un beau jour *!" (* 6.o de Outubro, 1789.) Como devem eles ser interiormente indignados em ouvir outros, que pensaram adequado declarar a eles "que o navio do estado iria voar adiante em seu curso no sentido de regeneração com mais velocidade que nunca," da rija ventania de traição e assassinato, que precedeu o triunfo de nosso Pregador! O que eles precisam ter sentido, quando eles foram sitiados por reclamações de desordens que chocaram seu país até suas fundações, em ser compelidos calmamente a dizer aos reclamantes, que eles estavam sob a proteção da lei, e que eles iriam endereçar-se ao rei (o rei cativo) para causar as leis a serem aplicadas para proteção deles; quando os ministros escravizados desse rei cativo tinham formalmente notificado a eles, que não havia nem lei, nem autoridade, nem poder restando a proteger? O que eles devem ter sentido em sendo obrigados, como uma felicitação sobre o presente ano novo, a requisitar seu rei cativo a esquecer o período tempestuoso do último, por conta do grande bem que *ele* era provável de produzir para seu povo; bem para cujo completo alcançamento eles transferiram as demonstrações práticas de sua lealdade, assegurando-o da obediência deles, quando ele deveria não mais possuir qualquer autoridade para comandar?

Este endereçamento foi feito com muita boa-natureza e afeição, para ser certo. Mas entre as revoluções em França, precisa ser reconhecida uma considerável revolução em suas ideias de polidez. Em Inglaterra diz-se que nós aprendemos maneiras em segunda-mão de seu lado da água, e que nós vestimos nosso comportamento no brechó de França. Se assim é, nós ainda estamos no velho corte; e não temos até agora conformado à nova moda Parisiense de boa-procriação, como a pensar inteiramente na mais refinada espécie de cumprimento delicado (seja em condolência ou congratulação) dizer, à criatura mais humilhada que rasteja sobre a terra, que grandes benefícios públicos são derivados do assassinato de seus serventes, o tentado assassinato dele mesmo e de sua esposa, e a mortificação, desgraça, e degradação, que ele tem pessoalmente sofrido. É um tópico de consolação que nosso ordinário de Newgate seria humano demais para usar para um criminoso ao pé da fôrca. Eu deveria ter pensado que o carrasco de Paris, agora que ele está liberalizado pelo voto da Assembleia Nacional, e é permitido a seu posto e armas no Colégio do Arauto (NT:Herald's College) dos direitos de homens, seria generoso demais, galante demais um homem, cheio demais do senso de sua nova dignidade, para empregar essa consolação cortante para qualquer das pessoas que a *leze nation* poderia trazer sob a administração de seus *poderes executivos*.

Um homem está caído de fato, quando ele é assim lisonjeado. A anódina corrente de oblívio, assim drogada, é bem calculada para preservar um exasperante estado desperto, e para semear a úlcera viva de uma memória se corroendo. Administrar assim a opiada poção de anistia, empoada com todos os ingredientes de desdém e contempto, é segurar a seus lábios, em vez de "o bálsamo de mentes machucadas," a taça de miséria humana cheia até a borda, e forçá-lo a bebê-la até os resíduos.

Rendendo-se a razões, ao menos tão forçosas quanto aquelas que foram tão delicadamente urgidas no elogio sobre o ano novo, o rei de França irá provavelmente empenhar-se em esquecer estes eventos, e esse elogio. Mas história, que mantém um registro durável de todos nossos atos, e exercita sua aterradora censura sobre os procedimentos de todos tipos de soberanos, não irá esquecer, nem esses eventos, nem a era deste refinamento liberal no intercurso de humanidade. História irá registar, que na manhã do 6.o de Outubro 1789, o rei e rainha de França, após um dia de confusão, alarme, desalento e matança, deitaram, sob a garantida segurança de fé pública, para indulgir natureza em umas poucas horas de descanso, e repouso de perturbada melancolia. Deste sono a rainha foi primeiro sobressaltada pela voz da sentinela à sua porta, que gritou para ela, para salvar-se por fuga---que esta era a última prova de fidelidade que ele poderia dar---que eles estavam sobre ele, e ele estava morto. Instantaneamente ele foi cortado abaixo. Um bando de cruéis rufiãos e assassinos, exalando cheiro com o sangue dele, entrou correndo na câmara da rainha, e perfurou com uma centena de golpes de baionetas e punhais a cama, daonde esta mulher perseguida teve apenas justo tempo de fugir, quase nua, e através de caminhos desconhecidos aos matadores tinha escapado para procurar refúgio aos pés de um rei e marido, não seguro de sua própria vida por um momento.

Este rei, para não dizer mais dele, e esta rainha, e suas crianças infantes (que uma vez teriam sido o orgulho e esperança de um grande e generoso povo) foram então forçados a abandonar o santuário do mais esplêndido palácio no mundo, que eles deixaram nadando em sangue, poluído por massacre, e juncado com membros espalhados e carcaças mutiladas. Daí eles foram conduzidos para dentro da capital de seu reino. Dois tinham sido selecionados da não-provocada, não-resistida, promíscua matança, que foi feita dos cavalheiros de nascimento e família que compunham a guarda de corpo do rei. Estes dois cavalheiros, com toda a parada de uma execução de justiça, foram cruelmente e publicamente dragados ao bloco, e decapitados na grande corte do palácio. Suas cabeças foram fincadas sobre lanças, e guiaram a procissão; enquanto os cativos reais que seguiram no trem eram lentamente movidos junto, entre os hórridos gritos; e estridentes urros, e danças frenéticas, e infames

contumélias, e todas as impronunciáveis abominações das fúrias de inferno, na forma abusada das mais vis das mulheres. Depois que eles tinham sido obrigados a provar, gota por gota, mais que a amargura de morte, na lenta tortura de uma jornada de doze milhas, protraída a seis horas, eles foram, sob uma guarda, composta daqueles mesmos soldados que tinham assim os conduzido através deste famoso triunfo, alojados em um dos velhos palácios de Paris, agora convertido em uma Bastilha para reis.

É este um triunfo para ser consagrado em altares? para ser comemorado com grata ação-de-graças? para ser oferecido à divina humanidade com fervorosa oração e entusiástica ejaculação?-- Essas Orgias Tebanas e Trácias, atuadas em França, e aplaudidas apenas na Velha Judiaria, eu garanto a vocês, inflamam entusiasmo profético nas mentes de ninguém a não ser muito poucas pessoas neste reino; embora um santo e apóstolo, que pode ter revelações próprias, e que tem tão completamente dominado todas as mesquinhas superstições do coração, pode inclinar-se a pensar pio e decoroso compará-lo com a entrada para dentro do mundo do Príncipe de Paz, proclamada em um templo sagrado por um venerável sábio, e não muito antes não piormente anunciada pela voz de anjos à quieta inocência de pastores.

Primeiramente eu estive em uma falta para dar a razão deste acesso de transporte descuidado. Eu sabia, de fato, que os sofrimentos de monarcas fazem um delicioso repasto para algum tipo de paladares. Houve reflexões que poderiam servir para manter este apetite dentro de alguns limites de temperança. Mas quando eu tomei uma circunstância para dentro de minha consideração, eu fui obrigado a confessar, que muita concessão deveria ser feita pela Sociedade, e que a tentação era muito forte para discrição comum; eu quero dizer, a circunstância do 1.o Paean do triunfo, o grito animador que chamava "para *todos* os BISPOS serem enforcados nos postes de iluminação*," (* Tous les Eveques à la lanterne.) poderia bem ter trazido adiante uma arrebentação de entusiasmo nas previstas consequências deste feliz dia. Eu permito a tão muito entusiasmo algum pequeno desvio de prudência. Eu permito esse profeta a exclamar para dentro de hinos de alegria e ação-de-graças em um evento que parece como o precursor do Millenium, e a projetada quinta monarquia, na destruição de todos estabelecimentos de igreja. Houve, contudo (como há em todos assuntos humanos) no meio desta alegria alguma coisa a exercitar a paciência destes valorosos cavalheiros, e para testar o longo-sofrimento de sua fé. O real assassinato do rei e rainha, e sua criança, estava faltando para as outras circunstâncias auspiciosas deste "*belo dia*". O real assassinato dos bispos, embora pedido por tantas ejaculações sagradas, também estava faltando. Um grupo de regicídio e matança sacrilégia, foi de fato audaciosamente rascunhado, mas foi apenas rascunhado. Ele infelizmente foi deixado inacabado, nesta grande peça-história do massacre de inocentes. Que valente lápis de um grande mestre, da escola dos direitos de homens, irá acabá-lo, é para ser visto doravante. A era ainda não tem o completo benefíco dessa difusão de conhecimento que tem minado superstição e erro; e o rei de França quer um outro objeto ou dois, para consignar oblívio, em consideração de todo o bem que é para surgir de seus próprios sofrimentos, e os crimes patrióticos de uma era iluminada *.

--
* É próprio aqui referir a uma carta escrita sobre este assunto por uma testemunha ocular. Essa testemunha ocular foi um dos mais honestos, inteligentes, e eloquentes membros da Assembleia Nacional, um dos mais ativos e zelosos reformadores do estado. Ele foi obrigado a retirar-se da assembleia; e ele depois tornou-se um exilado voluntário, por conta dos horrores deste pio triunfo, e as disposições de homens, que, lucrando de crimes, se não os causando, tomaram a liderança em assuntos públicos.

EXTRATO da Segunda Carta de M. de Lally Tollendal para um Amigo.

"Parlons du parti que j'ai pris; il est bien justifié dans ma conscience.---Ni cette ville coupable, ni cette assemblée plus couplable encore, ne meritoient que je me justifie; mais j'ai à coeur que vous, et les personnes qui pensent comme vous, ne me condamnent pas.---Ma santé, je vous jure, me rendoit mes fonctions impossibles; mais meme en les mettant de coté il a eté au-dessus de mes forces de supporter plus long-tems l'horreur que me causoit ce sang,---ces têtes,---cette reine *presque egorgée*,---ce roi,---amené *esclave*,---entrant à Paris, au milieu de ses assassins, et precedé des tetes de ses mal-heureux gardes.---Ces perfides jannissaires, ces assassins, ces femmes cannibales, ce cri de, TOUS LES EVEQUES A LA LANTERNE, dans le moment ou le roi entre sa capitale avec deux eveques de son conseil dans sa voiture. Un *coup de fusil*, que j'ai vu tirer dans un *des carosses de la reine*. M. Bailley appellant cela *un beau jour*. L'assemblée ayant declaré froidement le matin, qu'il n'étoit pas de sa dignité d'aller toute entiere environner le roi. M. Mirabeau disant impunement dans cette assemblée, que le vaisseau de l'état, loins d'etre arrêté dans sa course, s'élanceroit avec plus de ra-pidité que jamais vers sa régénération. M. Barnave, riant avec lui, quand des flots de sang couloient autour de nous. Le vertueux Mounier * (* N.B. Mr. Mounier foi então orador da Assembleia Nacional. Ele desde então foi obrigado a viver em exílio, embora um dos mais firmes assertadores de liberdade.) echappant par miracle à vingt assassins, qui avoient voulu faire de sa tete un trophée de plus.

"Voila ce qui me fit jurer de ne plus mettre le pied *dans cette caverne d'Antropophages* [a Assembleia Nacional] où je n'avois plus de force d'élever la voix, ou depuis six semaines je l'avois elevée en vain. Moi, Mounier, e tous les honnêtes gens, ont le dernier effort à faire pour le bien étoit d'en sortir. Aucune idée de crainte ne s'est approchée de moi. Je rougirois de m'en defendre. J'avois encore reçû sur la route de la part de ce peuple, moins coupable que ceux que l'ont enivré de fu-reur, des acclamations, et des applaudissements, dont d'autres auroient été flattés, et qui m'ont fait fremir. C'est à l'in-dignation, c'est à l'horreur, c'est aux convulsions physiques, que le seul aspect du sang me fait eprouver que j'ai cedé. On brave une seule mort; on la brave plusieurs fois, quand elle peut être utile. Mais aucune puissance sous le Ciel, mais aucune opinion publique ou privée n'ont le droit de me con-damner à souffrir inutilement mille supplices par minute, et à perir de désespoir, de rage, au milieu des *triomphes*, du crime que je n'ai pu arrêter. Ils me proscriront, ils confisque-ront mes biens. Je labourerai la terre, et je ne les verrai plus.---Voila ma justification. Vous pourez la lire, la mon-trer, la laisser copier; tant pis pour ceux qui ne la com-prendront pas; ce ne sera alors moi qui auroit eu tort de la leur donner."

Este homem militar tinha nervos não tão bons como o pacífico cavalheiro da Velha Judiaria. -- Ver a narrativa de Mons. Mounier destas transações; um homem também de honra e virtude, e talentos, e portanto um fugitivo.
--

Embora este trabalho de nossa nova luz e conhecimento, não tenha ido à distância, que em toda probabilidade era tencionado que deveria ser carregado; ainda eu preciso pensar, que tal tratamento de quaisquer criaturas humanas precisa ser chocante para qualquer a não ser aqueles que são feitos para realizar Revoluções. Mas eu não posso parar aqui. Influenciado pelos sentimentos inatos de minha natureza, e não sendo iluminado por um único raio desta novo-brotada luz moderna, eu confesso a você, Senhor, que o posto exaltado das pessoas sofrendo, e particularmente o sexo, a beleza, e as amáveis qualidades do descendente de tantos reis e imperadores, com a tenra idade de infantes reais, insensível apenas através de infância e inocência dos cruéis ultrajes a que seus pais foram expostos, em vez de ser um sujeito de exultação, adiciona não um pouco a minha sensibilidade nessa mais melancólica ocasião.

Eu ouço que a pessoa augusta, que foi o objeto principal do triunfo de nosso pregador, embora ele se suportasse, sentiu muito nessa vergonhosa ocasião. Como um homem, veio a ele sentir por sua esposa e

suas crianças, e os fiéis guardas de sua pessoa, que foram massacrados em sangue frio acerca dele; como um príncipe, veio a ele sentir pela estranha e terrível transformação de seus sujeitos civilizados, e ser mais entristecido por eles, que solicitoso por si mesmo. Desmerece pouco de sua fortitude, enquanto adiciona infinitamente à honra de sua humanidade. Eu sinto muito em dizê-lo, sinto muito mesmo, que tais personagens estejam em uma situação na qual não é inconveniente em nós louvar as virtudes dos grandes.

Eu ouço, e eu me regozijo em ouvir, que a grande dama, o outro objeto do triunfo, carregou esse dia (um é interessado que seres feitos para sofrimento deveriam sofrer bem) e que ela carrega todos os dias que sucedem, que ela carrega o aprisionamento de seu esposo, e sua própria catividade, e o exílio de seus amigos, e a insultosa adulação de endereçamentos, e o peso todo de seus acumulados erros, com uma serena paciência; em uma maneira adequada a seu posto e raça, e conveniente à prole de uma soberana distinguida por sua piedade e sua coragem; que como ela ela tem altos sentimentos; que ela sente com a dignidade de uma matrona Romana; que na última extremidade ela irá salvar-se da última desgraça; e que se ela precisa cair, ela não irá cair por nenhuma mão ignóbil.

Fazem agora dezesseis ou dezessete anos desde que eu vi a rainha de França, então a delfina, em Versailles; e certamente nunca topei sobre esta orbe, que ela dificilmente parecia tocar, com uma visão mais deleitável. Eu vi ela justo acima do horizonte, decorando e animando a esfera elevada que ela no instante começava a mover para dentro, --resplandecendo como a estrela-dalva, cheia de vida, e esplendor, e alegria. Oh! Que revolução! e que coração preciso eu ter, para contemplar sem emoção essa elevação e essa queda! Pouco sonhava eu quando ela adicionou títulos de veneração àqueles de entusiástico, distante, respeitoso amor, que ela deveria jamais ser obrigada a carregar o afiado antídoto contra desgraça ocultado nesse seio; pouco sonhava eu que eu deveria ter vivido para ver tais desastres caídos sobre ela em uma nação de homens galantes, em uma nação de homens de honra e de cavaleiros. Eu pensei que dez mil espadas precisam ter saltado de suas bainhas para vingar mesmo um olhar que a ameaçasse com insulto. ---Mas a idade de cavalaria é passada.-- A de sofistas, oeconomistas, e calculadores, tem sucedido; e a glória de Europa está extinta para sempre. Nunca, nunca mais, devemos nós contemplar essa generosa lealdade a posto e sexo, essa orgulhosa submissão, essa dignificada obediência, essa subordinação do coração, que mantinha viva, mesmo em servitude mesma, o espírito de uma liberdade exaltada. A não-comprada graça de vida, a barata defesa de nações, a nutrição de sentimentos másculos e empreendimentos heróicos é passada! É passada, essa sensibilidade de princípio, essa castidade de honra, que sentia uma mancha como uma ferida, que inspirava coragem enquanto ela mitigava ferocidade, que enobrecia o que quer que ela tocasse, e sob a qual vício ele mesmo perdia metade de seu mal, por perdendo toda sua grosseria.

Esse sistema misto de opinião e sentimento teve sua origem na antiga cavalaria; e o princípio, embora variado em sua aparência pelo estado variante de assuntos humanos, subsistiu e influenciou através de uma longa sucessão de gerações, mesmo ao tempo em que nós vivemos. Se devesse algum dia ser totalmente extinto, a perda eu temo será grande. É isto que tem dado seu caráter a Europa moderna. É isto que tem distinguido-a sob todas suas formas de governo, e distinguido-a para sua vantagem, dos estados de Ásia, e possivelmente daqueles estados que floresceram nos mais brilhantes períodos do mundo antigo. Foi isso, que, sem confundir postos, tinha produzido uma nobre igualdade, e a transmitido através de todas as gradações de vida social. Foi essa opinião que mitigou reis em companheiros, e ergueu homens privados a ser companheiros com reis. Sem força, ou oposição, isso subjugou a ferocidade de orgulho e poder; isso obrigou soberanos a submeter-se ao suave colar de estima social, compeliu severa autoridade a submeter-se a elegância, e deu um conquistador de dominação de leis, para ser subjugada por maneiras.

Mas agora tudo isso está para ser mudado. Todas agradáveis ilusões, que fizeram poder gentil, e obediência liberal, que harmonizaram os diferentes tons de vida, e que, por uma branda assimilação, incorporaram para dentro de política os sentimentos que embelezam e suavizam sociedade privada, estão para ser dissolvidos por esse novo império conquistador de luz e razão. Todo o drapejamento decente de vida está para ser rudemente rasgado. Todas as superadicionadas ideias, fornecidas do guarda-roupa de uma imaginação moral, que o coração possui, e o entendimento ratifica, como necessários para cobrir os defeitos de nossa trêmula natureza nua, e para erguer a dignidade em nossa própria estimação, estão para ser explodidos como uma ridícula, absurda, e antiquada moda.

Neste esquema de coisas, um rei não é senão um homem; uma rainha não é senão uma mulher; uma mulher não é senão um animal; e um animal não da mais alta ordem. Toda homenagem prestada ao sexo em geral como tal, e sem visões distintas, é para ser considerada como romance e tolice. Regicídio, e parricídio, e sacrilégio, não são senão ficções de superstição, corrompendo jurisprudência por destruindo sua simplicidade. O assassinato de um rei, ou uma rainha, ou um bispo, ou um pai, são apenas homicídio comum; e se o povo é por qualquer chance, ou em qualquer jeito ganhadores por ele, um tipo de homicídio muito o mais perdoável, e para dentro do qual nós não deveríamos fazer muito severo um escrutínio.

No esquema dessa bárbara filosofia, que é a prole de corações frios e entendimentos lamacentos, e que é tão vazia de sabedoria sólida, como é destituída de todo gosto e elegância, leis são para ser suportadas apenas por por seus próprios terrores, e pela concernência, que cada indivíduo pode encontrar nelas, de suas próprias especulações privadas, ou pode poupar a elas de seus próprios interesses privados. Nos arvoredos da academia *deles*, ao fim de toda vista, você não vê nada a não ser a forca. Nada é deixado que empenhe-se das afeições na parte do país. Sobre os princípios desta filosofia mecânica, nossas instituições não podem nunca ser encorporadas, se eu posso usar a expressão, em pessoas; de forma a criar em nós amor, veneração, admiração, ou conexão. Mas esse tipo de razão que bane as afeições é incapaz de preencher o lugar delas. Estas afeições públicas, combinadas com maneiras, são requeridas por vezes como suplementos, por vezes como corretivos, sempre como ajudas à lei. O preceito dado por um homem sábio, assim como um grande crítico, para a construção de poemas, é igualmente verdadeiro no que concerne estados. Deveria haver um sistema de maneiras em toda nação de que uma mente bem-formada estaria disposta a gostar. Para fazer-nos amar nosso país, nosso país deveria ser amável.

Mas poder, de algum tipo ou de outro, irá sobreviver o choque no qual maneiras e opiniões perecem; e ele irá encontrar outros e piores meios para seu suporte. A usurpação que, para subverter antigas instituições, tem destruído antigos princípios, irá segurar poder por artes similares àquelas pelas quais ela o tem adquirido. Quando o velho espírito feudal e de cavalaria de *Fidelidade*, que, por libertando reis de medo, liberdou ambos reis e sujeitos das precauções de tirania, deve ser extinto nas mentes de homens, tramas e assassinatos serão antecipados por assassinato preventivo e confisco preventivo, e essa longa lista de severas e sangrentas máximas, que forma o código político de todo poder, não estando sobre sua própria honra, e a honra daqueles que são para obedecê-lo. Reis serão tiranos de política quando súditos forem rebeldes de princípio.

Quando antigas opiniões e regras de vida são tiradas embora, a perda não pode possivelmente ser estimada. Desse momento nós não temos compasso para nos governar; nem podemos nós saber distintamente a que porto nós somos dirigidos. Europa indubitavelmente, tomada em uma massa, estava em uma florescente condição o dia em que sua Revolução foi completada. Quanto desse estado próspero era devido ao espírito de nossas velhas maneiras e opiniões não é fácil dizer; mas como tais causas não podem ser indiferentes em sua operação, nós devemos presumir, que, no geral, sua operação

foi benéfica.

Nós estamos apenas aptos demais a considerar coisas no estado em que nós as encontramos, sem advertir suficientemente para as causas pelas quais elas foram produzidas, e possivelmente podem ser preservadas. Nada é mais certo, que que nossas maneiras, nossa civilização, e todas as coisas boas que são conectadas com maneiras, e com civilização, têm, nesse mundo Europeu nosso, dependido por eras sobre dois princípios; e foram de fato o resultado de ambos combinados; eu quero dizer o espírito de um cavalheiro, e o espírito de religião. A nobreza e o clero, a uma por profissão, o outro por patronagem, mantiveram-se aprendendo em existência, mesmo em meio a armas e confusões, e enquanto governos estavam preferivelmente em suas causas que formados. Aprendizado reembolsou o que recebeu para nobreza e para sacerdócio; e pagou-o com usúria, por aumentando suas ideias, e por fornecendo a suas mentes. Feliz se eles tivessem todos continuado a saber sua indissolúvel união, e seu próprio lugar! Feliz se aprendizado, não debochado por ambição, tivesse sido satisfeito para continuar o instrutor, e não aspirado a ser o mestre! Junto com seus protetores naturais e guardiães, aprendizado será jogado para dentro do lamaceiro, e pisoteado abaixo sob as patas de uma multitude suína.

Se, como eu suspeito, letras modernas devem mais que elas estão sempre querendo possuir (NT: dever?) a antigas maneiras, da mesma forma fazem outros interesses que nós valorizamos tão muito como eles valem. Mesmo comércio, e troca, e manufatura, os deuses de nossos políticos oeconômicos, são eles mesmos talvez apenas criaturas; são eles mesmos apenas efeitos, que, como primeiras causas, nós escolhemos cultuar. Eles certamente cresceram sob a mesma tonalidade na qual aprendizado floresceu. Eles também podem decair com seus princípios protetores naturais. Com vocês, para o presente ao menos, eles todos ameaçam desaparecer juntos. Quando troca e manufaturas são deficientes para um povo, e o espírito de nobreza e religião permanece, sentimento fornece, e nem sempre mal fornece o lugar deles; mas se comércio e as artes devessem ser perdidos em um experimento para testar quão bem um estado pode manter-se sem esses velhos princípios fundamentais, que tipo de uma coisa deve ser uma nação de grossos, estúpidos, ferozes, e ao mesmo tempo, pobres e sórdidos bárbaros, destituídos de religião, honra, ou orgulho másculo, possuindo nada em presente, e esperando por nada doravante?

Eu desejo que vocês possam não estar indo rápido, e pelo mais curto atalho, para essa horrível e desgostosa situação. Já aparece uma pobreza de conceito, uma rudeza e vulgaridade em todos os procedimentos da assembleia e de todos seus instrutores. Sua liberdade não é liberal. Sua ciência é ignorância presunçosa. Sua humanidade é selvagem e brutal.

Não está claro, se em Inglaterra nós aprendemos esses grandes e decorosos princípios, e maneiras, de que traços consideráveis ainda permanecem, de vocês, ou se vocês tomaram-nos de nós. Mas para vocês, eu penso, nós podemos traçá-los melhor. Vocês me parecem ser---*gentis incunabula nostrae*. França tem sempre mais ou menos influenciado maneiras em Inglaterra; e quando sua fonte é obstruída e poluída, a corrente não irá correr longe, ou não correr claro conosco, ou talvez com qualquer nação. Isto dá a toda Europa, em minha opinião, apenas muito próxima e conectada uma concernência no que é feito em França. Perdoe-me, portanto, se eu tenho me demorado demais sobre o atroz espetáculo do sexto de Outubro de 1789, ou tenho dado escopo demais às reflexões que têm surgido em minha mente em ocasião da mais importante de todas revoluções, que pode ser datada desse dia, eu quero dizer uma revolução em sentimentos, maneiras, e opiniões morais. Como as coisas agora estão, com toda coisa respeitável destruída sem nós, e uma tentativa de destruir dentro de nós todo princípio de respeito, um é quase forçado a desculpar-se por abrigar os sentimentos comuns de homens.

Por que eu sinto tão diferentemente do Reverendo Dr. Price, e dos de seu rebanho leigo, que irão

escolher adotar os sentimentos de seu discurso?--- Por esta plana razão-- porque é *natural* que eu deveria; porque nós somos assim feitos como a ser afetados a tais espetáculos com sentimentos de melancolia sobre a condição estável de prosperidade mortal, e a tremenda incerteza de grandeza humana; porque nesses sentimentos naturais nós aprendemos grandes lições; porque em eventos como esses nossas paixões instruem nossa razão; porque quando reis são atirados de seus tronos pelo Supremo Diretor deste grande drama, e tornam-se o objeto de insulto para a base, e de dó para o bem, nós contemplamos tais desastres na ordem moral, como nós deveríamos contemplar um milagre na ordem física de coisas. Nós somos alarmados para dentro de reflexão, nossas mentes (como tem há tempo desde então sido observado) são purificadas por terror e dó. Nosso fraco orgulho não-pensante é humilhado, sob as dispensações de uma misteriosa sabedoria.---Algumas lágrimas poderiam ser extraídas de mim, se um tal espetáculo fosse exibido no palco. Eu deveria ser verdadeiramente envergonhado de encontrar em mim mesmo esse superficial, teátrico senso de desgraça pintada, enquanto eu poderia exultar sobre ele em vida real. Com uma tal pervertida mente, eu não poderia nunca aventurar-me a mostrar minha face em uma tragédia. Pessoas iriam pensar que as lágrimas que Garrick anteriormente, ou que Siddons não há tempo desde então, têm extorquido de mim, eram as lágrimas de hipocrisia; eu deveria sabê-las ser as lágrimas de tolice.

De fato o teatro é uma escola melhor de sentimentos morais que igrejas, onde os sentimentos de humanidade são assim ultrajados. Poetas, que têm que lidar com uma audiência não ainda graduada na escola dos direitos de homens, e que precisam aplicar-se à constituição moral do coração, não iriam arriscar produzir um tal triunfo como uma matéria de exultação. Lá, onde homens seguem seus impulsos naturais, eles não iriam carregar as odiosas máximas de uma política Maquiavélica, fossem aplicadas ao alcançamento de uma tirania monárquica ou democrática. Eles não iriam rejeitá-las sobre o moderno, como eles uma vez fizeram sobre o antigo palco, onde eles não poderiam suportar mesmo a proposição hipotética de tal perversidade na boca de um tirano personificado, embora adequado ao caráter que ele sustentasse. Nenhuma audiência teátrica em Atenas sustentaria o que tem sido sustentado, no meio da real tragédia deste dia triunfal; um ator principal pesando, como se fosse em escalas penduradas em uma loja de horrores,---tanto crime verdadeiro contra tanta vantagem contingente---e depois de pôr pesos dentro e fora, declarando que a balança estava no lado das vantagens. Eles não suportariam ver crimes de nova democracia postados como em um livro-razão contra os crimes de velho despotismo, e os guarda-livros de política achando democracia ainda em débito, mas de forma nenhuma incapaz ou não querendo pagar a balança. No teatro, o primeiro vislumbre intuitivo, sem qualquer processo elaborado de raciocínio, mostraria, que esse método de computação política, iria justificar toda extensão de crime. Eles veriam, que sobre esses princípios, mesmo onde os piores mesmo atos não fossem perpetrados, isso era devido preferivelmente à fortuna dos conspiradores do que a sua parcimônia no gasto de traição e sangue. Eles logo veriam, que meios criminosos uma vez tolerados são logo preferidos. Eles apresentam um atalho mais curto ao objeto que através do alto-caminho de virtudes morais. Justificando perfídia e assassinato para benefício público, benefício público iria logo tornar-se o pretexto, e perfídia e assassinato o fim; até que rapacidade, malícia, vingança, e medo mais terrível que vingança, poderiam fatigar seus insaciáveis apetites. Tais devem ser as consequências de perder no esplendor destes triunfos dos direitos de homens, todo senso natural de errado e certo.

Mas o Reverendo Pastor exulta nesta "liderança em triunfo," porque verdadeiramente Louis XVI.o foi "um monarca arbitrário;" isso é, em outras palavras, nem mais nem menos, que porque ele era Louis o XVI.o, e porque ele teve o infortúnio de nascer rei de França, com as prerrogativas de que, uma longa linha de antepassados, e uma longa aquiescência do povo, sem qualquer ato dele, o tinham posto em possessão. Um infortúnio tem isso de fato resultado para ele, que ele nasceu rei de França. Mas infortúnio não é crime, nem é indiscrição sempre a maior culpa. Eu não devo nunca pensar que um

principe, os atos de cujo reinado todo foram uma série de concessões para seus súditos, que estava disposto a relaxar sua autoridade, a remeter suas prerrogativas, a chamar seu povo a uma porção de liberdade, não conhecida, talvez não desejada pelos ancestrais deles; um tal principe, embora ele devesse ser sujeito às fraquezas comuns atadas a homens e a principes, embora ele devesse ter uma vez pensado-o necessário prover força contra os desígnios desesperados manifestamente prosseguindo contra sua pessoa, e as reminiscências de sua autoridade; embora tudo isto devesse ser tomado em consideração, eu devo ser guiado com grande dificuldade a pensar que ele merece o cruel e insultante triunfo de Paris, e de Dr. Price. Eu tremo pela causa de liberdade, de um tal exemplo para reis. Eu tremo pela causa de humanidade, nos ultrajes impunes dos mais perversos de homens. Mas há algumas pessoas desse baixo e degenerado modo de mente, que elas olham acima com um tipo de complacente reverência e admiração a reis, que sabem manter-se firmes em seu assento, segurar uma mão estrita sobre seus sujeitos, assertar suas prerrogativas, e pela desperta vigilância de um severo despotismo, guardar contra as primeiras mesmas aproximações de liberdade. Contra tais como estes eles nunca elevam sua voz. Desertores do princípio, listados com fortuna, eles nunca vêem qualquer bem em virtude sofredora, nem qualquer crime em usurpação próspera.

Se pudesse ter sido feito claro para mim, que o rei e rainha de França (aqueles eu quero dizer que eram tais antes do triunfo) fossem inexoráveis e cruéis tiranos, que eles tinham formado um esquema deliberado para massacrar a Assembleia Nacional (eu penso que tenho visto algo como o último insinuado em certas publicações) eu deveria pensar sua catividade justa. Se isso seja verdade, muito mais deveria ter sido feito, mas feito, em minha opinião, em outra maneira. A punição de tiranos reais é um nobre e aterrador ato de justiça; e tem com verdade sido dito de ser consolatório à mente humana. Mas se eu fosse punir um rei perverso, eu deveria respeitar a dignidade em vingar o crime. Justiça é grave e decorosa, e em suas punições preferivelmente parece submeter-se a uma necessidade, do que fazer uma escolha. Tivesse Nero, ou Agrippina, ou Louis o Décimo-primeiro, ou Charles o Nono, sido o sujeito; se Charles o Décimo-segundo de Suécia, depois do assassinato de Patkul, ou sua predecessora Christina, depois do assassinato de Monaldeschi, tivessem caído em suas mãos, Senhor, ou nas minhas, eu sou certo que nossa conduta teria sido diferente.

Se o Rei Francês, ou Rei dos Franceses, (ou por qualquer nome que ele seja conhecido no novo vocabulário de sua constituição) tem em sua própria pessoa, e aquela de sua Rainha, realmente merecido esses não-admitidos mas não-vingados atentados assassinos, e essas subsequentes indignidades mais cruéis que assassinato, uma tal pessoa doentemente iria merecer mesmo essa confiança executória subordinada, que eu entendo é para ser colocada nele; nem é ele adequado de ser chamado chefe em uma nação que ele ultrajou e oprimiu. Uma escolha pior para um tal ofício em um novo país, que a de um tirano deposto, não poderia possivelmente ser feita. Mas degradar e insultar um homem como o pior de criminosos, e depois confiá-lo em suas mais altas concernências, como um fiel, honesto, e zeloso servente, não é consistente em raciocínio, nem prudente em política, nem seguro em prática. Aqueles que poderiam fazer um tal apontamento devem ser culpados de uma brecha mais flagrante de confiança que qualquer que eles ainda tenham cometido contra o povo. Como este é o único crime em que seus políticos liderantes poderiam ter agido inconsistentemente, eu concluo que não há sorte de fundamento para essas hórridas insinuações. Eu não penso melhor de todas as outras calúnias.

Em Inglaterra, nós não damos crédito a eles. Nós somos inimigos generosos: Nós somos aliados fiéis. Nós repulsamos de nós com desgosto e indignação as injúrias daqueles que nos trazem suas anedotas com a atestação da flor-de-lis sobre seu ombro. Nós temos Lorde George Gordon rápido em Newgate; e nem o ser ele um prosélito público a Judaismo, nem ele ter, em seu zelo contra sacerdotes Católicos e toda sorte de eclesiásticos, levantado uma turba (NT:mob) (perdoe o termo, ele ainda está em uso aqui)

que puxou abaixo todas nossas prisões, têm preservado para ele uma liberdade, de que ele não se tornou digno por um uso virtuoso dela. Nós reconstruimos Newgate, e arrendamos a mansão. Nós temos prisões quase tão fortes como a Bastilha, para aqueles que arriscam libelar as rainhas de França. Nesse retiro espiritual, deixe o nobre libelador permanecer. Deixe ele lá meditar sobre seu Thalmud, até que ele aprenda a conduzir mais de acordo com seu nascimento e partes, e não tão desgraçosamente para a antiga religião para a qual ele tornou-se um prosélito; ou até que algumas pessoas de seu lado da água, para agradar seus novos irmãos Hebreus, devam resgatá-lo. Ele pode então ser permitido a adquirir, com as velhas reservas da sinagoga, e uma muito pequena taxa por libra, no longo juro composto das trinta peças de prata (Dr. Price tem nos mostrado que milagres juro composto irá realizar em 1790 anos) as terras que são ultimamente descobertas de ter sido usurpadas pela igreja Gallicana. Mandem-nos seu papista Arcebispo de Paris, e nós mandar-lhes-emos nosso Rabino protestante. Nós devemos tratar a pessoa que vocês nos mandarem em troca como um cavalheiro e um homem honesto, como ele é; mas reze-se deixe-se ele trazer com ele o fundo de sua hospitalidade, doação, e caridade; e, dependa sobre isso, nós nunca devemos confiscar um xelim desse honorável e pio fundo, nem pensar de enriquecer o tesouro com os espólios da caixa de esmolas.

Para dizer-lhe a verdade, meu caro Senhor, eu penso que a honra de nossa razão está algo concernida no repúdio dos procedimentos desta sociedade da Velha Judiaria e da Taverna de Londres. Eu não tenho procuração de nenhum homem. Eu falo somente de mim mesmo; quando eu repudio, como eu faço com toda seriedade, toda comunhão com os atores nesse triunfo, ou com os admiradores dele. Quando eu asserto qualquer outra coisa, como concernindo o povo de Inglaterra, eu falo de observação não de autoridade; mas eu falo da experiência que eu tenho tido em uma bastante extensiva e mista comunicação com os habitantes deste reino, de todas descrições e postos, e depois de um curso de observação atenciosa, iniciado cedo em vida, e continuado por perto de quarenta anos. Eu tenho frequentemente sido espantado, considerando que nós somos divididos de vocês por nada a não ser um esguio dique de cerca de vinte-e-quatro milhas, e que o intercurso mútuo entre os dois países tem ultimamente sido muito grande, de perceber quão pouco vocês parecem saber de nós. Eu suspeito que isso deve-se a vocês formarem um julgamento desta nação de certas publicações, que, muito erroneamente, se o fazem, representam as opiniões e disposições prevalentes em Inglaterra. A vaidade, impaciência, petulância, e espírito de intriga de diversas pequenas cabalas, que tentam esconder sua total falta de consequência em bulha e ruído, e propaganda exagerada, e citação mútua um do outro, faz vocês imaginarem que nossa negligência contemptuosa das habilidades deles é uma marca de aquiescência geral em suas opiniões. Nenhuma tal coisa, eu garanto a você. Porque meia dúzia de gafanhotos sob uma samambaia fazem o campo ressoar com seu importuno tinido, enquanto milhares de grande gado, repousados sob a sombra do carvalho Britânico, ruminam e são silenciosos, por favor não imagine, que aqueles que fazem o ruido são os únicos habitantes no campo; que de curso, eles são muitos em número; ou que, depois de tudo, eles são outros que não os pequenos mirrados, pobres, saltitantes, embora barulhentos e problemáticos insetos da hora.

Eu quase me aventuro a afirmar, que nem um em cem entre nós participa no "triunfo" da Sociedade de Revolução. Se o rei e rainha de França, e suas crianças, fossem para cair em nossas mãos pela chance de guerra, na mais acrimoniosa de todas hostilidades (eu desaprovo um tal evento, eu desaprovo tal hostilidade) eles iriam ser tratados com outro tipo de entrada triunfal em Londres. Nós anteriormente tivemos um rei de França nessa situação; vocês leram como ele foi tratado pelo vencedor no campo; e em que maneira ele foi depois recebido em Inglaterra. Quatrocentos anos passaram-se sobre nós; mas eu acredito que nós não estamos materialmente mudados desde aquele período. Graças a nossa taciturna resistência a inovação, graças à fria lentidão de nosso caráter nacional, nós ainda carregamos a estampa de nossos antepassados. Nós não (como eu concebo) perdemos a generosidade e dignidade de pensamento do décimo-quarto século; nem ainda temos nos sutilizado em selvagens. Nós não somos

os convertidos de Rousseau; nós não somos os discípulos de Voltaire; Helvetius não fez progresso nenhum entre nós. Ateístas não são nossos pregadores; loucos não são nossos legisladores. Nós sabemos que *nós* não fizemos nenhumas descobertas; e nós pensamos que nenhumas descobertas são para ser feitas, em moralidade; nem muitas nos grandes princípios de governo, nem nas ideias de liberdade, que foram entendidas muito antes de nós nascermos, completamente tão bem como elas serão depois que a sepultura tiver ceifado seu molde sobre nossa presunção, e a silenciosa tumba deva ter imposto sua lei sobre nossa impudente loquacidade. Em Inglaterra nós não fomos ainda completamente estripados de nossas entranhas naturais; nós ainda sentimos dentro de nós, e nós tratamos com carinho e cultivamos, esses sentimentos inatos que são os fiéis guardiães, os ativos monitores de nosso dever, os verdadeiros suportadores de toda moral liberal e máscula. Nós não fomos atraídos e enfeixados, com o fim de que possamos ser enchidos, como pássaros estofados em um museu, com palha e trapos, e reles, borrados retalhos de papel sobre os direitos de homem. Nós preservamos o todo de nossos sentimentos ainda nativo e inteiro, não-sofisticado por pedantismo e infidelidade. Nós temos reais corações de carne e sangue batendo em nossos peitos. Nós tememos Deus; nós olhamos acima com reverência a reis; com afeição a parlamentos; com dever a magistrados; com reverência a sacerdotes; e com respeito a nobreza *. (* Os Ingleses são, eu concebo, incorretamente representados em uma Carta publicada em um dos jornais, por um cavalheiro pensado de ser um ministro dissidente.---Quando escrevendo a Dr. Price, do espírito que prevalece em Paris, ele diz, "O espírito do povo neste lugar aboliu todas as orgulhosas *distinções* que o *rei* e *nobres* tinham usurpado em suas mentes; se eles falam de "*o rei, o nobre, ou o sacerdote*, sua "linguagem toda é a dos mais *iluminados e liberais entres os Ingleses*." Se este cavalheiro tenciona confinar os termos *iluminado e liberal* a um conjunto de homens em Inglaterra, pode ser verdade. Geralmente não é deste modo.) Por quê? Porque quando tais ideias são traziadas diante de nossas mentes, é *natural* ser tão afetado; porque todos outros sentimentos são falsos e espúrios, e tendem a corromper nossas mentes, a viciar nossa moral primária, a tornar-nos inadequados para liberdade racional; e por nos ensinando uma servil, licenciosa, e abandonada insolência, para ser nosso baixo esporte por uns poucos feriados, para nos fazer perfeitamente adequados para, e justamente merecedores de escravidão, através do curso todo de nossas vidas.

Você vê, Senhor, que nesta era iluminada eu sou corajoso o suficiente para confessar, que nós somos geralmente homens de sentimentos não-ensinados; que em vez de nos desfazermos de todos nossos velhos prejuízos, nós tratamo-los com carinho até um muito considerável grau, e, para tomar mais vergonha para nós mesmos, nós os tratamos com carinho porque eles são prejuízos; e quanto mais longamente eles têm prevalecido, mais nós os tratamos com carinho. Nós temos medo de pôr homens para viver e trocar cada um sobre seu próprio estoque privado de razão; porque nós suspeitamos que este estoque em cada homem é pequeno, e que os indivíduos fariam melhor em se valer eles mesmos do banco e capital gerais de nações, e de eras. Muitos de nossos homens de especulação, em vez de explodirem prejuízos gerais, empregam sua sagacidade para descobrir a sabedoria latente que prevalece neles. Se eles encontram o que procuram, e eles raramente falham, eles pensam mais sábio continuar o prejuízo, com a razão envolvida, que se desfazer da cota de prejuízo, e não deixar nada além da razão nua; porque prejuízo, com sua razão, tem um motivo para dar ação a essa razão, e uma afeição que lhe dará permanência. Prejuízo é de pronta aplicação na emergência; ele previamente compromete a mente em um firme curso de sabedoria e virtude, e não deixa o homem hesitando no momento de decisão, cético, confuso, e não-resolvido. Prejuízo torna a virtude de um homem seu hábito; e não uma série de atos desconexos. Através de prejuízo justo, seu dever torna-se uma parte de sua natureza.

Seus homens literários, e seus políticos, e também o fazem o clã inteiro dos iluminados entre nós, diferem essencialmente nestes pontos. Eles não têm nenhum respeito pela sabedoria de outros; mas eles saldam-no por uma muito inteira medida de confiança na própria deles. Com eles é um motivo

suficiente para destruir um velho esquema de coisas, porque ele é um velho um. Quanto ao novo, eles não estão em nenhuma sorte de medo com referência à duração de um edifício construído rapidamente em pressa; porque duração não é objeto para aqueles que pensam que pouco ou nada foi feito antes de seu tempo, e que colocam todas suas esperanças em descoberta. Eles concebem, muito sistematicamente, que todas coisas que dão perpetuidade são malignas, e portanto eles estão em guerra inexpiável com todos estabelecimentos. Eles pensam que governo pode variar como modos de vestir, e com tão pouco efeito doente. Que não é preciso nenhum princípio de conexão, exceto um senso de conveniência presente, para qualquer constituição do estado. Eles sempre falam como se eles fossem de opinião que há uma espécie singular de compacto entre eles e seus magistrados, que vincula o magistrado, mas que não tem nada recíproco nele, além de que a majestado do povo tem um direito de dissolvê-lo sem qualquer razão, a não ser sua vontade. Sua conexão a seu país mesmo, é apenas até onde ela concorda com alguns de seus projetos fugazes; ela começa e termina com esse esquema de política que concorda com sua opinião momentária.

Essas doutrinas, ou melhor sentimentos, parecem prevalentes com seus novos homens de estados. Mas elas são totalmente diferentes das sobre as quais nós sempre agimos neste país.

Eu ouço que é por vezes divulgado em França, que o que está acontecendo entre vocês é ao exemplo de Inglaterra. Eu peço licença para afirmar, que escassamente qualquer coisa feita com vocês originou-se da prática ou das opiniões prevalentes deste povo, seja no ato ou no espírito do procedimento. Deixe-me adicionar, que nós somos tão sem vontade de aprender estas lições de França, como nós somos certos que nós nunca as ensinamos a essa nação. As cabalas aqui que tomam um tipo de parte em suas transações de agora consistem mas de um punhado de pessoas. Se infortunadamente pelas intrigas deles, seus sermões, suas publicações, e por uma confiança derivada de uma esperada união com os conselhos e forças da nação Francesa, eles devessem atrair números consideráveis para dentro de sua facção, e em consequência devessem seriamente tentar qualquer coisa aqui em imitação do que tem sido feito com vocês, o evento, eu ouso aventurar a profecia, irá ser, que, com algum problema para o país deles, eles irão logo realizar a própria destruição deles. Este povo recusou-se a mudar sua lei em eras remotas, por respeito à infalibilidade de papas; e eles não irão agora alterá-la de uma pia fé implícita no dogmatismo de filósofos; embora a primeira fosse armada com o anatema e cruzada, e embora o último devesse agir com o libelo e o ferro-luminário (NT: lamp-iron).

Anteriormente seus assuntos eram sua própria concernência apenas. Nós sentimos por eles como homens; mas nós nos mantinhamos à distância deles, porque nós não éramos cidadãos de França. Mas quando nós vemos o modelo suspendido para nós mesmos, nós precisamos sentir como Ingleses, e sentindo, nós precisamos prover como Ingleses. Seus assuntos, a despeito de nós, são feitos parte de nosso interesse; tão longe ao menos como a manter a uma distância sua panacéia, ou sua praga. Se isso seja uma panacéia, nós não a queremos. Nós sabemos as consequências de física desnecessária. Se isso seja uma praga; ela é uma tal praga, que as precauções da mais severa quarentena deveriam ser estabelecidas contra ela.

Eu ouço em todas mãos que uma cabala, chamando a si mesma filosófica, recebe a glória de muitos dos últimos procedimentos; e que suas opiniões e sistemas são o verdadeiro espírito atuante do todo deles. Eu tenho ouvido de nenhum partido em Inglaterra, literário ou político, em qualquer tempo, conhecido por uma tal descrição. Ela não é com vocês composta desses homens, é? que os vulgares, em seu grosso, caseiro estilo, comummente chamam Ateístas e Infiéis? Se seja, eu admito que nós também temos tido escritores dessa descrição, que fizeram algum ruido em seu dia. Em presente eles repousam em duradouro oblívio. Quem, nascido dentro dos últimos quarenta anos, leu uma palavra de Collins, e Toland, e Tindal, e Chubb, e Morgan, e essa raça toda que chamavam a si mesmos Livres-pensadores?

Quem agora lê Bolingbroke? Quem alguma vez o leu completamente? Pergunte aos livreiros de Londres o que é feito de todas essas luzes do mundo. Em tão poucos anos seus poucos sucessores irão para a câmara morturária familiar de "todos os Capuletos." Mas o que quer que eles tenham sido, ou sejam, conosco, eles foram e são indivíduos totalmente desconectados. Conosco eles mantiveram a natureza comum de seu tipo, e não foram gregários. Eles nunca atuaram em corpo, nem foram conhecidos como uma facção no estado, nem presumidos de influenciar, nesse nome ou caráter, ou para os propósitos de uma tal facção, ou qualquer de nossas concernências públicas. Se eles deveriam assim existir, e ser permitidos a agir, é outra questão. Como tais cabalas não existiram em Inglaterra, também nem teve o espírito delas qualquer influência em estabelecer a estrutura original de nossa constituição, ou em qualquer uma das diversas reparações e melhoramentos por que ela tem passado. O todo foi feito sob os auspícios, e é confirmado pelas sanções de religião e pena. O todo emanou da simplicidade de nosso caráter nacional, e de um tipo de planeza e diretitude de entendimento nativos, que por um longo tempo caracterizaram esses homens que sucessivamente obtiveram autoridade entre nós. A disposição ainda permanece, ao menos no grande corpo do povo.

Nós sabemos, e o que é melhor nós sentimos interiormente, que religião é a base de sociedade civil, e a fonte de todo bem e todo conforto *. Em Inglaterra nós somos tão convencidos disto, que não há ferrugem de superstição, com o qual a absurdidade acumulada da mente humana poderia ter-se encrustado sobre isso no curso das eras, esse noventa-e-nove em uma centena do povo de Inglaterra não iria preferir a impiedade. Nós não devemos iluminar nosso templo a partir desse fogo profano. Ele será iluminado com outras luzes. Ele será perfumado com outro incenso, que o infeccioso material que é importado pelos contrabandistas de metafísica adulterada. Se nosso estabelecimento eclesiástico devesse querer uma revisão, não é avareza ou rapacidade, pública ou privada, que nós devemos empregar para a auditoria, ou recibo, ou aplicação de sua consagrada renda.---Violentamente condenando nem o Grego nem o Armênio, nem, desde que calores são baixados, o sistema Romano de religião, nós preferimos o Protestante; não porque nós pensemos que ele tem menos da religião Cristã nele, mas porque, em nosso julgamento, ele tem mais. Nós somos protestante, não por indiferença mas por zelo.

* Sit igitur hoc ab initio persuasum civibus, dominos esse omnium rerum ac moderatores, deos; eaque, quae gerantur, eorum geri vi, ditione, ac numine; eosdemque optime de ge-nere hominum mereri; et qualis quisque sit, quis agat, quid in se admittat, qua mente, qua pietate colat religiones intueri: piorum et impiorum habere rationem. His enim rebus im-butae mentes haud sane abhorrebunt ab utili et a vera senten-tia. Cic. de Legibus, 1. 2.

Nós sabemos, e é nosso orgulho saber, que homem é por sua constituição um animal religioso; que ateísmo é contra, não somente nossa razão mas nossos instintos; e que ele não pode prevalecer longamente. Mas se, no momento de tumulto, e em um delírio bêbado do espírito quente tirado do alambique de inferno, que em França está agora tão furiosamente fervendo, nós deveríamos descobrir nossa nudez por atirando fora essa religião Cristã que tem até agora sido nosso motivo de orgulho e nosso conforto, e uma grande fonte de civilização entre nós, e entre muitas outra nações, nós somos apreensivos (sendo bem conscientes que a mente não irá suportar um vazio) quer alguma impolida, perniciosa, e degradante superstição, poderia tomar lugar dela.

Por essa razão, antes de tomarmos de nosso estabelecimento o meio humano natural de estimação, e entregá-lo a contempto, como vocês têm feito, e em fazendo isso ter incorrido nas penalidades que vocês bem merecem sofrer, nós desejamos que algum outro possa ser apresentado a nós no lugar dele. Nós devemos então formar nosso julgamento.

Sobre estas ideias, em vez de querelar com estabelecimentos, como alguns fazem, que fizeram uma filosofia e uma religião de sua hostilidade a tais instituições, nós nos seguramos proximamente a eles. Nós somos resolvidos a manter uma igreja estabelecida, uma monarquia estabelecida, uma aristocracia estabelecida, e uma democracia estabelecida, cada no grau que existe, e em nenhum maior. Eu devo mostrar-lhe presentemente quanto de cada um destes nós possuimos.

Tem sido o infortúnio (não como esses cavalheiros pensam, a glória) desta era, que toda coisa é para ser discutida, como se a constituição de nosso país fosse para ser sempre um sujeito preferivelmente de altercação que de desfrute. Por esta razão, tão bem como pela satisfação daqueles entre vocês (se quaisquer tais vocês têm entre vocês) que podem desejar lucrar de exemplos, eu me aventuro a incomodá-lo com alguns poucos pensamentos sobre cada destes estabelecimentos. Eu não penso que eles foram tolos em Roma antiga, que, quando eles desejaram novo-modelar suas leis, enviaram comissários para examinar as repúblicas melhor constituídas dentro de seu alcance.

Primeiro, eu peço licença para falar de nosso estabelecimento de igreja, que é o primeiro de nossos prejuízos, não um estabelecimento destituído de razão, mas envonvendo nele profunda e extensiva sabedoria. Eu falo dele primeiro. Ele é primeiro, e último, e médio em nossas mentes. Pois, tomando chão nesse sistema religioso, de que nós estamos agora em possessão, nós continuamos a agir no cedo recebido, e uniformemente continuado senso de humanidade. Esse senso não apenas, como uma esposa arquiteta, construiu a augusta fábrica de estados, mas como um providente proprietário, para preservar a estrutura de profanação e ruina, como um templo sagrado, purgada de todas as impurezas de fraude, e violência, e injustiça, e tirania, consagrou solenemente e para sempre o país, e todos que oficiam nele. Essa consagração é feita, que todos que administram no governo de homens, em que eles estão na pessoa de Deus ele mesmo, deveriam ter altas e valorosas noções de sua função e destino; que eles não deveriam olhar para o reles lucro vil do momento, não para o temporário e transitório louvor do vulgar, mas para uma sólida, permanente existência, na parte permanente de sua natureza, e para uma fama e glória permanentes, no exemplo que eles deixam como uma rica herança para o mundo.

Tais princípios sublimes deveriam ser infundidos para dentro de pessoas de situações exaltadas; e estabelecimentos religiosos providos, que possam continuamente revivê-los e pô-los em vigor. Todo tipo de moral, todo tipo de civil, todo tipo de política instituição, auxiliando os racionais e naturais laços que conectam o entendimento e afeições humanos ao divino, não são mais que necessários, para construir essa maravilhosa estrutura, Homem; cuja prerrogativa é, ser em um grande grau uma criatura de sua própria lavra; e que quando feito como ele deveria ser feito, é destinado a manter lugar nada trivial na criação. Mas quando quer que homem seja posto sobre homem, como a melhor natureza deveria sempre presidir, nesse caso mais particularmente, ele deveria tão proximamente como possível ser aproximado para sua perfeição.

A consagração do estado, por um estabelecimento religioso de estado, é necessária também para operar com uma salutar reverência sobre cidadãos livres; porque, para assegurar sua liberdade, eles precisam desfrutar alguma porção determinada de poder. Para eles portanto uma religião conectada com o estado, e com seu dever para com ele, torna-se mesmo mais necessária em tais sociedades, onde o povo pelos termos de sua sujeição são confinados a sentimentos privados, e o gerenciamento de suas próprias concernências de família. Todas pessoas possuindo qualquer porção de poder deveriam ser fortemente e reverentemente impressionadas com uma ideia que elas atuam em confiança; e que elas são para prestar contas por sua conduta nessa confiança para o um grande mestre, autor e fundador de sociedade.

Este princípio deveria mesmo ser mais fortemente impresso sobre as mentes daqueles que compõem a soberania coletiva que sobre aquelas de principes singulares. Sem instrumentos, estes principes não

podem fazer nada. Quem quer que use instrumentos, em achando ajudas, acha também impedimentos. Seu poder não é portanto por meio algum completo; nem são eles seguros em abuso extremo. Tais pessoas, embora elevadas por lisonjeio, arrogância, e auto-opinião, precisam ser sensíveis que, seja cobertos ou não por lei positiva, em algum jeito ou outro eles são responsáveis mesmo aqui pelo abuso de sua confiança. Se eles não forem interrompidos por uma rebelião de seu povo, eles podem ser estrangulados pelos mesmos Janízaros mantidos para sua segurança contra toda outra rebelião. Assim nós vimos o rei de França vendido por seus soldados por um aumento de salário. Mas onde autoridade popular é absoluta e não-restringida, o povo tem uma infinitamente maior, porque uma muito melhor fundada confiança em seu próprio poder. Eles são eles mesmos, em uma grande medida, seus próprios instrumentos. Eles estão mais próximos de seus objetos. Além disso, eles estão menos sob responsabilidade para com um dos maiores poderes controladores na terra, o senso de fama e estimação. A porção de infâmia que é provável de cair ao lote de cada indivíduo em atos públicos, é pequena de fato; a operação de opinião sendo na proporção inversa do número dos que abusam de poder. A própria aprovação deles de seus próprios atos tem para eles a aparência de um julgamento público em seu favor. Uma democracia perfeita é portanto a coisa mais sem-vergonha no mundo. Como é a mais sem-vergonha, é também a mais destemida. Nenhum homem apreende em sua pessoa que ele pode ser feito sujeito a punição. Certamente o povo em geral nunca deveria: pois como todas punições são para exemplo no sentido da conservação do povo em geral, o povo em geral não pode nunca tornar-se o sujeito de punição por qualquer mão humana *. (* Quicquid multis peccatur inultum.) É portanto de infinita importância que eles deveriam não ser sofridos a imaginar que sua vontade, qualquer coisa mais que a de reis, é o padrão de certo e errado. Eles deveriam ser persuadidos que eles são completamente tão pouco entitulados, e muito menos menos qualificados, como segurança para eles mesmos, para usar qualquer poder arbitrário qualquer; que portanto eles não são, sob uma falsa exibição de liberdade, mas, em verdade, para exercitar uma não-natural dominação invertida, tiranicamente para exigir, daqueles que oficiam no estado, não uma inteira devoção ao interesse deles, que é seu direito, mas uma abjeta submissão a sua vontade ocasional; extinguindo portanto, em todos aqueles que os servem, todo princípio moral, todo senso de dignidade, todo uso de julgamento, e toda consistência de caráter, enquanto pelo muito mesmo processo eles entregam-se como uma própria, uma adequada, mas uma mais contemptível presa para a ambição servil de aduladores populares ou cortesãos lisonjeadores.

Quando o povo se esvaziou de toda a luxúria de vontade egoísta, que sem religião é totalmente impossível que eles jamais devessem, quando eles estão conscientes que eles exercitam, e exercitam talvez em uma ligação mais alta da ordem de delegação, o poder, que para ser legítimo precisa estar de acordo com essa eterna lei imutável, na qual vontade e razão são a fama, eles serão mais cuidadosos de como eles colocam poder em mãos bases e incapazes. Em sua nominação para ofício, eles não apontarão para o exercício de autoridade, como para um emprego deplorável, mas como para uma função sagrada; não de acordo com seu sórdido interesse egoísta, nem com seu capricho licencioso, nem com sua vontade arbitrária; mas eles irão conferir esse poder (que qualquer homem pode bem tremer de dar ou de receber) sobre aqueles somente, em que eles podem discernir essa proporção predominante de virtude ativa e sabedoria, tomados junto e ajustados à carga, tal, como na grande e inevitável massa mista de imperfeições e infirmidades humanas, é para ser encontrada.

Quando eles estão habitualmente convencidos que nenhum mal pode ser aceitável, seja no ato ou na permissão, para ele cuja essência é bem, eles serão melhor capazes de extirpar fora das mentes de todos magistrados, civis, eclesiásticos, ou militares, qualquer coisa que carregue a menor semelhança a uma dominação orgulhosa e sem-lei.

Mas um dos primeiros e mais liderantes princípios sobre que o país e as leis são consagradas, é que os

possuidores temporários e inquilinos-de-vida nele, negligentes do que eles receberam de seus antepassados, ou de que é devido a sua posteridade, não devessem atuar como se eles fossem os mestres inteiros; que eles não deveriam pensar que está entre seus direitos interromper a vinculação hereditária, ou cometer desperdício sobre a herança, por destruindo a seu prazer toda a fábrica original de sua sociedade; perigando deixar para os que vêm depois deles, uma ruina em vez de uma habitação -- e ensinar esses sucessores tão pouco a respeitar suas maquinações, como eles tinham eles mesmos respeitado as instituições de seus antepassados. Por esta facilidade sem-princípios de mudar o estado tão frequentemente, e tanto, e em tantas maneiras como há fantasias ou modas flutuantes, toda a corrente e continuidade do país seria quebrada. Nenhuma geração poderia ligar com a outra. Homens iriam tornar-se pouco melhores que as moscas de um verão.

E primeiro de tudo ciência de jurisprudência, o orgulho do intelecto humano, que, com todos seus defeitos, redundâncias, e erros, é a razão coletada de eras, combinando os princípios de justiça original com a infinita variedade de concernências humanas, como um monte de velhos erros explodidos, não mais seria estudada. Auto-suficiência e arrogância pessoais (os certos assistentes sobre todos aqueles que nunca experimentaram uma sabedoria maior que a sua própria) usurpariam o tribunal. É claro, nenhumas leis certas, estabelecendo fundamentos invariáveis de esperança e medo, manteria as ações de homens em um certo curso, ou as dirigiria a um certo fim. Nada estável nos modos de manter propriedade, ou exercer função, poderia formar um fundamento sólido sobre o qual qualquer pai pudesse especular na educação de sua prole, ou em uma escolha para o estabelecimento futuro deles no mundo. Nenhuns princípios seriam trabalhados cedo para dentro dos hábitos dos hábitos. Tão cedo como o mais hábil instrutor tivesse completado seu laborioso curso de instituição, em vez de mandar seu pupilo adiante, realizado em uma disciplina virtuosa, ajustada a procurar-lhe atenção e respeito, em seu lugar em sociedade, ele encontraria toda coisa alterada; e que ele tinha virado uma criatura pobre para o contempto e derisão do mundo, ignorante dos verdadeiros fundamentos de estimação. Quem iria assegurar um tenro e delicado senso de honra de bater quase com os primeiros pulsos do coração, quando nenhum homem poderia saber qual seria o teste de honra em uma nação, continuamente variando o padrão de sua moeda? Nenhuma parte de vida iria reter suas aquisições. Barbarismo com referência a ciência e literatura, inabilidade com referência a artes e manufaturas, iriam inevitavelmente suceder à deficiência de uma educação estável e princípio estabelecido; e assim o país ele mesmo iria, em umas poucas gerações, esmigalhar-se afora, ser desconectado para dentro da poeira e pó de individualidade, e finalmente disperso para todos os ventos de Céu.

Para evitar portanto os males de inconstância e versatilidade, dez mil vezes piores que aqueles de obstinação e do mais cego prejuízo, nós temos consagrado o estado, que nenhum homem deveria aproximar para examinar seus defeitos ou corrupções a não ser com devida cautela; que ele não deveria nunca sonhar de começar sua reformação por sua subversão; que ele deveria aproximar às faltas do estado como às feridas de um pai, com pia reverência e trêmula solicitude. Por esse sábio prejuízo nós somos ensinados a olhar com horror sobre aquelas crianças de seu país que são prontas para precipitadamente rasgar esse pai idoso em pedaços, e pô-lo dentro do caldeirão de mágicos, em esperanças que pelas venenosas ervas-daninhas, e selvagens encantações, eles possam regenerar a constituição paterna, e renovar a vida de seu pai.

Sociedade é de fato um contrato. Contratos subordinados para objetos de mero interesse ocasional podem ser dissolvidos a prazer---mas o estado não deveria ser considerado como se não fosse nada melhor que um acordo de parceria em uma troca de pimenta e café, calico ou tabaco, ou alguma outra tão baixa concernência, para ser levantado por um pequeno interesse temporário, e ser dissolvido pela fantasia dos partidos. Ele é para ser considerado com outra reverência; porque ele não é uma parceria em coisas subservientes apenas à grosseira existência animal de uma natureza temporária e perecível.

Ele é uma parceria em toda ciência; uma parceria em toda arte; uma parceria em toda virtude, e em toda perfeição. Como os fins de uma tal parceria não podem ser obtidos em muitas gerações, ele torna-se uma parceria não apenas entre aqueles que estão vivendo, mas entre os que estão vivendo, os que estão mortos, e os que estão para nascer. Cada contrato de cada estado particular não é senão uma cláusula no grande contrato primevo de sociedade eterna, ligando as mais baixas com as mais altas naturezas, conectando os visível e invisível mundos, de acordo com um compacto fixo sancionado pelo juramento inviolável que mantém todas naturezas físicas e morais, cada em seu lugar apontado. Essa lei não é sujeita à vontade daqueles, que por uma obrigação sobre eles, e infinitamente superior, são vinculados a submeter sua vontade a essa lei. As corporações municipais desse reino universal não são moralmente em liberdade a seu prazer, e sobre suas especulações de um melhoramento contingente, para totalmente separar e rasgar em partes as bandas de sua comunidade subordinada, e para dissolvê-la em um não-social, não-civil, desconectado caos de princípios elementares. É a primeira e suprema necessidade somente, uma necessidade que não é escolhida mas escolhe, uma necessidade predominante para deliberação, que não admite discussão nenhuma, e não demanda nenhuma evidência, que só ela pode justificar um recurso a anarquia. Essa necessidade não é nenhuma exceção à regra; porque essa necessidade ela mesma é uma parte também dessa disposição física e moral de coisas para a qual homem precisa ser obediente por consentimento ou força; mas se essa que é a única submissão a necessidade devesse ser feita o objeto de escolha, a lei é quebrada, natureza é desobedecida, e os rebeldes e foras-da-lei, exalados, e exilados, deste mundo de razão, e ordem, e paz, e virtude, e penitência frutífera, para dentro do mundo antagonista de loucura, discórdia, vício, confusão, e inútil tristeza.

Estes, meu caro Senhor, são, foram, e eu penso serão longamente os sentimentos da não menos culta e reflexiva parte deste reino. Eles que são incluídos nesta descrição, formam suas opiniões sobre tais fundamentos como tais pessoas deveriam formá-las. Os menos enquiridores recebem-nas de uma autoridade em que aqueles a quem Providência condena a viver sobre confiança não precisam se envergonhar de confiar. Esses dois tipos de homens movem-se na mesma direção, embora em um lugar diferente. Eles dois movem-se com a ordem do universo. Eles sabem ou sentem essa grande verdade antiga: "Quod illi principi et praepotenti Deo que omnem hunc mundum regit, nihil eorum quae quidem fiant in tetris acceptius quam concilia et caetus ho-minum jure sociati quae civitates appellantur." Eles tomam este princípio da cabeça e coração, não do grande nome que ele imediatamente carrega, nem do maior do que é derivado; mas daquele que só ele pode dar verdadeiros peso e sanção para qualquer opinião culta, a natureza comum e relação comum de homens. Persuadidos que todas coisas deveriam ser feitas com reverência, e referindo todas ao ponto de referência a que tudo deveria ser dirigido, eles pensam-se vinculados, não apenas como indivíduos no santuário do coração, ou como congregados nessa capacidade pessoal, para renovar a memória de sua alta origem e lance; mas também no caráter corporacional para realizar sua homenagem nacional ao instituidor, e autor e protetor de sociedade civil; sem o que homem de sociedade civil não poderia por qualquer possibilidade chegar à perfeição de que sua natureza é capaz, nem mesmo fazer uma remota e tênue aproximação a ela. Eles concebem que Ele que deu nossa natureza para ser aperfeiçoada por nossa virtude, quis também os meios necessários de sua perfeição -- Ele quis portanto o estado -- Ele quis sua conexão com a fonte e arquétipo original de toda perfeição. Eles que estão convencidos dessa sua vontade, que é a lei de leis e o soberano de soberanos, não podem pensá-lo repreensível, que esta nossa fidelidade e homenagem corporativas, que este nosso reconhecimento de um senhorio supremo, eu tenho quase dito esta oblação do estado ele-mesmo, como uma valorosa oferenda sobre o alto altar de louvor universal, deveria ser realizada como todos atos públicos solenes são realizados, em edifícios, em música, em decoração, em fala, na dignidade de pessoas, de acordo com os costumes de humanidade, ensinados por sua natureza; isso é, com modesto esplendor, com estado despretencioso, com branda majestade e sóbria pompa. Para aqueles propósitos eles pensam que alguma parte da riqueza do país é tão utilmente empregada como

ela pode ser, em fomentando a luxúria de indivíduos. Ela é um ornamento público. Ela é a consolação pública. Ela nutre a esperança pública. O mais pobre homem encontra sua própria importância e dignidade nela, enquanto a riqueza e orgulho de indivíduos a todo momento faz o homem de posto e fortuna humildes sensível de sua inferioridade, e degrada e vilifica sua condição. É para o homem em vida humilde, e para erguer sua natureza, e para pô-lo em mente de um estado em que os privilégios de opulência irão cessar, quando ele será igual por natureza, e pode ser mais que igual por virtude, que esta porção da riqueza geral de seu país é empregada e santificada.

Eu lhe asseguro que eu não miro em singularidade. Eu dou-lhe opiniões que têm sido aceitadas entre nós, de tempos muito precoces até este momento, com uma continuada e geral aprovação, e que de fato são tão trabalhadas em minha mente, que eu sou incapaz de distinguir o que eu aprendi de outros dos resultados de minha própria meditação.

É sobre certos tais princípios que a maioria do povo de Inglaterra, longe de pensar um religioso, estabelecimento nacional ilícito, dificilmente pensam-no lícito estar sem um. Em França vocês estão totalmente enganados se vocês não nos acreditam acima de todas as coisas atado a ele, e além de todas outras nações; e quando este povo tem atuado imprudentemente e injustificadamente em seu favor (como em algumas instâncias eles têm feito mais certamente) em seus erros mesmos você irá ao menos descobrir o zêlo deles.

Este princípio corre através do sistema todo de sua política. Eles não consideram seu estabelecimento de igreja como conveniente, mas como essencial para seu estado; não como uma coisa heterogênea e separável; algo adicionado para acomodação; o que eles podem ou manter em pé ou deitar de lado, de acordo com suas ideias temporárias de conveniência. Eles consideram-no como a fundação de sua constituição toda, com que, e com toda parte de que, ele mantém uma união indissolúvel. Igreja e estado são ideias inseparáveis em suas mente, e escassamente é a uma jamais mencionada sem mencionar-se o outro.

Nossa educação é deste modo formada como a confirmar e fixar esta impressão. Nossa educação é em uma maneira totalmente nas mãos de eclesiásticos, e em todos estágios desde infância até maturidade. Mesmo quando nossa juventude, deixando escolas e universidades, entra o mais importante período de vida que começa a ligar experiência e estudo junto, e quando com essa visão eles visitam outros países, em vez de velhos domésticos que nós temos visto como governadores para homens principais de outras partes, três-quartos desses que vão para o exterior com nossa jovem nobreza e cavalheiros são eclesiásticos; não como mestres austeros, nem como meros seguidores; mas como amigos e companheiros de um caráter mais grave, e não raramente pessoas tão bem-nascidas como eles mesmos. Com eles, como relações, eles mais comummente mantêm de pé uma próxima conexão através de vida. Por esta conexão nós concebemos que nós atamos nossos cavalheiros à igreja; e nós liberalizamos a igreja por um intercurso com os caráteres liderantes do país.

Tão tenazes somos nós dos velhos modos eclesiásticos e modas de instituição, que muito pouca alteração têm sido feita neles desde o décimo-quarto ou décimo-quinto século; aderindo neste particular, como em todas outras coisas, a nossa velha máxima estabelecida, nunca inteiramente nem de uma vez para separar-se de antiguidade. Nós achamos essas velhas instituições, no todo, favoráveis a moralidade e disciplina; e nós pensamos que elas eram suscetíveis de emenda, sem alterar-se o fundamento. Nós pensamos que elas eram capazes de receber e melhorar, e sobretudo de preservar as acessões de ciência e literatura, como a ordem de Providência deveria sucessivamente produzí-las. E depois de tudo, com essa educação Gótica e de monge (pois tal elá é no trabalho-fundamento) nós podemos fazer nosso clamor para tão ampla e tão precoce uma parte em todos os melhoramentos em

ciência, em artes, e em literatura, que têm iluminado e adornado o mundo moderno, como qualquer outra nação em Europa; nós pensamos que uma causa principal deste melhoramento foi nós não desprezarmos o patrimônio de conhecimento que nos foi deixado por nossos antepassados.

É a partir de nossa conexão a um estabelecimento de igreja que a nação Inglesa não pensou sábio confiar esse grande interesse fundamental do todo para o que a que eles não confiam nenhuma parte de seu serviço público civil ou militar, isto é para a instável e precária contribuição de indivíduos. Eles vão além. Eles certamente nunca sofreram e nunca sofrerão que o estado fixo da igreja seja convertido em uma pensão, para depender na tesouraria, e para ser atrasado, retido, ou talvez ser extinguido por dificuldades fiscais; dificuldades as quais podem por vezes ser pretendidas para propósitos políticos, e são de fato frequentemente trazidas à baila pela extravagância, negligência, e rapacidade de políticos. O povo de Inglaterra pensa que eles têm motivos constitucionais, tão bem como religiosos, contra qualquer projeto de tornar seu clero independente em pensionistas eclesiásticos de estado. Eles tremem por sua liberdade, da influência de um clero dependente sobre a coroa; eles tremem pela tranquilidade pública, das desordens de um clero faccioso, se ele fosse feito depender sobre qualquer outro que não a coroa. Eles portanto fizeram sua igreja, como seu rei e sua nobreza, independente.

Das considerações unidas de religião e política constitucional, de sua opinião de um dever de fazer uma provisão certa para a consolação dos fracos e a instrução dos ignorantes, eles incorporaram e identificaram o estado da igreja com a massa de *propriedade privada*, de que o estado não é o proprietário, seja para uso ou domínio, mas apenas o guardião e o regulador. Eles ordenaram que a provisão deste estabelecimento poderia ser tão estável como a terra sobre a qual está, e não deveria flutuar com o Euripus de fundos e ações.

Os homens de Inglaterra, os homens, eu quero dizer, de luz e liderança em Inglaterra, cuja sabedoria (se eles têm alguma) é aberta e direta, seriam envergonhados, como de um bobo truque deceptivo, de professar qualquer religião em nome, que por seus procedimentos eles parecessem desconsiderar. Se por sua conduta (a única língua que raramente mente) eles parecessem considerar o grande princípio governante do mundo moral e do natural, como uma mera invenção para manter os vulgares em obediência, eles apreendem que por uma tal conduta eles derrotariam o propósito político que eles têm em vista. Eles achariam difícil fazer outros acreditar em um sistema ao qual eles manifestamente não dessem nenhum crédito eles mesmos. Os homens-de-estado Cristãos desta terra iriam primeiro de fato prover para a *multitude*; porque ela é a *multititude*; e é portanto, como tal, o primeiro objeto na instituição eclesiástica, e em todas instituições. Eles foram ensinados, que a circunstância de o evangelho ser pregado para os pobres, foi um dos grandes testes de sua verdadeira missão. Eles pensam, portanto, que os que não acreditam nele, que não tomam cuidado que ele devesse ser pregado para os pobres. Mas como eles sabem que caridade não é confinada a qualquer uma descrição, mas deveria aplicar a si mesma a todos homens que têm quereres, eles não estão deprivados de uma devida e ansiosa sensação de pena para os sofrimentos dos miseráveis grandes. Eles não são repelidos através de uma fastidiosa delicadeza, ao fedor de sua arrogância e presunção, de uma atenção medicinal para suas pústulas mentais e feridas escorrentes. Eles são sensíveis, que instrução religiosa é de mais consequência para eles que para quaisquer outros; pela importância da tentação a que eles são expostos; pelas consequências importantes que atendem suas faltas; pelo contágio de seu exemplo doente; pela necessidade de curvar o teimoso pescoço de seu orgulho e ambição para o jugo de moderação e virtude; por uma consideração da gorda estupidez e grosseira ignorância concernindo o que importa a homens mais de saber, que prevalece em cortes, e na chefia de exércitos, e em senados, tanto quanto no tear e no campo.

O povo Inglês estão satisfeitos, que para os grandes as consolações de religião são tão necessárias

quanto as instruções dela. Eles também estão entre os infelizes. Eles sentem dor pessoal e tristeza doméstica. Nestas eles não têm nenhum privilégio, mas são sujeitos a pagar seu contingente total às contribuições impostas sobre mortalidade. Eles querem esse bálsamo soberano sob seus corrosivos cuidados e ansiedades, que sendo menos versados sobre os quereres limitados de vida animal, estendem-se sem limite, e são diversificados por infinitas combinações nas selvagens e desvinculadas regiões de imaginação. Alguma doação caridosa falta a estes, nossos frequentemente muito infelizes irmãos, para encher o desalentado vazio que reina em mentes que não têm nada sobre terra para esperar ou temer; algo para aliviar no matador langor e sobre-laborada lassitude daqueles que não têm nada para fazer; algo para excitar um apetite à existência na farta saciedade que atende sobre todos prazeres que possam ser comprados, onde natureza não é deixada a seu próprio processo, onde mesmo desejo é antecipado, e portanto fruição derrotada por esquemas meditados e maquinações de deleite; e nenhum intervalo, nenhum obstáculo, é interposto entre o desejo e a realização.

O povo de Inglaterra sabe quão pouca influência os professores de religião são prováveis de ter com os ricos e poderosos de longa manutenção, e quão muito menos com os recentemente afortunados, se eles parecerem em uma maneira de forma alguma sortidos para aqueles com quem eles precisam associar-se, e sobre quem eles precisam sempre exercitar, em alguns casos, algo como uma autoridade. O que devem eles pensar desse corpo de professores, se eles não o vêem em parte nenhuma acima do estabelecimento de seus serventes domésticos? Se a pobreza fosse voluntária, poderia haver alguma diferença. Instâncias fortes de auto-negação operam poderosamente em nossas mentes; e um homem que não tem quereres tem obtido grande liberdade e firmeza, e mesmo dignidade. Mas como a massa de qualquer descrição de homens não são senão homens, e sua pobreza não pode ser voluntária, esse desrespeito que atende sobre toda pobreza Laica, não irá separar-se da Eclesiástica. Nossa providente constituição tem portanto tomado cuidado que aqueles que são para instruir presunçosa ignorância, aqueles que são para ser censores sobre vício insolente, não deveriam nem incorrer em seu contempto, nem viver sobre sua esmola; nem irá ela tentar os ricos a uma negligência da verdadeira medicina de suas mentes. Por estas razões, enquanto nós providenciamos primeiro para os pobres, e com uma solicitude parental, nós não temos relegado religião (como algo que nós tivéssemos vergonha de mostrar) a municipalidades obscuras ou vilas rústicas. Não! Nós a teremos para exaltar sua mitrada fronte em cortes e parlamentos. Nós a teremos misturada através da massa toda de vida, e misturada com todas as classes de sociedade. O povo de Inglaterra irá mostrar aos arrogantes potentados do mundo, e para seus sofistas falantes, que uma livre, uma generosa, uma informada nação, honra os altos magistrados de sua igreja; que ela não sofrerá a insolência de riqueza e títulos, ou qualquer outra espécie de pretensão orgulhosa, desprezar com desdém o que eles admiram com reverência; nem presumir espezinhar sobre essa adquirida nobreza pessoal, que eles tencionam sempre ser, e que frequentemente é o fruto, não a recompensa, (pois qual pode ser a recompensa?) de aprendizado, piedade, e virtude. Eles podem ver, sem dor ou rancor, um Arcebispo preceder um Duque. Eles podem ver um Bispo de Durham, ou um Bispo de Winchester, em possessão de dez mil libras a ano; e não podem conceber por que esteja em mãos piores que estados de montante equivalente nas mãos deste Conde, ou daquele Escudeiro; embora possa ser verdade, que tantos cães e cavalos não são mantidos para os primeiros, e alimentados com as vitualhas que deveriam nutrir as crianças do povo. É verdade, toda a renda de igreja não é sempre empregada, e a todo xelim, em caridade; nem talvez ela deveria; mas algo é geralmente assim empregado. É melhor tratar virtude com carinho e humanidade, por deixando muito a livre arbítrio, mesmo com alguma perda para o objeto, que tentar fazer homens meras máquinas e instrumentos de uma benevolência política. O mundo no todo irá ganhar por uma liberdade, sem a que virtude não pode existir.

Quando uma vez o país estabeleceu os estados da igreja como propriedade, ele não pode, consistentemente, ouvir nada do mais ou do menos. Demais e demenos são traições contra propriedade.

Que mal pode surgir da quantidade em qualquer mão, enquanto a autoridade suprema tem a inteira, soberana superintendência sobre isto, como sobre toda propriedade, para prevenir toda espécie de abuso; e, quando quer que ela notavelmente desvia, dar a ela uma direção concorde às propostas de sua instituição.

Em Inglaterra a maioria de nós concebe que é inveja e malignitude no sentido daqueles que são frequentemente os iniciadores de sua própria fortuna, e não um amor da auto-negação e mortificação da igreja antiga, que faz alguns olhar de lado para as distinções, e honras, e rendas, que, tomadas de nenhuma pessoa, são separadas para virtude. Os ouvidos do povo de Inglaterra são distinguidores. Eles ouvem estes homens falar no exterior. Sua língua os trai. Sua linguagem está nos *patois* de fraude; no canto e algaravia incoerente de hipocrisia. O povo de Inglaterra deve pensar deste modo, quando estes tagarelas afetam carregar de volta o clero para essa primitiva pobreza evangélica que, no espírito, deveria sempre existir neles, (e em nós também, de qualquer forma que possamos gostar dela) mas na coisa precisa ser variada, quando a relação desse corpo ao estado é alterada; quando maneiras, quando modos de vida, quando de fato a ordem toda de assuntos humanos tem passado por uma revolução total. Nós devemos acreditar que esses reformadores sejam honestos entusiastas, não como agora nós os pensamos, trapaceiros e enganadores, quando nós os virmos jogando seus próprios bens para dentro do comum, e submetendo suas próprias pessoas à austera disciplina da igreja precoce.

Com estas ideias enraizadas em suas mentes, os comuns de Grã-Bretanha, nas emergências nacionais, não irão nunca procurar seu recurso da confiscação dos estados da igreja e pobres. Sacrilégio e proscrição não estão entre os caminhos e meios de nosso comitê de suprimento. Os Judeus em Change Alley ainda não arriscaram dar pistas de suas esperanças de uma hipoteca nas rendas pertencendo à sé de Canterbury. Eu não tenho medo de que eu deva ser repudiado, quando eu lhe asseguro que não há *um* homem público neste reino, a quem você desejaria citar; nenhum de qualquer partido ou descrição, que não reprove a desonesta, pérfida e cruel confiscação que a assembleia nacional foi compelida a fazer dessa propriedade que era seu primeiro dever protegê-la.

É com a exultação de um pouco de orgulho natural que eu lhe digo, que aqueles entre nós que têm desejado garantir as sociedades de Paris na taça de suas abominações, têm se desapontado. O roubo de sua igreja provou-se uma segurança para nossas possessões. Ele despertou o povo. Eles vêem com horror e alarme esse enorme e desavergonhado ato de proscrição. Ele abriu, e irá mais e mais abrir, seus olhos sobre o egoísta alargamento de mente, e a estreita liberdade de sentimento de homens insidiosos, que começando em fechada hipocrisia e fraude acabaram em violência aberta e rapina. Em casa nós contemplamos começos similares. Nós estamos em nossa guarda contra conclusões similares.

Eu espero que nós não devamos nunca estar tão totalmente perdidos para todos os sensos dos deveres impostos sobre nós pela lei de união social, como, sobre qualquer pretexto de serviço público, a confiscar os bens de um único cidadão inofensivo. Quem a não ser um tirano (um nome expressivo de toda coisa que pode viciar e degradar natureza humana) poderia pensar de apossar-se sobre a propriedade de homens, não-acusados, não-ouvidos, não-julgados, por descrições inteiras, por centenas e milhares junto? quem que não tivesse perdido todo traço de humanidade poderia pensar de jogar abaixo homens de posto exaltado e função sagrada, alguns deles de uma idade de chamar instantaneamente por reverência e compaixão, de jogá-los abaixo da situação mais alta no país, onde eles eram mantidos por sua própria propriedade fundiária, a um estado de indigência, depressão e contempto?

Os confiscadores fizeram verdadeiramente alguma concessão a suas vítimas desde os rabiscos e fragmentos de suas próprias mesas das quais eles foram tão asperamente tirados, e que foram tão

liberalmente espalhados para um banquete às harpias de usúria. Mas tirar homens da independência para viver sobre esmola é em si mesmo grande crueldade. Essa que poderia ser uma condição tolerável a homens em um estado de vida, e não habituados a outras coisas, pode, quando todas estas circunstâncias forem alteradas, ser uma revolução horrorosa; e uma a que a mente virtuosa sentiria dor em condenar qualquer culpa exceto aquela que demandaria a vida do ofendedor. Mas para muitas mentes esta punição de *degradação* e *infâmia* é pior que morte. Indubitavelmente ela é uma agravação infinita deste cruel sofrimento, que as pessoas que foram ensinadas um prejuízo duplo em favor de religião, por educação e pelo lugar que elas mantinham na administração de suas funções, são para receber as reminiscências de sua propriedade como esmola das profanas e impiedosas mãos daqueles que tinham-nas pilhado de todo o resto; receber (se elas forem absolutamente para receber) não das caridosas contribuições dos fiéis, mas da insolente ternura de conhecido e admitido Ateísmo, a manutenção de religião, medida fora para elas sobre o padrão do contempto em que ela é mantida; e para o propósito de tornar aqueles que recebem a concessão vis e de nenhuma estimação nos olhos de humanidade.

Mas este ato de tomada de propriedade, parece, é um julgamento em lei, e não uma confiscação. Eles têm, parece, descoberto nas academias do *Palais Royale*, e os *Jacobinos*, que certos homens não tinham nenhum direito às possessões que eles mantinham sob lei, uso, as decisões de cortes, e a prescrição acumulada de mil anos. Eles dizem que eclesiásticos são pessoas fictícias, criaturas do estado; a quem a prazer eles podem destruir, e é claro limitar e modificar em todo particular; que os bens que eles possuem não são propriamente seus, mas pertencem ao estado que criou a ficção; e nós somos portanto não para nos incomodar com o que eles possam sofrer em seus sentimentos naturais e pessoas naturais, por conta de que é feito no sentido deles neste deles caráter construtivo. De que importância é, sob que nomes você injuria homens, e depriva-os dos justos emolumentos de uma profissão, em que eles foram não apenas permitidos mas encorajados pelo estado em engajar; e sobre a suposta certeza de quais emolumentos eles tinham formado o plano de suas vidas, contraído dívidas, e guiado multidões a uma inteira dependência sobre eles?

Você não imagina, Senhor, que eu vá cumprimentar esta miserável distinção de pessoas com qualqer discussão longa. Os argumentos de tirania são tão contemptíveis como sua força é horrorosa. Não tivessem seus confiscadores por seus precoces crimes obtido um poder que assegura indenidade a todos os crimes de que eles têm desde então sido culpados, ou que eles podem cometer, não é o silogismo do lógico mas o chicote do executor que teria refutado uma sofistria que torna-se um cúmplice de roubo e assassinato. Os tiranos sofísticos de Paris são de voz alta em suas declamações contra os tiranos reais falecidos que em eras passadas vexaram o mundo. Eles são assim corajosos, porque eles estão salvos das masmorras e celas de ferro de seus velhos mestres. Devemos nós ser mais tenros dos tiranos de nosso próprio tempo, quando nós os vemos atuando piores tragédias sob nossos olhos? devemos nós não usar a mesma liberdade que eles usam, quando nós podemos usá-la com a mesma segurança? quando falar verdade honesta somente requer um contempto das opiniões daqueles cujas ações nós abominamos?

Este ultraje sobre todos os direitos de propriedade foi primeiramente coberto com o que, sobre o sistema de sua conduta, era o mais espantoso de todos pretextos---uma consideração a fé nacional. Os inimigos a propriedade primeiramente pretenderam uma mais tenra, delicada, e escrupulosa ansiedade para manter os engajamentos do rei com o credor público. Estes professores dos direitos de homens são tão ocupados em ensinar outros, que eles não têm lazer para aprender qualquer coisa eles mesmos; de outro modo eles teriam sabido que é para a propriedade do cidadão, e não para as demandas do credor do estado, que a primeira e original fé de sociedade civil é garantida. O clamor do cidadão é anterior em tempo, supremo em título, superior em equidade. As fortunas de indivíduos, seja possuídas por

aquisição, ou por descendência, ou em virtude de uma participação nos bens de alguma comunidade, não eram parte da segurança do credor, expressada ou implícita. Elas nunca fizeram tanto quanto entrar em sua cabeça quando ele fez sua barganha. Ele bem sabia que o público, fosse representado por um monarca, ou por um senado, não pode garantir nada a não ser a propriedade pública; e ele não pode ter propriedade pública, exceto no que ele deriva de uma justa e proporcionada imposição sobre os cidadãos em geral. Isto foi empenhado, e nada mais poderia ser empenhado para o credor público. Nenhum homem pode hipotecar sua injustiça como um penhor para sua fidelidade.

É impossível evitar algumas observações sobre as contradições causadas pelo extremo rigor e a extrema frouxidão da nova fé pública, que influenciou nesta transação, e que influenciou não de acordo com a natureza da obrigação, mas com a descrição de pessoas a quem ela foi empenhada. Atos nenhuns do velho governo dos reis de França são mantidos válidos na Assembleia Nacional, exceto seus empenhos pecuniários; atos de todos outros da mais ambígua legalidade. O resto dos atos desse governo real são considerados em tão odiosa uma luz, que para ter um clamor sob sua autoridade é visto como um tipo de crime. Uma pensão, dada como recompensa por serviço ao estado, é certamente tão bom um fundamento de propriedade como qualquer segurança para dinheiro avançado pelo estado. Ela é um melhor; pois dinheiro é pago, e bem pago, para obter esse serviço. Nós temos contudo visto multitudes de pessoas sob esta descrição em França, que nunca tinham sido deprivadas de suas concessões pelos mais arbitrários ministros, nos mais arbitrários tempos, por esta assembleia dos direitos de homens, roubados sem piedade. Foi dito a eles, em resposta a seus clamores para o pão ganhado com seu sangue, que seus serviços não tinham sido dados ao país que agora existe.

Esta frouxidão de fé pública não é confinada àquelas pessoas infortunadas. A assembleia, com perfeita consistência deve ser possuido, é engajada em uma respeitável deliberação quão longe ela é vinculada pelos tratados feitos com outras nações sob o governo anterior, e seu Comitê é para reportar quais deles eles deveriam ratificar, e quais não. Por esse meio eles puseram a fidelidade externa deste estado virgem em parelha com sua interna.

Não é fácil conceber sobre que princípio racional o governo real não deveria, dos dois, preferivelmente ter possuido o poder de recompensar serviço, e fazer tratados, em virtude de sua prerrogativa, que o de garantir a credores a renda do estado verdadeiro e possível. O tesouro da nação, de todas coisas, tem sido o menos permitido à prerrogativa de qualquer rei em Europa. Hipotecar a renda pública implica o domínio soberano, no mais inteiro sentido, sobre a bolsa pública. Vai muito além da confiança mesmo de uma temporária e ocasional taxação. Os atos contudo desse perigoso poder (a marca distintiva de um despotismo desvinculado) têm sido sozinhos segurados sagrados. De onde surgiu esta preferência dada por uma assembleia democrática ao um corpo de propriedade derivando seu título da mais crítica e obnóxia de todas as exterções de autoridade monárquica? Razão não pode fornecer nada para reconciliar inconsistência; nem pode-se prestar contas de favor parcial sobre princípios equitativos. Mas a contradição e parcialidade que não admitem nenhuma justificação, não são menos sem uma causa adequada; e essa causa eu não penso que seja difícil de descobrir.

Pelo vasto débito de França um grande juro pecuniário tinha insensivelmente crescido acima, e com ele um grande poder. Pelos usos antigos que prevaleciam nesse reino, a circulação geral de propriedade, e em particular a mútua conversibilidade de terra em dinheiro, e de dinheiro em terra, tinha sempre sido uma matéria de dificuldade. Estabelecimentos de família, preferivelmente mais gerais e mais estritos que eles são em Inglaterra, o *jus retractus*, a grande massa de propriedade fundiária tida pela coroa, e por uma máxima da lei Francesa tida inalienavelmente, as vastas propriedades das corporações eclesiásticas,---todos estes tinham mantido os interesses fundiários e pecuniários mais separados em França, menos miscíveis, e os proprietários das duas espécies distintas de propriedade não tão bem

dispostos um ao outro como eles são neste país.

A propriedade pecuniária foi longamente vista com preferivelmente um olho mau pelo povo. Eles a viam conectada com seus sofrimentos, e os agravando. Ela era não menos invejada pelos velhos interesses possuidores de terra, parcialmente pelas mesmas razões que a tornavam obnóxia para o povo, mas muito mais deste modo como ela eclipsava, pelo esplendor de um luxo ostentoso, os pedigrees não-dotados e títulos nus de vários entre a nobreza. Mesmo quando a nobreza, que representava o interesse possuidor de terras mais permanente, uniram-se por casamento (que por vezes foi o caso) com a outra descrição, a riqueza que salvava a família de ruina, era suposta de contaminar e degradá-la. Assim as inimizades e cardialgias destes partidos foram aumentadas mesmo pelo meio usual pelo que discórdia é feita cessar, e querelas são tornadas em amizade. No meio-tempo, o orgulho dos homens ricos, não nobres ou recentemente nobres, aumentou com sua causa. Eles sentiam com ressentimento uma inferioridade, os fundamentos de que eles não reconheciam. Não havia medida para que eles não estivessem dispostos a emprestar-se, com o fim de ser vingados pelos ultrajes deste orgulho rival, e exaltar sua riqueza ao que eles consideravam como seu posto e estimação naturais. Eles golpearam a nobreza através da coroa e da igreja. Eles atacaram-nos particularmente no lado em que eles os pensavam mais vulneráveis, isto é, as possessões da igreja, que, através da patronagem da coroa, geralmente cabia por devolução sobre a nobreza. Os bispados, e as grandes abadias comendatórias, eram, com poucas exceções, tidas por essa ordem.

Neste estado de real, embora nem sempre percebida guerra entre o interesse possuidor de terras antigo nobre, e o novo interesse pecuniário, a maior porque a mais aplicável força estava nas mãos do último. O interesse pecuniário é em sua natureza mais pronto para qualquer aventura; e seus possessores mais dispostos a novos empreendimentos de qualquer tipo. Sendo de uma aquisição recente, ele cai mais naturalmente com quaisquer novidades. Ele é portanto o tipo de riqueza a que todos que desejam por mudança irão recorrer.

Juntamente com o interesse pecuniário, uma nova descrição de homens tinha crescido acima, com quem esse interesse logo formou uma próxima e marcada união; eu quero dizer os Homens de Letras políticos. Homens de Letras, com gosto de distinguirem-se, são raramente aversos a inovação. Desde o declínio da vida e grandeza de Lewis o XIV.o, eles não foram tanto cultivados seja por ele, ou pelo regente, ou os sucessores da coroa; nem foram eles engajados à corte por favores e emolumentos tão sistematicamente como durante o esplêndido período desse ostentoso e não impolítico reino. O que eles perderam na velha proteção de corte, eles empenharam-se em compensar por juntando-se em um tipo de incorporação de sua posse; para a qual as duas academias de França, e depois o vasto empreendimento da Encyclopaedia, levado adiante por uma sociedade destes cavalheiros, contribuiram não um pouco.

A cabala literária tinha alguns anos atrás formado alguma coisa como um plano regular para a destruição da religião Cristã. Este objeto eles perseguiram com um grau de zelo que até então tinha sido descoberto apenas nos propagadores de algum sistema de piedade. Eles estavam possuidos com um espírito de proselitismo no mais fanático grau; e desde então, por um fácil progresso, com o espírito de perseguição estando de acordo com seus meios. O que não era para ser feito no sentido de seu grande fim por qualquer ato direto ou imediato, poderia ser trabalhado por um processo mais longo através do meio de opinião. Para comandar essa opinião, o primeiro passo é estabelecer um domínio sobre aqueles que a dirigem. Eles maquinaram possuir eles mesmos, com grande método e perseverança, de todas as avenidas para fama literária. Muitos deles em vez disso estiveram alto nos postos de literatura e ciência. O mundo tinha feito justiça a eles; e em favor de talentos gerais perdoou a má tendência de seus peculiares princípios. Isto foi verdadeira liberalidade; que eles retornaram por empenhando-se em

confinar a reputação de senso, aprendizado, e gosto a eles mesmos ou seus seguidores. Eu irei me aventurar a dizer que este estreito, exclusivo espírito não tem sido menos prejudicial a literatura e a gosto, que a moral e filosofia verdadeira. Estes padres Ateísticos têm um fanatismo deles mesmos; e eles têm aprendido a falar contra monges com o espírito de um monge. Mas em algumas coisas eles são homens deste mundo. Os recursos de intriga são chamados adentro a suprir os defeitos de argumento e sagacidade. A este sistema de monopólio literário foi juntada uma incessante indústria para escurecer e desacreditar em toda forma, e por todo meio, todos aqueles que não se seguravam em sua facção. Para aqueles que observaram o espírito de sua conduta, tem longamente sido claro que nada foi quisto a não ser o poder de carregar a intolerância da língua e da pena para dentro de uma perseguição que iria golpear em propriedade, liberdade, e vida.

A desultória e tênue perseguição levada adiante contra eles, mais desde concordância com forma e decência que com ressentimento sério, nem enfraqueceu sua força, nem relaxou seus esforços. O assunto do todo era, que devido a oposição, e devido a sucesso, um violento e maligno zelo, de um tipo até então desconhecido no mundo, tinha tomado uma possessão inteira de suas mentes, e tornado toda sua conversação, que de outro modo teria sido agradável e instrutiva, perfeitamente repugnante. Um espírito de cabala, intriga, e proselitismo, permeava todos seus pensamentos, palavras e ações. E, como zelo controverso logo torna seus pensamentos sobre força, eles começaram a insinuar-se para dentro de uma correspondência com príncipes estrangeiros; em esperanças, que através de sua autoridade, que primeiramente eles adularam, eles poderiam efetuar as mudanças que eles tinham em vista. Para eles era indiferente se estas mudanças eram para ser realizadas pelo raio de despotismo, ou pelo terremoto de comoção popular. A correspondência entre esta cabala, e o tardio rei de Prússia, não jogará luz pequena sobre o espírito de todos seus procedimentos *. (* Eu não escolho chocar o sentimento do leitor moral com qualquer citação da vulgar, base, e profana linguagem deles.) Pelo mesmo propósito pelo que eles intrigaram com príncipes, eles cultivaram, em uma maneira distinta, o interesse pecuniário de França; e parcialmente através do meio fornecido por aqueles cujos ofícios peculiares lhes davam o mais extensivo e certo meio de comunicação, eles cuidadosamente ocuparam todas as avenidas para opinião.

Escritores, especialmente quando eles atuam em um corpo, e com uma direção, têm grande influência sobre a mente pública; a aliança portanto destes escritores com o interesse pecuniário teve não pequeno efeito em remover o ódio e inveja populares que atendia essa espécie de riqueza. Estes escritores, como os propagadores de todas novidades, pretendiam a um grande zêlo pelos pobres, e as ordens baixas, enquanto em suas sátiras eles tornavam odiosas, por toda exageração, as falhas de cortes, de nobreza, e de sacerdócio. Eles tornaram-se um tipo de demagogos. Eles serviam como uma ligação para unir, em favor de um objeto, riqueza obnóxia a inquieta e desesperada pobreza.

Como estes dois tipos de homens parecem líderes principais em todas as tardias transações, sua junção e política servirá para prestar contas, não sobre quaisquer princípios de lei ou de política, mas como uma *causa*, da fúria geral com que toda a propriedade fundiária de corporações eclesiásticas tem sido atacada; e o grande cuidado que, contrário a seus princípios pretendidos, tem sido tomado, de um interesse pecuniário originando da autoridade da coroa. Toda a inveja contra abundância e poder, foi artificialmente dirigida contra outras descrições de riquezas. Sobre que outro princípio que não esse que eu tenho declarado podemos nós prestar contas de uma aparência tão extraordinária e não-natural como essa das possessões eclesiásticas, que tinham se mantido por tantas sucessões de eras e choques de violências civis, e eram guardadas ao mesmo tempo por justiça, e por prejuízo, sendo aplicadas ao pagamento de dívidas, comparativamente recentes, hostis, e contratadas por um governo execrado e subvertido?

Era a propriedade pública uma participação suficiente para os débitos públicos? Assuma que não fosse, e que uma perda *precisa* ser incorrida nalgum lugar---Quando a única propriedade licitamente possuida, e que os partido contratantes tinham em contemplação ao tempo em que sua barganha foi feita, acontece de falhar, quem, de acordo com os princípios de equidade natural e legal, deveria ser o sofredor? Certamente ele deveria ser ou o partido que confiou; ou o partido que o persuadiu a confiar, ou ambos; e não partidos terceiros que não tinham concernência com a transação. Sobre qualquer insolvência eles deveriam sofrer que fossem fracos o suficiente para emprestar sobre má segurança, ou eles que fraudulentamente ofereceram uma segurança que não era válida. Leis são dadas a conhecer sem nenhumas outras regras de decisão. Mas pelo novo instituto dos direitos de homens, as únicas pessoas, que em equidade deveriam sofrer, são as únicas pessoas que são para ser salvadas inofensivas: essas são para responder o débito que nem foram emprestadores ou tomadores de empréstimo, devedores hipotecários ou credores hipotecários.

O que tinha o clero a ver com estas transações? O que eles tinham a ver com qualquer engajamento público além do extento de seu próprio débito? A isso, para ser certo, suas propriedades eram vinculados até o último acre. Nada pode guiar mais ao verdadeiro espírito da assembleia, que está situado para confiscação pública, com sua nova equidade e sua nova moralidade, que uma atenção ao procedimento deles com referência a este débito do clero. O corpo de consfiscadores, verdadeiro a esse interesse pecuniário por que eles eram falsos para todo outro, acharam o clero competente para incorrer em um débito legal. De curso eles declararam-nos legalmente entitulados à propriedade que seu poder de incorrer no débito e hipotecar a propriedade implicava; reconhecendo os direitos daqueles cidadãos perseguidos, no ato mesmo em que eles eram assim grosseiramente violados.

Se, como eu disse, quaisquer pessoas são para fazer boas deficiências ao credor público, além do público em geral, elas precisam ser aquelas que gerenciaram o acordo. Por que portanto não são as propriedades de todos os controladores gerais confiscadas? Por que não aquelas da longa sucessão de ministros, financiadores, e banqueiros que têm sido enriquecidos enquanto a nação era empobrecida por suas negociações e seus conselhos? Por que não é a propriedade de Mr. Laborde declarada confiscada preferivelmente que do arcebispo de Paris, que não teve nada que ver na criação ou na negociação dos fundos públicos? Ou, se você precisa confiscar velhas propriedades fundiárias em favor dos corretores financeiros, por que é a penalidade confinada a uma descrição? Eu não sei se as despesas do duque de Choiseul deixaram qualquer coisa das infinitas somas que ele tinha derivado do rendimento de seu mestre, durante as transações de um reino que contribuiu largamente, por toda espécie de prodigalidade em guerra e paz, para o débito presente de França. Se qualquer tal permanece, por que não é isso confiscado? Eu lembro de ter estado em Paris durante o tempo do velho governo. Eu estive lá justo após que o duque d'Aiguillon tinha sido arrebatado (como isso era geralmente pensado) do bloco pela mão de um despotismo protetor. Ele era um ministro, e tinha alguma concernência nos assuntos desse período pródigo. Por que eu não vejo sua propriedade entregada acima às municipalidades em que ela é situada? A família nobre de Noailles têm longamente sido serventes, (meritórios serventes eu admito) para a coroa de França, e têm tido de curso certa parte em seus rendimentos. Por que eu não escuto nada da aplicação de suas propriedades ao débito público? Por que é a propriedade do duque de Rochefoucault mais sagrada que aquela do cardeal de Rochefoucault? O primeiro é, eu não duvido, uma pessoa valorosa; e (se não fosse um tipo de profanidade falar do uso, como afetando o título a propriedade) ele faz um bom uso de suas rendas; mas não é nenhum desrespeito para ele dizer, o que informação autêntica bem me garante em dizer, que o uso feito de uma propriedade igualmente válida, por seu irmão o arcebispo cardeal de Rouen, era muito mais laudável e muito mais zeloso pelo bem-estar público. Pode um ouvir da proscrição de tais pessoas, e a confiscação de seus efeitos, sem indignação e horror? Ele não é um homem que não sente tais emoções em tais ocasiões. Ele não merece o nome de um homem livre que não irá exprimí-las.

Poucos conquistadores bárbaros jamais fizeram tão terrível uma revolução em propriedade. Nenhuma das cabeças das facções Romanas, quando elas estabeleceram "*crudelem illam Hastam*" em todas seus leilões de rapina, jamais colocaram para venda os bens dos cidadãos conquistados a um tal montante. Deve ser permitido em favor desses tiranos de antiguidade, que o que foi feito por eles dificilmente poderia ser dito de ser feito a sangue frio. Suas paixões eram inflamadas, seus temperamentos azedados, seus entendimentos confusos, com o espírito de vingança, com as inumeráveis reciprocadas e recentes inflições e retaliações de sangue e rapina. Eles eram movidos além de todos vínculos de moderação pela apreensão do retorno de poder com o retorno de propriedade às famílias daqueles que eles tinham injuriado além de toda esperança de perdão.

Esses confiscadores Romanos, que estavam ainda apenas nos elementos de tirania, e não eram instruídos nos direitos de homens para exercitar todos tipos de crueldades um ao outro sem provocação, pensaram-no necessário espalhar um tipo de cor sobre sua injustiça. Eles consideraram o partido conquistado como composto de traidores que tinham carregado armas, ou de outro modo tinham agido com hostilidade contra o país. Eles os consideravam como pessoas que tinham sido privadas de sua propriedade por seus crimes. Com vocês, em seu estado melhorado da mente humana, não havia tal formalidade. Vocês confiscaram sobre cinco milhões de libras esterlinas de renda anual, e tornaram quarenta ou cinquenta mil criaturas humanas fora de suas casas, porque "tal era seu prazer." O tirano, Harry o Oitavo de Inglaterra, como ele não era melhor iluminado que os Marius's e Sylla's Romanos, e não tinha estudado nas novas escolas de vocês, não conhecia que eficiente instrumento de despotismo estava para ser encontrado nesse grande magazine de armas ofensivas, os direitos de homens. Quando ele resolveu roubar as abadias, como o clube dos Jacobinos roubou todos os eclesiásticos, ele começou por estabelecendo de pé uma comissão para examinar dentro dos crimes e abusos que prevaleciam naquelas comunidades. Como poderia ser esperado, sua comissão reportou verdades, exageros e falsidades. Mas verdadeiramente ou falsamente ela reportou abusos e ofensas. Contudo, como abusos poderiam ser corrigidos, como todo crime de pessoas não infere uma confiscação com referência a comunidades, e como propriedade, nessa era escura, não era descoberta de ser uma criatura de prejuízo, todos esses abusos (e havia bastantes deles) foram dificilmente pensados fundamento suficiente para uma tal confiscação como era para os propósitos dele fazer. Ele portanto procurou a rendição formal destes estados. Todos estes operosos procedimentos foram adotados por um dos mais decididos tiranos nas listas de história, como preliminares necessárias, antes que ele pudesse aventurar-se, por subornando os membros de suas duas casas servis com uma porção do espólio, e oferecendo a eles uma imunidade eterna a taxação, a demandar uma confirmação de seus iníquos procedimentos por um ato de parlamento. Tivesse o destino o reservado para nossos tempos, quatro termos técnicos teriam feito seu negócio, e o salvado de todo esse problema; ele não precisava de nada mais que uma curta forma de encantamento--"*Filosofia, Luz, Liberalidade, os Direitos de Homens*."

Eu não posso dizer nada em louvor daqueles atos de tirania, que nenhuma voz até agora jamais comendou sob qualquer de suas falsas cores; ainda assim nessas falsas cores uma homenagem foi prestada por despotismo a justiça. O poder que estava acima de todo medo e todo remorso não estava estabelecido acima de toda vergonha. Enquanto Vergonha mantém sua vigilância, Virtude não é totalmente extinguida no coração; nem irá Moderação ser inteiramente exilada das mentes de tiranos.

Eu acredito que todo homem honesto simpatiza em suas reflexões com nosso poeta político naquela ocasião, e rezará para evitar o presságio quando quer que estes atos de despotismo rapacioso se apresentem a sua vista ou sua imaginação:

"Possa nenhuma tal tempestade

"Cair sobre nossos tempos, onde ruina precisa reformar.
"Diga-me (minha musa) que monstruosa, terrível ofensa,
"Que crimes poderia qualquer rei Cristão incensar
"A uma tal fúria? Foi luxo, ou luxúria?
"Foi *ele* tão temperado, tão casto, tão justo?
"Foram estes os crimes deles? eles foram dele mesmo muito mais;
"Mas riqueza é crime suficiente para ele que é pobre *."

* O resto da passagem é este
"Quem tendo gasto os tesouros de sua coroa,
"Condena a luxúria deles a alimentar a sua própria.
"E ainda este ato, para envernizar sobre a vergonha
"De sacrilégio, precisa carregar o nome de Devoção.
"Nenhum crime tão corajoso,

"Assim ele a igreja de uma vez protege, e espolia;
"Mas espadas de príncipes são mais afiadas que seus estilos.
"E assim para as eras passadas ele faz emendas,
"A caridade delas destrói, sua fé defende.
"Então Religião em uma preguiçosa cela,
"Em vazias contemplações aéreas residem;
"E, como o bloco, ficou imóvel; mas a nossa,
"Como muito ativa demais, como a cegonha devora.
"Não há região temperada possa ser conhecida,
"Entre sua frígida, e nossa tórrida zona?

"Não poderíamos nós acordar desse sonho letárgico,
"A não ser para ser inquietos em um extremo pior?
"E para essa letargia não havia cura,
"A não ser ser jogada para dentro de uma calentura?
"Pode conhecimento não ter limite, mas precisar avançar
"Tão longe, para fazer-nos desejar por ignorância?
"E preferivelmente no escuro para tentear nosso caminho,
"Que, guiados por um falso guia, para errar por dia?
"Quem vê esses montes dismais, mas iria demandar
"Que invasor bárbaro saqueou a terra?
"Mas quando ele ouve, nenhum Godo, nenhum Turco trouxe
"Esta desolação, a não ser um rei Cristão;
"Quando nada, a não ser o nome de zêlo, aparece
"Entre nossas melhores ações, e as piores deles,
"O que ele pensa que nosso sacrilégio iria poupar,
"Quando tais os efeitos de nossa Devoção são?"
COOPER'S HILL, por Sir JOHN DENHAM.

Esta mesma riqueza, que é em todos tempos traição e *lese nation* para indigente e rapacioso despotismo, sob todos modos de política, foi sua tentação para violar propriedade, lei, e religião, unida em um objeto. Mas foi o estado de França tão desventurado e desfeito, que nenhum outro recurso a não ser rapina permaneceu para preservar sua existência? Nesse ponto eu desejo receber alguma informação. Quando os estados se encontraram, era a condição das finanças de França tal, que, depois

de economizar sobre princípios de justiça e piedade através de todos departamentos, nenhuma repartição justa de fardos sobre todas as ordens poderia possivelmente restaurá-los? Se uma tal imposição igual teria sido suficiente, você bem sabe que ela poderia facilmente ter sido feita. Mr. Necker, no orçamento que ele deitou diante das Ordens em assembléia em Versailles, fez uma exposição detalhada do estado da nação Francesa *. (* Rapport de Mons. de Directeur général des finances, fait par ordre du Roi à Versailles. Mai 5, 1789.)

Se nós dermos crédito a ele, não foi necessariamente para ter recurso a quaisquer novas imposições quaisquer, para pôr as receitas de França em uma balança com seus gastos. Ele declarou as cargas permanentes de todas descrições, incluindo o interesse de um novo empréstimo de quatrocentos milhões, em 531,444,000 libras (NT: livres); a renda fixa em 475,294,000, fazendo a deficiência 56,150,000, ou curto de 2,200,000 libras esterlinas. Mas para balanceá-lo, ele trouxe à frente economias e melhoramentos de renda (considerados como inteiramente certos) para preferivelmente mais que o montante dessa deficiência; e ele conclui com esta enfáticas palavras (p.39) "Quel pays, Messieurs, que celui, ou, *sans impots* et avec de simples objets *inappercus*, on peut faire disparoitre un deficit qui a fait tant de bruit en Europe." Quanto ao re-embolsamento, o afundamento de débito, e os outros grandes objetos de crédito público e arranjamento político indicados no discurso de Mons. Necker, nenhuma dúvida poderia ser entretida, a não ser que uma muito moderada e proporcionada tributação sobre os cidadãos sem distinção teria provido para todos eles ao extento mais cheio de sua demanda.

Se esta representação de Mons. Necker foi falsa, então a assembleia são no mais alto grau culpáveis por ter forçado o rei a aceitar como seu ministro, e desde a deposição do rei, por ter empregado como ministro *deles*, um homem que tinha sido capaz de abusar tão notoriamente da confiança de seu mestre e deles mesmos; em uma matéria muito do mais alto momento, e diretamente pertencente a seu ofício particular. Mas se a representação foi exata (como, tendo sempre, juntamente com vocês, concebido um alto grau de respeito por Mr. Necker, eu não faço dúvida de que foi) então o que pode ser dito em favor daqueles, que, em vez de moderada, razoável, e geral contribuição, têm em sangue frio, e impelidos por nenhuma necessidade, tido recurso a uma confiscação parcial e cruel?

Foi essa contribuição recusada sobre um pretexto de privilégio, seja na parte do clero ou na da nobreza? Não certamente. Quanto ao clero, eles mesmo correram diante dos desejos da terceira ordem. Previamente ao encontro dos estados, eles tinham em todas suas instruções expressamente dirigido seus deputados a renunciar toda imunidade, que os pôs sobre uma posição segura distinta da condição de seus sujeitos-companheiros. Nesta renunciação o clero foram mesmo mais explícitos do que a nobreza.

Mas deixe-nos supor que a deficiência tinha permanecido aos 56 milhões, (ou £. 2,200,000 esterlinas) como primeiramente declarado por Mr. Necker. Deixe-nos permitir que todos os recursos que ele opôs a essa deficiência foram impudentes e infundadas ficções; e que a assembleia (ou seus lordes de artigos * em os Jacobinos) (* Na consituição de Escócia durante os reinos Stuart, um comitê sentou para preparar notas; e nenhuma podia passar, a não ser aquelas previamente aprovadas por eles. Este comitê foi chamado lordes de artigos.) eram desde então justificados em deitar o fardo todo dessa deficiência sobre o clero,--ainda permitindo tudo isto, uma necessidade de £. 2,200,000 esterlinas não irá suportar uma confiscação ao montante de cinco milhões. A imposição de £. 2,200,000 sobre o clero, como parcial, teria sido opressiva e injusta, mas não teria sido de todo ruinosa para aqueles sobre quem ela foi imposta; e portanto não teria respondido à proposta real dos gerentes.

Talvez pessoas, não inteiradas com o estado de França, em ouvindo que o clero e a nobreza eram privilegiados em ponto de taxação, possam ser levadas a imaginar, que previamente à revolução esses

corpos não tinham contribuido nada para o estado. Isto é um grande engano. Eles certamente não contribuiram igualmente um com o outro, nem qualquer deles igualmente com os comuns. Eles ambos contudo contribuiram largamente. Nem nobreza nem clero desfrutavam qualquer isenção do imposto sobre mercadorias consumíveis, de deveres de costume, ou de qualquer das outras numerosas imposições *indiretas*, que em França tão bem como aqui, fazem tão grande uma proporção de todos pagamentos ao público. A nobreza pagava a capitação. Eles pagavam também uma taxa de terra, chamada o vigésimo pêni, até a altura por vezes de três, por vezes de quatro xelins na libra; ambas delas imposições *diretas* de nenhuma natureza leve, e nenhum produto trivial. O clero das províncias anexadas por conquista a França (que em extensão perfazem cerca de uma oitava parte do todo mas em riqueza uma muito maior proporção) pagava igualmente para a capitação e o vigésimo pêni, na taxa paga pela nobreza. O clero nas velhas províncias não pagava a capitação; mas eles tinham se redimido ao custo de cerca de 24 milhões, ou um pouco mais que um milhão de esterlinas. Eles eram dispensados dos vigésimos; mas então eles faziam doações grátis; eles contraíam débitos para o estado; e eles estavam sujeitos a algumas outras cobranças, o todo computado em cerca de uma décima-terceira parte de sua renda limpa. Eles deveriam ter pago anualmente cerca de quarenta mil libras mais, para colocá-los a par com a contribuição da nobreza.

Quando os terrores desta tremenda proscrição se penduraram sobre o clero, eles fizeram uma oferta de uma contribuição, através do arcebispo de Aix, que, por sua extravagância, não deveria ter sido aceitada. Mas ela foi evidentemente e obviamente mais vantajosa para o público credor, que qualquer coisa que pudesse racionalmente ser prometida pela confiscação. Por que não foi ela aceitada? A razão é plana---Não havia desejo que a igreja devesse ser trazida a servir o estado. O serviço do estado foi feito um pretexto para destruir a igreja. Em seu caminho para a destruição da igreja eles não iriam escrupulizar para destruir seu país: e eles o destruíram. Um grande fim no projeto teria sido derrotado, se o plano de extorsão tivesse sido adotado em lugar do esquema de confiscação. O novo interesse fundiário conectado com a nova república, e conectado com ela por seu ser mesmo, não poderia ter sido criado. Esta estava entre as razões por que esse extravagante resgate não foi aceito.

A loucura do projeto de confiscação, no plano que foi primeiro pretendido, logo tornou-se aparente. Trazer essa de difícil maneio massa de propriedade fundiária, aumentada pela confiscação de todo o vasto domínio fundiário da coroa, de uma vez para dentro de mercado, era obviamente derrotar os lucros propostos pela confiscação, por depreciando o valor dessas terras, e de fato de todos os estados fundiários através de França. Uma tal súbita diversão de todo seu dinheiro circulante de comércio para terra, precisa ser um dano adicional. Que passo foi tomado? A assembleia, em tornando-se sensível dos inevitáveis efeitos doentes de sua venda projetada, reverteu às ofertas do clero? Nenhuma desgraça poderia obrigá-los a viajar em um curso que era desgraçado por qualquer aparência de justiça. Abandonando todas esperanças de uma venda imediata geral, outro projeto parece ter sucedido. Eles propuseram tomar estoque em troca das terras da igreja. Nesse projeto grandes dificuldades surgiram em equalizar os objetos a serem trocados. Outros obstáculos também se apresentaram, que os jogaram de volta novamente sobre certo projeto de venda. As municipalidades tinham tomado um alarme. Elas não iriam ouvir de transferir toda a pilhagem do reino aos acionistas em Paris. Muitas daquelas municipalidades tinham sido (sobre sistema) reduzidas à mais deplorável indigência. Dinheiro não estava em lugar nenhum para ser visto. Eles foram portanto levados ao ponto que era tão ardentemente desejado. Eles suspiravam por uma moeda de qualquer tipo que pudesse reviver sua indústria perecente. As municipalidades eram então para ser admitidas a uma parte no espólio, que evidentemente tornava o primeiro esquema (se alguma vez ele tinha sido seriamente entretido) totalmente impraticável. Exigências públicas pressionavam sobre todos lados. O ministro de finança reiterou sua chamada por suprimento com uma mais urgente, ansiosa, e pressagiante voz. Assim pressionados por todos lados, em vez do primeiro plano de converter seus banqueiros em bispos e

abades, em vez de pagar o velho débito, eles contraíram um novo débito, a 3 por cento. criando uma nova moeda de papel, fundada sobre uma venda eventual das terras de igreja. Eles emitiram esta moeda de papel para satisfazer na primeira instância principalmente as demandas feitas sobre eles pelo *Banco de desconto*, a grande máquina, ou moinho-de-papel, de sua riqueza fictícia.

O espólio da igreja era agora tornado o único recurso de todas suas operações em finança; o princípio vital de toda sua política; a única segurança para a existência de seu poder. Era necessário por todo, até o mais violento meio, pôr todo indivíduo na mesma baixada, e vincular a nação em um interesse culpado para sustentar este ato, e a autoridade daqueles por quem ele foi feito. Para forçar os mais relutantes para dentro de uma participação de sua pilhagem, eles tornaram sua circulação de papel compulsória em todos pagamentos. Aqueles que consideram a tendência geral de seus esquemas para este um objeto como um centro; e um centro desde que depois todas suas medidas irradiam, não irão pensar que eu me demoro demais sobre esta parte dos procedimentos da assembleia nacional.

Para cortar fora toda aparência de conexão entre a coroa e justiça pública, e para trazer o todo sob obediência implícita aos ditadores em Paris, a velha judicatura independente dos parlamentos, com todos seus méritos, e todas suas faltas, foi totalmente abolida. Enquanto os parlamentos existiam, era evidente que o povo poderia alguma hora ou outra vir a recorrer a eles, e reorganizar-se sob o estandarte de suas leis antigas. Tornou-se contudo uma matéria de consideração que os magistrados e oficiais, nas cortes agora abolidas, *tinham comprado seus lugares* a uma muito alta taxa, por que, tão bem quanto para o dever que eles realizavam, eles não recebiam a não ser um muito baixo retorno de interesse. Confiscação simples é um benefício apenas para o clero;---para os advogados certas aparências de equidade são para ser observadas; e eles são para receber compensação até um montante imenso. Sua compensação torna-se parte do débito nacional, para a liquidação do que há o um inexaurível fundo. Os advogados são para obter sua compensação no novo papel de igreja, que é para marchar com os novos princípios de judicatura e legislatura. Os magistrados demitidos são para tomar sua parte de martírio com os eclesiásticos, ou para receber sua própria propriedade de um tal fundo a em uma tal maneira, como todos aqueles, que têm sido sazonados com os princípios antigos de jurisprudência, e tinham sido os guardiães jurados de propriedade, precisam ver com horror. Mesmo o clero são para receber sua concessão miserável saída do papel depreciado que é estampado com o indelével caráter de sacrilégio, e com os símbolos de sua própria ruina, ou eles precisam passar fome. Tão violento um ultraje sobre crédito, propriedade, e liberdade, como esta moeda de papel compulsória, tem raramente sido exibido pela aliança de falência e tirania, em qualquer tempo, ou em qualquer nação.

FIM DA PRIMEIRA PARTE DA TRADUÇÃO